

VLADIMIR JOSÉ DE MEDEIROS

**UM PAÍS, VÁRIOS “BRASIS”: AS IDENTIDADES EM *UM RIO
IMITA O RENO*, DE VIANNA MOOG.**

DOURADOS – 2016

VLADIMIR JOSÉ DE MEDEIROS

**UM PAÍS, VÁRIOS “BRASIS”: AS IDENTIDADES EM *UM RIO
IMITA O RENO, DE VIANNA MOOG.***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: *Fronteiras, identidades e representações.*

Orientador: Prof. Dr. **Jérri Roberto Marin.**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

Medeiros, Vladimir José
Um país, vários “Brasis”: As identidades em um rio imita
o Reno, de Vianna Moog. / Vladimir José Medeiros.
-- Dourados/MS, 2016.
183 f.

Tese (Doutorado - Doutorado em História) --
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da
Grande Dourados, 2016.
Orientador:PhD. Jérri Roberto Marin.

1. História e Literatura. 2. Vianna Moog. 3. Um rio
imita o Reno. 4. Identidade Nacional. 5. História do
Brasil República. I. Marin, Jérri Roberto. II. Título.

VLADIMIR JOSÉ DE MEDEIROS

**UM PAÍS, VÁRIOS “BRASIS”: AS IDENTIDADES EM *UM RIO*
IMITA O RENO, DE VIANNA MOOG.**

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em 16 de Dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Jérri Roberto Marin

(Dr.,

UFMS)

2º Examinador:

Eliazar João da Silva

(Dr.,

UFRB)

3º Examinador:

Ana Maria Colling

(Dr.,

UFGD)

4º Examinador:

Eudes Fernando Leite

(Dr.,

UFGD)

5º Examinador:

Maria Augusta de Castilho

(Dr., UCDB)

Suplente:

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

(Dr., UFGD)

Ao meu velho pai. Nos momentos mais sombrios,
a tua lembrança sempre me trouxe consolo e
esperança. Um dia nos reencontraremos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, ao meu orientador, prof. Dr. Jérri Marin, pelas horas dedicadas ao meu trabalho.

Agradeço à minha mãe, Fátima Leovir de Medeiros, por ser efetivamente MÃE! Teu amparo e zelo me trouxeram até aqui e, aquilo que conquistei em minha vida, em muito foi graças a senhora.

Agradeço à minha irmã, Márcia Maria de Medeiros, pelo apoio incondicional não só durante o doutorado, mas em toda a vida. Não existe distância que supere meu amor por você, mana!

Agradeço à minha esposa, Kaoana Sopelsa, que esteve ao meu lado, confortando-me, e ao mesmo tempo, suportando as horas de distanciamento que o *stricto sensu* promoveu. Tortuosos foram os nossos caminhos, mas escolhemos trilha-los juntos, sempre juntos. Amo você.

Agradeço aos amigos, amigas e colegas de trabalho, com quem pude partilhar os momentos de crescimento acadêmico e de angústia que a jornada do doutoramento produziu. Vossas existências em minha vida certamente contribuíram para essa realização. Obrigado!

Agradeço aos meus alunos e alunas, do ensino médio, graduação e pós-graduação. Por muitas vezes, a exposição a vocês de minha temática gerou reflexões importantes, capazes de contribuir na redação dessa tese.

Agradeço à Deus por esta benção. Sempre que me julguei incapaz, Tua força se fez presente. Mesmo sendo falho e pecador, nunca fui abandonado ou esquecido pelo Senhor.

Enfim, agradeço a todos e todas que, de modo ou de outro, auxiliaram nessa jornada. O meu mais sincero e terno MUITO OBRIGADO!!!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de <i>Um rio imita o Reno</i> . Edição de 1943	41
Figura 2 – Capa de <i>Um rio imita o Reno</i> . Edição de 1957	42
Figura 3 – Capa de <i>Um rio imita o Reno</i> . Edição de 1966	42
Figura 4 – Capa de <i>Um rio imita o Reno</i> . Edição de 1973	43
Figura 5 – Imagem do corte da seringueira para extração do látex	45
Figura 6 – Mapa do Rio Grande do Sul	123
Figura 7 – Mapa de Santa Catarina	123

RESUMO

A presente tese objetiva analisar as identidades no romance *Um Rio Imita o Reno*, publicado em 1939, por Vianna Moog. As relações entre História e Literatura foram consideradas, pensando no contexto brasileiro e no contexto mundial abordado no romance, tocando temas importantes como o nacionalismo, o germanismo, o fascismo e o discurso da "raça pura". Em particular, a obra denota que o germanismo, com o aumento das colônias do Sul do Brasil, comprometeu a soberania e a unidade nacional. Além disso, este trabalho fez relações do romance com as obras *O Ciclo do Ouro Negro* (1936) e *Novas Cartas Persas* (1937). *Um Rio Imita o Reno* tematizou o germanismo e o fascismo na cidade de Blumental e a formação de cistos étnicos no sul do Brasil. O trabalho alcançou grande sucesso editorial, sendo premiado com o Prêmio Graça Aranha em 1939 e em 1945 Vianna Moog foi eleita para ocupar a quarta cadeira da Academia Brasileira de Letras. As Secretarias de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina divulgaram o trabalho nas escolas. O prestígio alcançado permitiu a Vianna Moog ascender à função pública em cargos de prestígio, como Delegado do Tesouro em Nova York (1946), representante do Brasil na Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas (1950) e assessor cultural internacional da Comissão de Ação Cultural da OAS (1952). Esses elementos permitem compreender as influências de suas experiências na composição de sua obra literária. Como resultado, a pesquisa elucidou as construções e concepções sobre a identidade nacional e entende Moog como intérprete do Brasil. Vianna Moog argumentou que a miscigenação e os híbridos culturais seriam elementos indispensáveis no processo de formar um povo genuinamente brasileiro e construir uma identidade nacional. A miscigenação racial tornaria possível formar um país coeso e integrado como uma coletividade. Para isso, era necessário um Estado forte e centralizado para reunir a nação. Essa tentativa foi absorvida pelo Estado durante o regime de Vargas, um regime que valorizou a elaboração de uma identidade nacional, fato que também contribuiu para o sucesso do romance. Desta forma, o ser europeu (imigrante / colonizador alemão, segundo o exemplo do romance *Um Rio Imita o Reno*) deve ser integrado à nacionalidade, absorvendo-a, à moral do trabalho e dos avanços científicos. Em contraste com os indígenas, a experiência com a natureza e a maleabilidade de viver com ela eram valores que, fundamentalmente, careciam de preservação. Para o sucesso dessa jornada, aos olhos de Vianna Moog, a superação dos conflitos étnicos e o regionalismo segregante seriam elementos centrais para que esta hibridação pudesse ocorrer de forma positiva para a formação do povo brasileiro.

Palavras-chave: *Um Rio Imita o Reno*. História e Literatura. Identidades.

ABSTRACT

The present thesis aims to analyze the identities in the novel *Um Rio Imita o Reno*, published in 1939, by Vianna Moog. The relations between History and Literature were considered, thinking the Brazilian context and the world context addressed in the novel, touching important issues such as nationalism, Germanism, fascism and the discourse of "pure race". In particular, the work denotes that Germanism, with the increases the colonies of the South of Brazil, jeopardized sovereignty and national unity. In addition, this work made relations of the novel with the works *O Ciclo do Ouro Negro* (1936) and *Novas Cartas Persas* (1937). *Um Rio Imita o Reno* thematized Germanism and fascism in the city of Blumental and the formation of ethnic cysts in southern Brazil. The work achieved great editorial success, being awarded the Graça Aranha Prize in 1939, and in 1945 Vianna Moog was elected to occupy the fourth chair of the Brazilian Academy of Letters. The Secretariats of Education of the state of Rio Grande do Sul and Santa Catarina disseminated the work in schools. The prestige achieved enabled Vianna Moog to rise to public office in prestigious positions, such Treasury Delegate in New York (1946), Brazil's representative to the United Nations Committee on Social Affairs (1950) and international cultural adviser to the Commission Of Cultural Action of the OAS (1952). These elements allow us to understand the influences of his experiences in the composition of his literary work. As a result, the research elucidated on the constructions and conceptions about the national identity and understands Moog as interpreter of Brazil. Vianna Moog argued that miscegenation and cultural hybrids would be indispensable elements in the process of forming a genuinely Brazilian people and building a national identity. Racial miscegenation would make it possible to form a cohesive and integrated country as a collectivity. To do this, a strong, centralized state was needed to bring the nation together. This attempt was absorbed by the state during the Vargas regime, a regime that prized for the elaboration of a national identity, a fact that also contributed to the success of the novel. In this way, the European being (immigrant / German settler, according to the example of the novel *Um Rio Imita o Reno*) should be integrated with the nationality, and absorbed in it, the moral of work and the scientific advances. In contrast to the indigenous, the experience with nature and malleability in living with it were values that fundamentally lacked to be preserved. For the success of such a journey, in the eyes of Vianna Moog, the overcoming of ethnic conflicts and segregating regionalism would be central elements so that this hybridization could occur in a positive way for the formation of the Brazilian people.

Key words: *Um Rio Imita o Reno*. History and Literature. Identities.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Entre a pena e a espada: Vianna Moog entre a Política e a Literatura.....	18
1.1. A construção intelectual de Vianna Moog.....	26
2. Vianna Moog e os vários “Brasis”.....	71
2.1. As veredas literárias de Vianna Moog: <i>O Ciclo do Ouro Negro</i>	73
2.2. <i>Novas Cartas Persas</i>	83
3. As identidades em <i>Um Rio Imita o Reno</i>.....	112
3.1. O rio e a questão nacional.....	114
3.2. As identidades na obra <i>Um Rio Imita o Reno</i>	126
3.3. As concepções de identidade nacional para Vianna Moog em <i>Um Rio Imita o Reno</i> ’.....	162
Considerações finais.....	168
Referências.....	171

Introdução

Na atualidade, História Cultural é um dos campos fundamentais da História. É desde a década de 1960¹ que esse campo foi sendo estruturando a partir de debates teóricos e metodológicos que criaram rigores epistemológicos primordiais, como a aproximação com outras áreas do conhecimento, a utilização de fontes diversas na composição dos estudos e a análise contextualizada, considerando a subjetividade do ser², possibilitando a difusão das prerrogativas de pesquisa e publicação nesse âmbito da historiografia.

Sobre isso, Burke enfatiza:

[...] o século XIX testemunhou uma extensa lacuna entre história cultural, basicamente abandonada à história amadora e profissional, e história "positivista", cada vez mais interessada em política, documentos e "fatos concretos". Apesar das mudanças ocorridas na última geração, entre elas a elevação de "estudos culturais" à respeitabilidade acadêmica, talvez ainda seja cedo demais para afirmar que essa lacuna ainda foi preenchida.³

Ao longo das décadas que se seguiram, várias foram as discussões, as rupturas e as continuidades estabelecidas no bojo da História Cultural. A Escola dos Annales, principalmente

¹ Lynn Hunt, na apresentação da obra *A nova história cultural* (1992) atribui à Nova Esquerda Inglesa a Gênese da "nova história cultural". Na década de 1960, autores como Edward Carr (1961) e E. P. Thompson (1963) constituíram-na a partir de discussões teóricas nos meandros da História e da Sociologia.

² Peter Burke (2000 e 2005), Roger Chartier (1991), Lynn Hunt (1992) e Hayden White (1994) são autores que referendam e discutem as questões relacionadas à metodologia e à epistemologia da História Cultural e a escrita da História.

³ BURKE, P. *O que é história cultural*, p. 7.

a partir da chamada “terceira geração”⁴, promoveu significativas contribuições para o crescimento teórico e de publicações no campo. Ratificou-se nesse ponto a necessidade de aproximação com outras áreas do conhecimento.

Nesse aspecto, Lynn Hunt apresenta que:

Os historiadores como Chartier e Revel não propuseram simplesmente um novo conjunto de temas para investigação; foram além das mentalités [sic], com o objetivo de questionar os métodos e objetivos da história em geral [...]. Endossaram a avaliação de Foucault de que os próprios temas das ciências humanas [...] são produtos de formações discursivas historicamente contingentes. [...] Onde estaremos quando todas as práticas, sejam elas econômicas, intelectuais, políticas ou sociais, revelarem ser culturalmente condicionadas?⁵

É na formação discursiva que a historiografia cultural apresenta que esse trabalho visa estabelecer sua contribuição. Trata-se de perceber uma aproximação em específico: História e Literatura enquanto espaço de percepção das mais diferentes relações humanas, desde as mais simples às mais complexas, transmutadas em texto em um determinado contexto, referendando-o direta ou indiretamente.

Cabe àqueles que se debruçam sobre tal objeto extrair as concepções existentes naquele texto, para decodificar as informações de como viviam, de como pensavam os inseridos no referido período. Sobre o assunto, Albuquerque Júnior aponta:

A relação entre História e Literatura é um dos temas mais recorrentemente debatidos, nos últimos anos, pelos historiadores. Desde que o estuturalismo e a chamada virada lingüística colocaram a linguagem e a narrativa no centro das discussões, no campo das Ciências Sociais, os historiadores vêm se debatendo com o fato de que escrevem, de que utilizam a linguagem, de que narram e de que a narrativa é a forma através da qual constroem a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos. [...], os historiadores se voltaram para pensar o estatuto de seu próprio saber, os limites e as fronteiras que deveriam ter seu discurso. [...]. A partir dos anos sessenta [...], começou a ser publicada uma grande quantidade de textos [...] cuja temática passa a ser a escrita da História, suas regras, suas particularidades e, notadamente, sua diferença em relação ao texto literário. [...]. Aos historiadores caberia a abordagem dos fatos e só aos escritores seria permitida a ficção. [...]. A História

⁴ Aqui podem ser destacados nomes como Foucault, Le Goff & Duby, Delumeau, Chartier, entre outros. Todos eles contribuíram, não só em âmbito teórico, mas também metodológico e prático, na História Cultural. Sobre isso, ver: BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.

⁵ KRAMER, L. S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, L. *A nova história cultural*, p. 13.

teria compromisso com a verdade, a Literatura poderia ser fruto da pura imaginação.⁶

O debate acerca da aproximação entre essas áreas do conhecimento tem sido bastante vívido nas últimas décadas. Deve-se salientar, porém, que essa não é uma conjuntura inédita e, muito menos, nova, visto que ambas contribuem significativamente na construção das mais diversas sociedades humanas. Nesse sentido, o que se caracteriza é um processo de ressignificação teórico-metodológica, fruto da conjuntura em questão.

O objetivo deste trabalho situa-se na compreensão das identidades individuais e coletivas na obra *Um Rio Imita o Reno*, de Vianna Moog. Para tanto, tornou-se fundamental analisar não só esse romance em questão, mas também a vida e a carreira do autor, bem como dois outros livros por ele escritos, os ensaios *O Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas*. A composição de *Um Rio Imita o Reno*, a conjuntura histórica na qual a obra foi escrita, e os ensaios escritos por Vianna Moog antes da publicação do romance, permitem a elucidação das concepções do autor em relação ao Brasil.

Em *O Ciclo do Ouro Negro*, Vianna Moog analisa as dificuldades que o Brasil enfrentava no início do século XX para explorar economicamente a região amazônica. Para tanto, tratou dos desafios naturais, das provações econômicas e também das questões étnicas, culturais e sociais envolvidas. É nas páginas desse ensaio que repousam as concepções de povo brasileiro sustentadas pelo autor.

Já na obra *Novas Cartas Persas*, Vianna Moog caracterizou as relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas no Brasil à época da presidência de Getúlio Vargas. As cartas, trocadas entre três personagens (Usbek, Rustan e Iben), tratam do governo, das relações sociais e econômicas e também de questões étnico-raciais.

O objeto deste estudo fica caracterizado, então, a partir da soma das leituras e das vivências do autor, transformadas em obras e publicações. Pensando nessa relação entre a vivência humana e a composição literária, Márcia Medeiros afirma que:

Desse fenômeno não há como escapar: a literatura seja como ficção, seja como estilo, esboça-se no texto das mais elementares relações humanas; as mais simples e constantes transformações das coisas e dos valores sociais estimulam a transformação dos significados e, a partir desse prisma, até anedotas passam a conter juízos perfeitos. Toda a ficção literária se origina dessa translação nos significados das palavras que se referem ao humano, às necessidades dos homens e dos

⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria da história, p. 43-44.

movimentos sociais, ao espaço em que a sociedade se organiza, às relações sociais que se estabelecem entre os pequenos e os grandes grupos humanos.⁷

Ainda sobre tal relação entre a vivência humana e a produção literária, nos quadros da ficção histórica, Marilene Weinhardt ressalta:

Estas considerações do historiador sobre o relacionamento do ser humano com o passado abrem uma via de reflexão para se buscar a compreensão das razões que determinam os recortes do passado realizado pela ficção histórica. Se, por um lado, a existência de registros documentais é significativa dos modos de compreensão da época, de outro, a maneira de resgatá-los e o aproveitamento ficcional dizem, sobre a época do escritor e dos leitores, suas procuras e inquietações, tanto no plano individual como no coletivo.⁸

Ficção histórica é um subgênero de ficção que se constitui pela elaboração de um enredo pautado em eventos ou momentos históricos. *Um Rio Imita o Reno* enquadra-se nessa categoria pois o romance insere-se temporal e espacialmente no Brasil do final dos anos 1930. As autoras enfatizam a capacidade da literatura de ser veículo de difusão de elementos da vivência humana. Como toda e qualquer outra fonte utilizada pelo historiador, a literatura é construída por seres humanos dentro de um contexto e de uma conjuntura, o que significa que ela trará, em seus meandros, elementos representativos dessa ambiência. Para alcançar esse entendimento, este estudo é subdividido em três capítulos, que, por mais que tratem de elementos distintos, estão circunscritos ao universo vivido e escrito por Vianna Moog na década de 1930.

Ao se estar aqui amparado pelas propostas de White⁹ e Foucault¹⁰, isso significa, a princípio, compreender as estratégias discursivas do trabalho em questão de Vianna Moog e, tendo isso por base, observar sua inserção no contexto político e social do Brasil no final da década de 1930. A análise literária se torna possibilidade para o historiador quando há o entendimento de que ambas as análises – histórica e literária – se constituem materialmente na Narrativa.

Sobre a riqueza dessa paridade, White propõe:

A meu ver, a história enquanto disciplina vai mal atualmente porque perdeu de vista as suas origens na imaginação literária. No empenho de

⁷ MEDEIROS, M. M. de. *A construção da figura religiosa no romance de cavalaria*, p. 62.

⁸ WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre o romance do Sul*, p. 30.

⁹ WHITE, H. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EdUsp, 1994.

¹⁰ FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/276782/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

parecer científica e objetiva, ela reprimiu e negou a si própria sua maior fonte de vigor e renovação. Ao fazer a historiografia recuar (...) à conexão com sua base literária, (...), devemos fazê-lo no intuito de chegar àquela “teoria” da história sem a qual não se pode de maneira alguma considerá-la disciplina.¹¹

White afirma que toda a narrativa histórica pressupõe interpretação. Essa é fundamental para a construção das “[...] imagens em que deve refletir-se a forma do processo histórico”¹². Assim, é do ofício do historiador, durante o procedimento da interpretação, subtrair os relatos e os fatos que se apresentem estéreis à sua atividade narrativa. Seguindo, além de subtrair, interpretar também significa preencher lacunas a partir de inferências e de suposições e, dessa forma, White afirma que a narrativa é “[...] ao mesmo tempo uma representação que é uma interpretação e uma interpretação que é tomada por uma explicação de todo o processo refletido na narrativa”¹³.

Assim, a proposta de análise fundada neste trabalho pressupõe verificar *Um Rio Imita o Reno* a partir de seu contexto histórico, e singrar por suas páginas tendo a convicção de que sua produção literária foi fruto da subjetividade e identidade de Vianna Moog. Essa postura permite enxergar as referidas estratégias discursivas.

O suporte teórico para este capítulo apoia-se em Hall, em Bhabha e em Said, no que se refere ao conceito de identidade e seus desdobramentos. Na análise fica evidenciado o modo pelo qual o romance e suas personagens foram construídos de forma a tangenciar as subjevidades, os entrelugares, as identidades e as diferenças.

O Estado-Nação é uma comunidade simbólica construída por símbolos, emblemas, mitos e discursos que forjam uma coletividade pura, autêntica, coesa e distintiva, ou seja, *nós* (brasileiros), *companheirismos*, *laços de afetividades* e sentimentos de responsabilidade política para com os demais membros da comunidade local e com o país (o patriotismo). Para definir a identidade é necessário também eleger aspectos comuns e diferenças, pois a identidade se constrói a partir da existência de um “outro”, ou seja, da alteridade. Para Hall, a cultura nacional/regional é um discurso – um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos, pois “[...] as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”¹⁴. Por outro lado, integrantes de um mesmo grupo podem

¹¹ WHITE, H. *Trópicos do discurso*, p. 116.

¹² WHITE, H. *Trópicos do discurso*, p. 65.

¹³ WHITE, H. *Trópicos do discurso*, p. 65.

¹⁴ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 50-51.

aderir de forma diferenciada ou não se sentirem reconhecidos nesses sentidos, como os imigrantes alemães, por exemplo. Para Hall, a identidade é responsável por conectar o sujeito à estrutura social na qual ele está inserido.

Assim, pensar as rupturas e as reconstruções das identidades em *Um Rio Imita o Reno* tangencia a percepção das relações estabelecidas entre os distintos grupos sociais.

Bhabha apresenta-se de forma fundamental por permitir debates acerca das interações e das negociações culturais de indivíduos que vivenciaram os deslocamentos e exílios. Nos entrelugares, os indivíduos são obrigados a negociar suas identidades diante das circunstâncias que se apresentam. Para Bhabha, nesse processo não ocorre “[...] simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou 'inerentes' de transformação”¹⁵. Diante de cada situação, rompe-se com as identificações fixas e abrem-se as possibilidades de hibridações.

Said, ao abordar as construções identitárias extrínsecas, possibilita o estudo das vivências dos indivíduos que experienciam os deslocamentos. Definir ou caracterizar o outro enquanto diferente e como ameaça resulta na problemática abordada no enredo de *Um Rio Imita o Reno*: o romance proibido, por razões étnicas e culturais, de Geraldo Tôrres e Lore Wolff.

É nesse interstício que se situa o estudo proposto neste texto. Trata-se de pensar a obra *Um Rio Imita o Reno* para além dos aspectos literários, percebendo sua contribuição sócio-histórica para a construção de uma interpretação relativa ao contexto brasileiro da época. Estima-se, através dos meandros da ficção desenvolvida no livro, compreender como Vianna Moog analisa e interpreta o Brasil e a identidade nacional na década de 1930.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em três capítulos. No primeiro, intitulado "Entre a pena e a espada: Vianna Moog entre a Política e a Literatura", evidencia-se a influência da realidade vivida pelo escritor na composição de suas obras na década de 1930. Nele, debruçamo-nos no processo de construção do intelectual, do homem público e do funcionário de carreira do Estado.

Fundamenta-se, nesse capítulo, a relação existente entre esses três projetos. O estudo leva à compreensão de que tudo era desenvolvido por Vianna Moog de forma concomitante. Depois do revés na Revolução Constitucionalista de 1932, da qual o autor participou e, por isso, acabou punido com o exílio de dois anos no Norte do Brasil, buscou novos caminhos, novos

¹⁵ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 74-75.

meios de participar da vida política nacional, apoiando suas pretensões nesse âmbito em seu sucesso intelectual.

Já o capítulo subsequente, intitulado "Vianna Moog e os vários 'Brasis'", tem por objetivo tratar da relevância e da contribuição dos ensaios *O Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas* para a sua visão de Brasil e identidade brasileira. Destaca-se ainda o quanto esses trabalhos plasmaram conceitos importantes para a construção do romance, objeto de estudo central desta tese.

O terceiro e último capítulo, "As identidades em *Um rio imita o Reno*", propõe analisar o livro *Um Rio Imita o Reno*. Nele, a questão identidade nacional é o ponto fulcral. Vista de forma contextualizada, à luz das discussões realizadas nos capítulos anteriores, propõe-se a percepção da referida obra como a síntese das observações de Vianna Moog sobre o que viria a ser o conceito de brasileiro e os desafios existentes para sua consolidação.

CAPÍTULO I

Entre a Pena e a Espada: Vianna Moog entre a política e a literatura

Para aquilo que se objetiva nesta pesquisa, a compreensão de Vianna Moog enquanto intérprete de Brasil a partir da construção da obra *Um Rio Imita o Reno*, é preciso observar o contexto histórico e literário da década de 1930. Deve-se ressaltar que a estruturação do Estado varguista e a forma como esse *constructo* político agiu frente à sociedade brasileira foram fundamentais para a composição do trabalho do Viana Moog.

Além disso, a composição de sua carreira intelectual e da dos escritos anteriores (e que afluem para) à obra *Um Rio Imita o Reno* são fatores que se apresentam de modo fulcral para que sua proposta de país possa ser verificada e entendida. Ademais, seus trabalhos auxiliam ainda na percepção de seus valores, anseios e desejos.

Conhecer e reconhecer o autor torna-se algo mister a partir da discussão que Michel Foucault desenvolve no debate acerca da questão *O que é um Autor?* Para Foucault, a compreensão de qualquer obra, de qualquer texto, afinal, de qualquer escrita, pressupõe necessariamente a identificação daquele que a escreveu, visto o conjunto discursivo que carrega e descarrega nas palavras que compõem essa escrita. Dessa maneira, sinaliza:

[...] um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.); ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, declimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. [...] Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, [...], mas que se trata de

uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo *status*.¹⁶

Assim, ratificada a necessidade de construir o perfil de quem é o autor de uma escrita para a análise de sua obra de forma conjuntural, inicia-se a busca pela resposta à indagação: Quem é Vianna Moog? Clodomir Vianna Moog nasceu na cidade de São Leopoldo em 28 de outubro de 1906. Era filho de Marcos Moog, funcionário público federal, e de Maria da Glória Vianna, professora de escola pública. Percebe-se que, pelas atribuições profissionais de seus pais, Vianna foi filho de uma família com boas condições econômicas, o que lhe garantiu a possibilidade de dedicar-se aos estudos.

Sua carreira estudantil se iniciou na escola dirigida por sua mãe e depois foi aluno no Colégio Elementar Visconde de São Leopoldo. Mais tarde, em 1918, mudou-se para Porto Alegre, onde frequentou o Colégio Júlio de Castilhos, que era uma das escolas mais tradicionais do Rio Grande do Sul, sendo que por ela passaram diversos ícones da história e da intelectualidade rio-grandense, como, por exemplo, Aureliano de Figueiredo Pinto, Leonel Brizola e Iara Lopes Vargas.

Em 1924, Vianna Moog foi para o Rio de Janeiro. O jovem aspirava ingressar na Escola Militar do Realengo. O interesse em ingressar no Exército demonstrava o quanto as questões nacionais o preocupavam. Para a sua frustração, a instituição suspendeu a seleção de cadetes naquele ano. Vale ressaltar que, em 1924, ocorreram dois levantes dentro dos parâmetros do Movimento Tenentista: a Revolução de 1924, em São Paulo, e a Comuna de Manaus. Considerando que a escola de Realengo formava justamente aspirantes para o médio oficialato, foram suspensas suas seleções no intuito de enfraquecer o Tenentismo¹⁷.

Em vista do acontecido, restou a Vianna Moog um retorno forçado ao Rio Grande do Sul, onde, em 1925, iniciou estudos na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Esse contexto permite uma visualização subjetiva na forma como Vianna gostaria de servir de alguma maneira ao Brasil em aspectos organizacionais. Como se sabe, tanto a carreira militar quanto a jurídica tratam da implementação e da consolidação de regras. Ambas auxiliam na composição, organização e defesa da coletividade nacional.

¹⁶ FOUCAULT, M. *O que é um autor?*, p. 277.

¹⁷ Conjunto dos movimentos político-militares de que participaram membros do médio oficialato do Exército Brasileiro, sobretudo tenentes. Eclodindo na década de 1920 e começos da de 1930, o Tenentismo se caracterizava pelo descontentamento quanto às condições econômicas, sociais, políticas e institucionais então vigentes no país. Sobre o tema, ver: WERNECK SODRÉ, N. *O tenentismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Os contatos estabelecidos logo no início do curso de Direito possibilitaram sua nomeação para o cargo de guarda-fiscal interino da Repressão do Contrabando na Fronteira e, posteriormente, sua designação para a Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Nesse momento, a carreira no funcionalismo público de Vianna Moog começava.

Dois elementos tornam-se bastante significativos e merecem ressalva para a composição do estudo da relação autor e obra: o gosto pelo estudo e vida acadêmica e a vontade de participar de maneira ativa da estrutura burocrática do Estado. Seriam esses os caminhos pelos quais ele posteriormente desenvolveria seus estudos acerca do Brasil e de sua identidade. Na escolha de carreira como funcionário público, realizada a partir da frustração de 1924, começava a se formar o intelectual Vianna Moog.

Em 1926, a experiência na Delegacia Fiscal de Porto Alegre lhe preparou as condições para a aprovação no concurso para o cargo de agente fiscal de imposto de consumo. Depois de empossado, cumpriu dois anos de trabalho em Santa Cruz do Sul e um em Rio Grande. Em 1930 concluiu o Curso de Direito, sendo escolhido o orador da turma, o que demonstrava sua eloquência e habilidade com a retórica discursiva, elemento fundamental à prática literária.

Ainda em 1930, momento no qual se reforçaram as correntes autoritárias, antidemocráticas e nacionalistas, ingressou na campanha política da Aliança Liberal¹⁸, como cabo eleitoral de Getúlio Vargas. Com a derrota no pleito, envolveu-se na Revolução de 1930¹⁹, defendendo a causa getulista. Suas concepções políticas, as quais tinham laivos democráticos, ficaram latentes dois anos depois, quando participou da Revolta Constitucionalista de 1932, desta vez contra Getúlio.

O apoio à causa getulista em 1930 foi coerente com a sua postura contrária ao modelo oligárquico que a República café-com-leite adotava a partir do governo de Campos Sales (1898-1902). O salvacionismo da pátria e o nacionalismo presente no imaginário²⁰ tenentista, de certa forma, se coadunava com os princípios defendidos por ele.

¹⁸ Na eleição de 1930, a Aliança Liberal (AL) aparecia como a oposição para o pleito. Getúlio Vargas era o candidato à presidência, disputando o cargo contra Júlio Prestes, do Partido Republicano Paulista (PRP). Ver mais em FAUSTO, B. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

¹⁹ Sobre o assunto, ver: FAUSTO, B. *A Revolução de 1930: história e historiografia*. São Paulo: Cia das Letras, 1997; MEIRELLES, D. *1930: os órfãos da revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

²⁰ Para a elucidação das questões teóricas acerca do imaginário, ver: FALCON, F. *História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002; BURKE, P. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; GINZBURG, C. Representação: a ideia, a palavra, a coisa. In: GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85-103; HUNT, L. Apresentação: história, cultura e texto. In: HUNT, L. (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-29.

Dois anos mais tarde passou, porém, a combater o governo instituído por Vargas. Seu posicionamento político, no entanto, não consistia em uma mudança de postura ou de concepções políticas. Vianna Moog buscava participar da vida política do país, queria contribuir na construção de um novo Brasil após os anos em que, para ele, a República fora gerida corruptamente pelos coronéis do café.

Esse contexto tem relação com os interesses do Autor²¹. A formação acadêmica em Direito obtida junto à Faculdade de Direito de Porto Alegre gerou em si aspirações voltadas a uma carreira de homem público, portanto associadas à política. Tal perspectiva decorreu das características da formação que tal graduação ofertava. Segundo Miceli, “[...] a Faculdade de Direito era a instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais”.²²

Seu engajamento na causa getulista em 1930 se deu por conta de uma formação influenciada pelos ideais positivistas e nacionalistas difundidas pelo Exército e pela Faculdade de Direito de Porto Alegre. As dificuldades políticas e econômicas enfrentadas pelo Brasil até 1932, levando em consideração a ruptura política e a centralização do poder nas mãos de Vargas, bem como os reflexos da Crise de 1929, o levou ao desencanto em relação a esse primeiro projeto e, a partir daí, sua não participação na Revolução de 1932. Sendo assim, sua vontade pessoal acabou por impeli-lo à mudança para se tornar opositor ao regime. Miceli analisa esse quadro da seguinte forma:

Pelo menos no que diz respeito às características sociais e às perspectivas de carreira da maioria dos integrantes da “inteligência” desses movimentos, a Revolução de 1930 e os primeiros anos do governo provisório não apenas lhes infligiram a condição momentânea de “sem trabalho” da política como pareciam cancelar a possibilidade de que viessem a prestar serviços aos novos “donos do poder”.²³

Vianna Moog valorizava a carreira no funcionalismo público. Buscou, a partir de suas ações e contatos pessoais, galgar espaço e oportunidades para alavancar sua carreira. Observa-se assim certa flexibilização em relação à fronteira entre o público e o privado, no intuito de concretizar seus objetivos. Refere Carvalho:

[...] Moog se correspondeu com outras pessoas de sua época, o que sinalizou para a formação de uma teia de relacionamentos que lhe fosse benéfica no curso da trajetória política e intelectual. [...], o envio de

²¹ A expressão “Autor” (“A” maiúsculo), será utilizada no decorrer do trabalho em designação à Vianna Moog

²² MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 115.

²³ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 240.

cartas se dá de maneira direta, do político Moog a outro político, do intelectual a um colega intelectual e, de maneira cruzada, do Moog intelectual a um político, ou Moog falando em política a um contemporâneo romancista, ensaísta.²⁴

Os posicionamentos em relação aos acontecimentos nacionais e às figuras envolvidas não ocorreram de maneira aleatória. Vianna Moog tentava se posicionar da melhor forma possível, de maneira a alavancar a si próprio, em busca da sua consolidação enquanto homem público.

Após a Revolução de 1930, Getúlio governou por dois anos sem demonstrar uma preocupação em encaminhar o Brasil para a organização da República. Utilizava-se do fato de que a Constituição de 1891 representava a cópia de fórmulas estrangeiras e inadequadas à realidade brasileira, ficando inviável segui-la para gerir o país naquele contexto histórico. O Brasil havia deixado de ser dominado por uma elite coronelista, mas observava o poder agora concentrado nas mãos de um presidente que havia chegado ao poder por meio de um golpe, fato que lhe permitia sobrepujar as demais instâncias de poder da República. Alegava-se que o povo não estava preparado para o exercício da democracia. Tal conjuntura é apresentada por D'Araújo, respectivamente, da seguinte forma:

Declarando morta a Constituição vigente, a de 1891, uma das primeiras iniciativas do novo governo foi o fechamento do Congresso Nacional e assembléias [sic] estaduais e municipais e a deposição de todos os governadores de estado, com exceção do de Minas Gerais. [...]. Com essas medidas, Vargas mudava substancialmente o funcionamento do sistema político, reestruturava os canais de acesso ao poder e, por medida de segurança, buscava corrigir a seu modo a descentralização administrativa e política da República Velha.²⁵

Nota-se que a Revolução de 1930 desencadeou um conjunto muito maior de questionamentos do que simplesmente aqueles em âmbito político. A entrada de Getúlio Vargas no poder não selou um destino sólido e uno para o país, mas, sim, abriu margem para inúmeras formas de ver, pensar e interpretar a nação. Joel Rufino dos Santos afirma que a referida revolução levou a um “[...] conjunto de transformações que a sociedade brasileira conheceu aproximadamente entre 1918 [...] e 1945 [...], e se prolongou para além disso”.²⁶

²⁴ CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho*: Vianna Moog, um intérprete de Brasil, p. 93.

²⁵ D'ARAÚJO, M. C. *A Era Vargas*, p. 20.

²⁶ SANTOS, J. R. dos. Cultura e crítica literária: uma nova perspectiva. In: CUNHA, P. R.; CABRAL, F. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. p. 280.

Os anos de 1920 no Brasil acirraram os debates sobre a questão social em razão dos movimentos políticos, sociais e culturais estabelecidos, muito influenciados por acontecimentos mundiais, como a Revolução Russa. Com a Crise de 1929, e seus devastadores reflexos à economia brasileira, veio a necessidade do debate sobre a natureza do Estado.

A incapacidade das instituições liberais de vencer o atraso e a desordem existentes no país na transição dos anos 1920 para os anos 1930, incapacidade aliada à necessidade do exercício de poder e controle sobre a população que vinha crescendo em questionamentos e reivindicações, acarretou providências de reforço do autoritarismo e de adoção de posturas antidemocráticas.

Vargas, ao assumir a presidência, deixou transparecer tais concepções a partir do momento em que eliminou os órgãos legislativos e governou sem importar-se com a legislação constitucional vigente. As elites paulistas, que outrora beneficiavam o modelo político federalista, passaram a exigir a volta do regime liberal federativo, o que culminaria, primeiramente, com a Revolução Constitucionalista de 1932 e, após isso, a pacificação de fato com a convocação da Assembleia Constituinte em 1933.

Essa conjuntura explica por que Vianna Moog se engajou na luta paulista de 1932. Essa luta visava obter a convocação de uma Assembleia Constituinte, visava reaver o domínio político que haviam perdido com a Revolução de 1930, visava também destituir o governo provisório de Getúlio Vargas e visava ainda acabar com a interferência federal nos estados. Tais elementos comprovam a insatisfação e a revolta que o governo Vargas criava perante seus opositores.

O projeto de vida de Vianna Moog passava pela conquista do espaço público, pela difusão de suas concepções políticas e a defesa de seu posicionamento frente ao papel do Estado. As medidas adotadas pelo presidente entre 1930 e 1932 tolhiam e limitavam essas possibilidades. Lutar contra Getúlio Vargas representava, nessa altura, lutar por suas concepções políticas e por seus interesses pessoais. E em relação a isso, Carvalho afirma:

Nesta via de concepção universal acompanhada de liberdade de atuação e manifestação, transcorre boa parte da trajetória de Moog. Ele pegou em armas em apoio a Getúlio Vargas em 1930, e contra Vargas dois anos depois, desta vez em favor da revolução constitucionalista.²⁷

Por sua participação no levante contrário ao governo e frente às políticas varguistas, Vianna Moog foi preso e deportado para Manaus, na Amazônia. De lá, foi enviado para

²⁷ CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 90.

Teresina, no Piauí e novamente para Manaus, de onde, em 1934, recebeu anistia para retornar ao Rio Grande do Sul. Não só ele, mas outros presos políticos²⁸ foram libertados e puderam retornar aos seus estados e municípios de origem.

Isso ocorreu pela restauração (pelo menos temporária) da democracia brasileira, a partir da consolidação da Constituição de 1934. Para apaziguar possíveis questionamentos acerca de seu governo, Getúlio Vargas iniciou o processo de construção de uma nova Carta Magna para o país. Segundo D'Araújo, “[...] Getúlio, como muitos estadistas do seu tempo, não tinha apreço pela competição política, pelas instituições democráticas”.²⁹

O próprio Getúlio Vargas, em seu diário, apresentou suas concepções sobre a Constituição, onde afirma:

Estes dias foram de intenso trabalho. Dos ministérios, jorravam quase que diariamente dezenas de decretos para assinar antes da promulgação da Constituinte.

Afinal, chegou esse dia [...], foi promulgada a nova Constituição. Parece-me que ela será mais um entrave do que uma fórmula de ação [...].³⁰

Mesmo em exílio forçado, Vianna Moog pôde se beneficiar da rede de contatos estabelecidos desde os tempos da graduação em Direito. A princípio, ele deveria ser enviado para a fronteira sul do Rio Grande do Sul, região à época considerada de extrema periculosidade. Por intermédio de Spartacus Vargas (vulgo “Pataco” Vargas, irmão de Getúlio e seu amigo), a ordem de exílio fora transferida para a região Norte, como já citado.

A interação público/privado instituída com Pataco Vargas não se encerraria no episódio destacado. Décadas depois, em 1953, Vianna Moog faria uso de sua teia de relacionamentos para retribuir o favor ao amigo. Nessa feita, o contato deu-se com o então Ministro João Neves da Fontoura³¹, no intuito de garantir emprego à Iara Vargas, filha de Pataco:

[...] transmitiu notícias da filha de Pataco, Iara, que estava residindo com a família de Moog no México, e trabalhava como professora de língua portuguesa em universidade daquele país, [...]. Vale ressaltar que o ingresso de Iara naquele país, bem como sua ocupação profissional,

²⁸ Nesse quadro podem ser citados, por exemplo, Graciliano Ramos e Orígenes Lessa.

²⁹ D'ARAÚJO, M. C. *A Era Vargas*, p. 24.

³⁰ VARGAS, G. *Diário – dias 14 a 16 de julho*, p. 306.

³¹ Foi Ministro das Relações Exteriores em dois momentos (1946 e 1951-1953), durante os mandatos presidenciais de Eurico Gaspar Dutra (1946-50) e Getúlio Vargas (1950-1954).

ocorreu por intervenção direta de Moog, em atendimento à solicitação do amigo e compadre Spartaco [sic].³²

A conexão aqui apresentada entre Pataco Vargas e Vianna Moog é extremamente relevante. A retribuição de favor feita por ele a Spartacus foi direcionada à carreira da filha do segundo. De outro lado, a benesse de Pataco, o tempo vivido fora do Rio Grande do Sul entre 1932 e 1934 e o exílio na Amazônia, permitiram refletir sobre o Brasil e acerca da formação da identidade nacional e das questões políticas e sociais. Sua produção intelectual da década de 1930 é tributável dessas reflexões e as análises foram importantes para a confecção das obras: *Um Rio Imita o Reno*, *Novas Cartas Persas* e *Ciclo do Ouro Negro*.

A relação política garantiu não só a segurança de Vianna Moog, mas também o seu amadurecimento intelectual, assim como a escolha dos temas literários através dos quais desenvolveu parte de sua produção literária. Isso permitiu que se consolidasse como escritor e encontrasse um caminho para participar efetivamente da construção do Brasil e conseguir prestígio e reconhecimento governamental. Ele, que fazia parte da burocracia e da edificação material do país, agora buscava compreender seus aspectos subjetivos, principalmente voltados à composição da sociedade e do povo brasileiro.

Para Bosi, o contexto histórico em apreço foi fértil para essa construção de literato e literatura. Enuncia isso ao dizer:

A eclosão da Revolução de 1930 por conta de contradições sociais, políticas e culturais, seguida dos projetos colocados em andamento no sentido de reformular tal contexto, levou consigo a perspectiva de fincar novas bandeiras na construção literária brasileira.³³

Em 1930, Vargas representava o prenúncio de novos tempos, da construção de um novo Brasil, livre das práticas corruptivas dos coronéis. A geração de 1930 (da qual Vianna Moog era um representante) visava participar dessa edificação, mas foi impedida ou cooptada pela forma como o poder foi gerido pelo presidente. As bandeiras e as causas defendidas por ele passaram para as páginas de seus mais diversos escritos.

Após a vitória de Vargas frente à Intentona Comunista³⁴, em 1935, o Brasil viveu um período de participação política restrita, estabelecida pelo apoio irrestrito das forças armadas

³² CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 98-99.

³³ BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*, p. 431.

³⁴ O movimento ocorreu em agosto de 1935, pois, um mês antes, a ANL (Aliança Nacional Libertadora) havia sido posta na ilegalidade pelo Estado varguista. Seu objetivo era derrubar Getúlio Vargas do poder e instaurar um governo chefiado por Luís Carlos Prestes. A derrota imposta à revolta gerou, a partir de novembro do mesmo ano, pretexto para o recrudescimento do regime, o que culminaria com o golpe do Estado Novo em 10 de

ao poder e pela instituição da censura. A partir daí, não havia muitos caminhos possíveis de inserção e engajamento na luta contra o regime varguista.

A heterogeneidade existente na composição da nação, tanto em âmbito populacional quanto cultural, e os diferentes níveis de comprometimento com a causa nacional contribuíam para o sucesso do governo em trazer para si o apoio de um grande contingente de intelectuais.

Nessa perspectiva, Velloso afirma:

É a partir da década de 30 que eles [os intelectuais brasileiros] passam sistematicamente a direcionar a sua atuação para o âmbito do Estado, tendendo a identificá-lo como a representação superior da idéia [sic] de nação. Percebendo a sociedade civil como corpo conflituoso, indefeso e fragmentado, os intelectuais corporificam no Estado a idéia [sic] de ordem, organização, unidade.³⁵

Para melhor tratar dessas possibilidades, o escritor Vianna Moog optou por dedicar-se à vida acadêmica, ao estudo e pesquisa e à composição literária, considerando que a literatura poderia também dar vazão às suas concepções políticas e à construção de uma sólida carreira no funcionalismo público. A literatura transformou-se em um veículo profícuo para a projeção pessoal e também para a solidificação de seu objetivo: o reconhecimento de sua capacidade intelectual e, a partir dela, a possibilidade de alçar voos maiores no espaço público.

1.1. A construção intelectual de Vianna Moog.

Após o retorno ao seu estado natal, Vianna Moog iniciou as carreiras de jornalista e literato. De princípio, escrevia para a *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, jornal do qual se tornaria diretor. Sua produção literária foi marcada pela escrita de biografias (*Eça de Queiroz e o Século XIX*, 1938 e *Em Busca de Lincoln*, em 1968), ensaios (*O Ciclo do Ouro Negro*, em 1936, *Novas Cartas Persas*, em 1937, *Heróis da Decadência*, em 1938, *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*, em 1942, *Nós, os Publicanos* e *Mensagem de uma Geração*, ambos em 1946, *Bandeirantes e Pioneiros*, em 1954, *A ONU e os Grandes Problemas*, em 1965) e romances (*Um Rio Imita o Reno*, em 1938, *Uma Jangada para Ulisses*, em 1959, *Tóia*, em 1962).

novembro de 1937. Sobre o tema, ver: HERNANDEZ, L. M. G. L.. *A Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

³⁵ VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política do Estado Novo*, p. 3.

Em 1945 obteve o primeiro reconhecimento pelo seu trabalho literário ao ser ratificado quando da eleição para a Academia Brasileira de Letras. Vianna Moog passou então a ocupar a cadeira que pertencia a Alcides Maya.

Duas obras³⁶ publicadas antes do romance *Um Rio Imita o Reno* apontam a influência dos eventos políticos para sua escrita. Em 1936, o ensaio *O Ciclo do Ouro Negro* tratava da realidade social, econômica e cultural da sociedade amazonense. No texto, as observações sociais de Vianna Moog afloram no sentido da percepção das diversidades e nuances do povo brasileiro. O exílio no norte do país possibilitou-lhe conhecer um Brasil e um povo brasileiro que, até então, lhe era desconhecido.

No ano seguinte, em 1937, o título *Novas Cartas Persas* apresentava-se como uma obra satírica, apontando as contradições do regime de Vargas. Parafraseando o livro de Montesquieu, *Cartas Persas*, Vianna Moog tratava de percepções e críticas à forma como a política nacional e a ordem social estavam instituídas no país. A corrupção e a falta de escrúpulos nesses dois campos representavam as maiores preocupações do texto.

Os ensaios escritos por Vianna Moog demonstram uma perspectiva bastante recorrente entre os intelectuais que vivenciaram as rupturas da Revolução de 1930. Além da alteração política, com o fim da República Velha e o fim da política identificada como "café-com-leite", no bojo da intelectualidade havia a preocupação de “pensar” o novo Brasil, capaz de superar velhos estigmas e estruturas ainda notadamente coloniais.

Nessa esteira, Carlos Eduardo Ornelas Berriel aponta:

No caso brasileiro, a década de 1930 justamente observou a derivação da agricultura, até então atividade completamente dominante na história nacional, para uma posição de subalternidade diante da indústria – processo incompleto que só atinge insofismável abrangência na década de 1950. Nessa alternância dos fulcros de poder – da agricultura para a indústria, do rural para o urbano, das oligarquias para a burguesia urbana – as possibilidades, talvez plenas, talvez acanhadas, puderam se manifestar de modo incontestável. Essas graves alterações certamente motivaram os largos ensaios interpretativos da formação da nacionalidade, em que aspectos reveladores da *perenidade da entidade nacional*³⁷ foram buscados.³⁸

Ainda sobre esse aspecto, Lúcia Lippi Oliveira afirma:

³⁶ Ambos os textos citados serão, de forma mais profunda, trabalhados no capítulo seguinte.

³⁷ Grifo do autor.

³⁸ BERRIEL, C. E. O. Literatura e nação em Nelson Werneck Sodré. In: CUNHA, P. R.; CABRAL, F. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. p. 287-288.

As transformações que se fizeram presentes na segunda metade dos anos 1930 estiveram marcadas e foram guiadas por valores construídos após a Primeira Guerra Mundial. Foi nessa época que se criaram as novas visões de mundo que passaram a orientar por muito tempo o pensar sobre o Brasil. [...]

Foi seguindo essa premissa que se partiu em busca do futuro e se tornou necessário repensar o Brasil.³⁹

Pensar e discutir sobre o Brasil, a identidade nacional e o povo brasileiro – esses elementos passaram a fazer parte da realidade desse conjunto de intelectuais engajados com um novo projeto de país. Tratava-se de então de um país urbanizado (ou em processo franco de urbanização), tendo a elite burguesa como modelo e não mais as antigas oligarquias, tentando estabelecer os rumos e as possibilidades para a formação de uma nação moderna, capaz de destacar-se durante a primeira metade do século XX.

O Estado brasileiro erigido por Getúlio Vargas, mas também aquele postulado por Eurico Gaspar Dutra e por Juscelino Kubitschek, foram marcados por setores da sociedade brasileira que ansiavam (em Vargas e em JK de forma mais veemente) por essa modernização. A aproximação com essa nova elite intelectual, portanto, provou-se inevitável e, de fato, pode-se afirmar que houve benesses de ambas as partes.

A conjuntura até aqui exposta nos permite tangenciar positivamente a postura adotada pelo intelectual e, por conseguinte, pelo *homo politicus* Vianna Moog: seguindo uma lógica também trilhada por outros, buscou, a partir de seus escritos, posicionar-se de forma a conquistar, gradativamente, espaços entre seus pares na literatura e na intelectualidade, para que, por meio disso, sua carreira como funcionário público pudesse ser alavancada. Ademais, a vontade de compor as fileiras políticas do Estado Nacional Brasileiro poderia tornar-se realidade se o reconhecimento de seu trabalho fosse efetivado.

Precisa-se caracterizar esse intelectual dos anos 1930. Ele nasceu no bojo da transição da monarquia para a república, na passagem do século XIX para o século XX, naquilo que Emília Viotti da Costa caracterizou como modernização do país⁴⁰. O antigo intelectual pedante⁴¹, constituído no ventre da sociedade escravista, daria lugar ao intelectual crítico. Sobre essa figura, Joel Rufino dos Santos diz:

³⁹ OLIVEIRA, L. L. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema, rádio. In: FERREIRA, J; DELGADO, L. de A. N. (Orgs.). O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. v. 2. p. 323-349.

⁴⁰ Sobre isso, ver COSTA, E. V. da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

⁴¹ Aquele que pertencia à elite social e econômica, que tinha por práxis a erudição extrema, sem compromisso com a difusão ou ampliação do acesso ao conhecimento.

O que é esse “intelectual crítico”? [...] é aquele que, com base em um conhecimento específico qualquer, [...], se dirige à sociedade e dialoga com ela e, mais ainda, aquele que tem consciência de que não há inteligência nem cultura universal, de que todo saber é de classe, socialmente interessado e historicamente produzido. Tendo esta consciência, o intelectual crítico situa-se em uma posição social, escolhe um lugar e nele se situa para dialogar com a sociedade. O intelectual crítico é aquele, em suma, que não tem ilusões sobre a função do intelectual.⁴²

Vianna Moog insere-se nesse exemplo em específico. Escreveu no sentido de dar vazão às suas ideias, aos seus vislumbres acerca do Brasil, assim como fizeram Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodr e e tantos outros. Ele escolheu a literatura como veículo para dialogar com a sociedade acerca de suas concep es sobre a pátria e a identidade nacional. O campo literário permitiu-lhe expôr os valores, os posicionamentos e as concep es acerca do Brasil.

Além de difundir seu pensamento através da Literatura, Vianna Moog o fez de um lugar social também: enquanto burocrata nos quadros governamentais, enveredou no campo político e procurou permanecer como funcionário público. Alinhou-se ao Estado varguista para dar potência e proje o   sua voz. Entendia que assim as chances de suas ideias transmutadas em práticas ampliariam-se vertiginosamente.

Dessa maneira, a partir desse lugar social   possível compreender as posturas adotadas por Vianna Moog, bem como se torna compreensível a sua produ o. Então as obras *O Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas* e *Um Rio Imita o Reno* se seguem como em uma sequência, um passo a passo de sua constru o interpretativa. Os dois primeiros, em formato de ensaio, analisaram elementos caros⁴³   percep o do Autor. Já o terceiro, objeto fundamental da análise deste estudo, sintetiza as ideias do escritor.

Encontra-se nesse ponto o elo entre o literato e o político. Em Vianna Moog percebe-se que, de um lado, analisou a plural forma o sociocultural brasileira e seus desdobramentos sociohist ricos. De outro, o Autor “[...] aproximou-se dos escalões mais elevados da hierarquia governamental; teceu debates, advogou demandas sociais em organismos internacionais”⁴⁴.

Os contatos políticos com o alto escalão do governo puderam ser estabelecidos desde o início de sua carreira no Estado (sendo a rela o com Pataco Vargas uma demonstra o desse

⁴² SANTOS, J. R. dos. Cultura e crítica literária: uma nova perspectiva. In: CUNHA, P. R.; CABRAL, F. *Nelson Werneck Sodr e: entre o sabre e a pena*. p. 280.

⁴³ Elementos esses que já foram superficialmente expostos, mas que serão retomados de modo mais profundo no segundo capítulo.

⁴⁴ CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 92.

princípio). Assim, é possível afirmar que o sucesso de *Um Rio Imita o Reno* potencializou, de forma veemente, tais relações em vista de sua repercussão e até mesmo utilização enquanto instrumento para o combate do germanismo no Sul do país.

O romance em questão o colocou no mapa da intelectualidade brasileira e alavancou sua escalada política, iniciando com a transferência para o Rio de Janeiro em 1942, onde fortaleceu laços de amizade e concretizou sua carreira tanto na literatura como na política. Como decorrência, conquistou, em 1945, a cadeira na Academia Brasileira de Letras e, depois, cargos internacionais importantes, entre o final dos anos 1940 e meados dos anos 1960.

A força e o impacto da publicação de seu primeiro romance se enquadram com o contexto histórico em que se inseria. Tratava-se de um texto abordando o enclave étnico no Brasil, evidenciando/denunciando a forte influência do nazismo na composição social do Sul do país no limiar da Segunda Grande Guerra. Essa temática chamaria atenção não só da intelectualidade, mas também dos políticos tanto nacional quanto internacionalmente.

Na edição de 1966, que possui o prefácio escrito por Vianna Moog, intitulado *Breve História de um Romance*, muitas informações relevantes podem ser encontradas. Nesse pequeno texto, o Autor trata da repercussão que *Um Rio Imita o Reno* alcançou em um quarto de século de sua publicação, visto que, nesse espaço de tempo, atingia já a oitava edição. Sobre isso, afirmou o escritor:

Entendem meus editores que já é tempo de contar a história de *Um Rio Imita o Reno*. Talvez eles [sic] tenham razão. Uma obra que atinge à sua oitava edição, no reduzido prazo de um quarto de século, deve ter algo que mereça ser contado, muitos fatos, incidentes, comentários e anedotas a ela relacionados, ou mesmo algum mistério que talvez convenha desvendar.⁴⁵

Um dos primeiros elementos elencados por Vianna Moog para o sucesso da obra diz respeito à sua temática e à conjuntura de sua publicação. Ao tangenciar questões como o nazismo, a obra ganhava ares de atualidade. Sobre isso se refere o Autor no prefácio da edição de 1966:

Com *Um Rio Imita o Reno*, para o bem ou para o mal, [...] a superveniência da Segunda Guerra Mundial veio dar-lhe mais força [sic] e mais autoridade e até, se é que não estou exagerando minhas impressões, um certo sentido profético, pois que profeta é todo aquele [sic] que dá palpites e acaba por acaso acertando.
[...]

⁴⁵ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

Em suma, o livro apareceu na hora exata. [...] ⁴⁶

Essa “hora exata”, mencionada pelo próprio Autor, garantiu o dito “sentido profético”, o que representou algo para além do enredo ⁴⁷ da obra, constituído na tangente da ascensão do regime nazista alemão e da eclosão da Segunda Guerra. Outros aspectos podem ser apontados a partir daí. O Brasil declarou guerra às potências do Eixo em 1942, mesmo ano no qual Moog foi transferido para o Rio de Janeiro (capital Federal à época), o que qualifica a ascensão política a partir da bem-aventurança literária.

As expressões “mais fôrça [sic]” e “mais autoridade”, constituem a perspectiva que o Autor tanto galgou ao optar pela Literatura para tratar de suas concepções políticas. *Um Rio Imita o Reno* concedeu a ele os poderes necessários para destacar-se enquanto literato, tornando-se também notório em nível político. Tudo isso imputa à obra, para além de seus caracteres literários fictícios, grande fundo de realidade, fato que garantiu sucesso ao trabalho. Nessa esteira, Joel Rufino dos Santos aponta:

Os grandes escritores realistas são criadores de tipos e é isso, precisamente, que faz deles realistas: nem permanecem na particularidade concreta nem na generalidade abstrata, mas associam, dialeticamente, os dois aspectos com que a vida se nos apresenta, o da percepção e o do pensamento. Suas personagens têm vida, concencem. ⁴⁸

A realidade nas personagens constituídas, na conjuntura e no enredo elaborados, permitem ver *Um Rio Imita o Reno* enquanto obra de interpretação do Brasil, capaz de mapear dificuldades na formação de uma identidade nacional homogênea devido à diversidade étnica e cultural do país e dos enclaves étnicos. Essa força realista do texto é o que lhe confere tanta amplitude e sucesso, não só junto à crítica, mas também junto ao Estado.

O sucesso de crítica apareceu de três formas: o prêmio *Graça Aranha de Literatura* (1939); o rápido esgotamento da primeira edição da obra; as traduções para inglês e espanhol e

⁴⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

⁴⁷ De acordo com Arnaldo Franco Júnior, “[...] o conceito de enredo foi originalmente criado para identificar o modo como uma história é construída por meio de palavras e, portanto, organizada sob a forma de texto” (FRANCO Jr., A. *Operadores de leitura da narrativa*, p. 37). Se observado desta forma, o conceito de enredo corresponde ao conceito de trama utilizado pelos formalistas russos (escola de teoria literária que vigorou na Rússia em duas fases: 1915 a 1917 e de 1923 a 1930. Nesse viés, percebe-se o contexto do enredo como sendo o que revela as escolhas que o escritor fez para tangenciar sua criação, orquestrando a história desta ou daquela forma, com o intuito de criar um determinado efeito, visando por este artifício produzir um sentido. Sobre assunto, ver: FRANCO Jr., A. *Operadores de leitura da narrativa*. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EdUEM, 2009.

⁴⁸ SANTOS, J. R. dos. Cultura e crítica literária: uma nova perspectiva. In: CUNHA, P. R.; CABRAL, F. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. p. 284.

suas referidas publicações na Argentina e nos Estados Unidos da América, bem como a proposta para adaptação cinematográfica. Sobre esses méritos, em relação ao Prêmio Graça Aranha, Vianna Moog afirmava em 1966:

Além da consagração regional e transregional [...] porque mesmo de Santa Catarina chegavam pedidos à Secretaria de Educação – *Um Rio Imita o Reno*, [...] seria galardoado com o prêmio Graça Aranha de romance (1939). Era [...] a aprovação federal confirmando a consagração estadual.⁴⁹

Acerca do sucesso de público e crítica, o Autor apresenta alguns anúncios da Livraria Globo (editora da primeira edição do livro) e opiniões de intelectuais sobre seu texto:

A livraria do Globo, minha editôra [sic] de então, não tardou em tirar partido do fato em anúncio comercial, cujos dizeres não resisto à tentação de transcrever:

Um Rio Imita o Reno, como havíamos previsto, está constituindo o maior êxito literário dêste [sic] fim de ano. Em apenas três semanas somos obrigados a ordenar a 2ª. edição [sic] (10.º milheiro) atendendo à intensa procura e vultuosos pedidos de todo o País.⁵⁰

É preciso aqui caracterizar a própria Editora Globo no contexto em questão. A empresa foi fundada em 1883⁵¹ no Rio Grande do Sul pela família Bertaso. Sua ampliação em 1928⁵² tornou-a uma das mais importantes empresas do mercado editorial riograndense e nacional. Segundo Miceli, “As três maiores editoras – [...], Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira, Editora Globo e Livraria José Olympio Editora – são os principais investidores na publicação de obras de ficção, nacionais e estrangeiras, [...]”⁵³ Publicar a obra de Vianna Moog garantiu prestígio e grandes lucros, devido à recepção que a obra alcançou.

A entrada de um Autor ainda pouco conhecido pelo público no quadro das grandes editoras era algo importante e que, durante o governo de Getúlio Vargas, ocorria muitas vezes pelas vias do Estado. A rede de contatos de Vianna Moog contribuiu para isso, consolidando

⁴⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

⁵⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

⁵¹ Informações extraídas do *site* da própria Editora Globo. Disponível em: <<http://editoraglobo.globo.com/historia.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

⁵² Segundo Sérgio Miceli, o início da década de 1930 fora bastante promissor para o mercado editorial brasileiro. Com a necessidade do estabelecimento do processo de substituição das importações, concretizado a partir de 1930, muitas editoras brasileiras cresceram significativamente em vista da nova demanda interna que precisava ser atendida. A Editora Globo iniciou esse processo pouco antes da crise, o que lhe garantiu posição privilegiada entre as principais empresas do mercado durante a década de 1930. Sobre isso, ver: MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

⁵³ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 156-157.

seu ingresso no plantel da Editora Globo. Sobre a relação entre autores, Estado e a editora, Carvalho refere o seguinte:

Essa via de aproximação do escritor com o poder público, por certo, merece inclusão no inventário de fatores que contribuíram para a ascensão intelectual de Vianna Moog no decorrer das décadas de 1930-1940. [...] Outra iniciativa de promoção apadrinhada pelo Estado era o ingresso dos intelectuais mais renomados ao plantel de grandes editoras particulares, a exemplo da Editora Globo, pela qual Moog publicou a maior parte de suas obras literárias e ensaísticas.⁵⁴

A editora riograndense ganhava cada vez mais visibilidade nacional com o aumento do público leitor na consolidação de Vargas no poder. A já citada ampliação ocorrida no fim da década de 1920 permitiu que ela pudesse servir também como espaço para a publicação de obras de escritores apadrinhados pelo governo. O sucesso dessa relação de três lados (Estado, editora e autores) evidentemente favoreceu a ascensão literária e política de Vianna Moog.

A sétima edição de *Um Rio Imita o Reno*, última publicada pela Editora Globo, traz informações de editoração na “orelha do livro”, revelando que, ainda em 1957, a obra se apresentava relevante enquanto leitura pela sua atualidade e por retratar a realidade brasileira. Nos protocolos de leitura, os editores afirmavam que⁵⁵:

Êste [sic] livro, laureado pelo Prêmio Graça Aranha de 1939, é hoje, na literatura nacional, uma das obras que se impõem como leitura obrigatória. O estudo que o Autor realiza sôbre [sic] a colonização alemã no sul do Brasil, o choque de culturas e o conflito de raças ali descritos, não se limitam a um fenômeno isolado, de passageira atualidade. Paralelamente ao romance, ou, antes, em perfeita fusão com a sua trama, os fatos sociais apresentam densidade dramática sem lhe tirar, contudo, o valor documental. Por sua vez, a história de amor que nêle [sic] se desenvolve, sem por constituir um símbolo, deixa de ser em todos os seus lances uma história comovente. Daí o permanente interêsse [sic] do público pela história profundamente humana de *Um Rio Imita o Reno*, que vem de atingir a sua 7.^a edição e o seu 23.^o milheiro.⁵⁶

Com uma sétima edição e a impressão do vigésimo terceiro milheiro, ficava cristalizado o sucesso de vendas de *Um Rio Imita o Reno*. Mais importante que isso, é compreender as

⁵⁴ CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho*: Vianna Moog, um intérprete de Brasil, p. 134.

⁵⁵ Não é conferido no livro o crédito pessoal a quem tenha escrito o texto. O mesmo é assinado enquanto “publicação da Editôra [sic] Globo”.

⁵⁶ Essa citação encontra-se na orelha do livro: MOOG, V. *Um rio imita o Reno*. 7. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.

razões pelas quais, segundo a nota editorial, o livro havia conquistado tanto espaço no mercado. Partindo das aferições da citação acima, é plausível afirmar:

- 1) A ideia de “leitura obrigatória” vem do sucesso acadêmico, em razão da laurea recebida em 1939 (Prêmio Graça Aranha), mas também foi incentivada pelo impacto sociocultural que o livro criava. Isso ocorria por conta do “valor documental do estudo que o Autor realiza” das relações sociais no Sul do país. Isso denota uma importante visão que se constituía sobre *Um Rio Imita o Reno* – não era apenas uma ficção, mas uma trama pautada numa realidade que precisava ser conhecida pela sociedade brasileira.
- 2) Entendia-se que o “o choque de culturas e o conflito de raças” era contemporâneo ao momento de publicação da sétima edição. Os enclaves étnicos evidenciados por Vianna Moog na obra não haviam desaparecido e, por conta disso, a obra da década de 1930 se fazia importante na década de 1960.
- 3) Trata do romance estabelecido na trama enquanto um “símbolo”, ou seja, uma alegoria, mas que absorve os leitores pela sua realidade, ou seja, o amor proibido de Gerlado Tôrres [sic] e Lore Wolff convencia os leitores em razão da materialidade dos embates étnicos e raciais que segregavam e cindiam a sociedade brasileira.

Já na oitava edição, datada de 1966 e publicada agora pela Editora Civilização Brasileira, *Um Rio Imita o Reno* apresenta informe editorial, mas este é assinado por Barbosa Lima Sobrinho⁵⁷. Na orelha do livro, acerca da obra, se expressou ele:

Um Rio Imita o Reno é um dêsses [sic] romances envolventes, que a gente começa a ler e não quer mais parar, avançando pela noite a dentro, quando não corre às páginas finais para antecipar o desenlace do enrêdo [sic] e a sorte das personagens. [...].

Para chegar a êsse [sic] profundo interêsse [sic] pelos personagens é que pouco a pouco Viana [sic] Moog nos foi envolvendo e dominando com os filtros de seu estilo, a narração simples e a emoção contida com

⁵⁷ Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000) foi advogado, político, ensaísta, literato e jornalista. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 28 de abril de 1937. Na referida instituição, atuou ativamente, passando pelos cargos de secretário-geral, diretor da Revista e da Biblioteca, tesoureiro e presidente. Sobre isso, ver: <<http://www.academia.org.br/academicos/barbosa-lima-sobrinho/biografia>>. Acesso em: 8 set. 2016.

que considera conflitos, que se tornam pessoais na sua história, mas que, multiplicados na realidade quotidiana, traduzem choques sociais, problemas e interesses [sic] de coletividades numerosas. [...]
[...]

Sempre considerei *Um Rio Imita o Reno* como um livro precioso, pois que surgiu no momento em que o nazismo parecia avassalar o mundo. Viana [sic] Moog reportava-se a problemas de assimilação e de aculturação dos mais graves, que a nossa nacionalidade teve que enfrentar. Mas seu livro, evidenciando, de maneira sugestiva, a extensão do mal, concorreu, decisivamente, para a sua erradicação e como que anunciou a vitória, com a integração da colônia germânica em nossa vida nacional. Sem perder nada de sua substância literária, o livro pode ser assim considerado como um testemunho indispensável, com que se alertou a consciência nacional, para a efetivação da unificação, que era o sonho obstinado do Brasil brasileiro.⁵⁸

Babosa Lima Sobrinho atestou a qualidade do romance *Um Rio Imita o Reno*, levando em conta os aspectos como o estilo, a narração e a maneira como as emoções tomam contorno no transcorrer do livro. Para ele, até mesmo o ato de burlar as regras da leitura, pulando para as páginas finais com o intuito de “[...] antecipar o desenlace do enredo [sic], seria consequência da benaventurança do trabalho de Vianna Moog”.

Destacou Barbosa Lima Sobrinho, ainda, o serviço prestado por Vianna Moog através de *Um Rio Imita o Reno*. Teria a obra abordado um assunto “[...] dos mais graves, que a nossa nacionalidade teve que enfrentar” (Idem, *ibidem*). Desse modo, o romance foi, para ele, responsável por ter alertado a “consciência nacional”, de modo a contribuir diretamente para “efetivação da unificação”. Assim concretizava-se o “sonho obstinado do Brasil brasileiro”.

A relevância de *Um Rio Imita o Reno*, nas palavras de Barbosa Lima Sobrinho, polarizam-se em dois eixos importantes: i) a primazia literária e ii) os sagazes e profundos aspectos sociológico-políticos. Com isso, caracterizava-se positivamente não só o romancista e literato Vianna Moog, mas também o intelectual e homem político, dotado de capacidade e de competência para pensar e interpretar o Brasil.

Merecem destaque as últimas palavras de Barbosa Lima Sobrinho: “sonho obstinado do Brasil brasileiro”. Vianna Moog, ao analisar a conjuntura do Sul do Brasil, e denunciar a formação dos quistos étnicos e, a partir daí, de seus enclaves, inseriu-se no rol daqueles que, no início do século XX, se preocupavam na consolidação de um país capaz de superar os traços arcaicos e retrógrados do passado colonial, ainda muito vivos até o final da República Velha. Desse modo, o sucesso de *Um Rio Imita o Reno* não se forjou apenas apoiado na luta contra o

⁵⁸ SOBRINHO, B. L. Um romance que alertou a consciência nacional. In: MOOG, V. *Um rio imita o Reno*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

germanismo⁵⁹ e na denúncia acerca do avanço do nazismo, mas também na atualidade do debate acerca da identidade nacional brasileira na década de 1930.

No prefácio elaborado para a edição de 1966, Vianna Moog abordou a recepção e algumas críticas positivas que a obra recebeu, que a consagravam como uma das mais importantes da Literatura Brasileira.

Um Rio Imita o Reno, consagrado pela unanimidade da crítica e pelo público, foi classificado pelo Dr. J. P. Coelho de Sousa, Secretário de Educação deste [sic] Estado, como sendo o maior livro brasileiro.

[...]

Moisés Velinho: Um Rio Imita o Reno é, sem dúvida, o romance de um ensaísta. A extraordinária riqueza do seu conteúdo é a sua melhor recomendação. Meia dúzia de livros como êsse [sic] dariam à literatura brasileira um sentido nôvo. [...]

Nelson Werneck Sodré: Um Rio Imita o Reno é, sem dúvida, um grande romance.⁶⁰

Dr. J. P. Coelho de Sousa era Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul à época da publicação de *Um Rio Imita o Reno*. A afirmação por ele feita, de que a obra de Vianna Moog seria “o maior livro brasileiro”, tem um significado não só literário, mas também político. O Sul do país, de maneira mais específica, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul estabeleceram grandes campanhas de nacionalização delimitadas a partir do governo federal. Acerca disso, Rosane Márcia Neumann afirma:

Com a política de nacionalização, o Estado Novo objetivava superar dois obstáculos: a sobrevivência de uma prática regionalista e a presença de núcleos estrangeiros nas zonas de colonização. A primeira dificuldade deveria ser resolvida pelo Estado com a padronização do ensino e unidade de material didático, programas, etc. A segunda exigira medidas mais enérgicas, visando homogeneizar a população, através do projeto de nacionalização do ensino, ou seja, o “abrasileiramento” do ensino. Dentre seus idealizadores mais atuantes figuravam Getúlio Vargas e seus secretários, da Secretaria de Educação, Gustavo Capanema, da Secretaria de Justiça, Francisco Campos, e garantindo a ordem e respeito às determinações, a Chefia de Polícia, com Filinto Müller.⁶¹

Um Rio Imita o Reno foi obra adotada pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul no intuito de contribuir nesse processo de nacionalização do ensino. Assim, as palavras do

⁵⁹ Esse conceito será tratado, de maneira mais profunda, no transcorrer do terceiro capítulo.

⁶⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

⁶¹ NEUMANN, R. M. A nacionalização do ensino na colônia Neu-Württemberg, noroeste do Rio Grande do Sul, durante o Estado Novo (1937-1945). *História Unicap*, v. 2, n° 4, p. 204-217, jul./dez. 2015, p. 205.

então secretário estadual, Coelho de Sousa, referem-se ao serviço prestado por Vianna Moog nesse trabalho de “abrasileiramento do ensino”.

É importante destacar que a adoção da obra na rede de educação riograndense certamente impulsionara suas vendas, o que contriuiu para o rápido sucesso que Vianna Moog auferiu a *Um Rio Imita o Reno*. Entrecruzando as informações das edições de 1957 e 1966, explica-se então por que motivos a 7ª edição chegou à marca do vigésimo terceiro milheiro impresso.

A crítica de Moisés Velinho⁶² adere à ideia da consistência ensaística existente no romance. É importante ressaltar que isso era extremamente relevante na composição do chamado Romance de 30⁶³. A criação literária pautada na conjuntura social, política, econômica e cultural era algo bastante caro aos escritores do período.

Dessa maneira, essa consistência ensaística denota a inserção de Vianna Moog no bojo da intelectualidade brasileira, por meio da Literatura. Assim, a fala de Moisés Velinho qualifica Vianna Moog enquanto um escritor que transponta, de suas publicações, uma visão sistemática acerca do Brasil e de seus problemas, de modo mais específico, na construção e no fortalecimento do nacionalismo, em detrimento da segregação regional e formação dos quistos estrangeiros em solo brasileiro.

As palavras de Werneck Sodré⁶⁴ são curtas e diretas, mas, mesmo assim, carregadas de positividade em relação ao romance. A grandeza da obra não é classificada pelo crítico, mas é lícito afirmar que se circunscrevia à inserção do debate nacional. Desse modo, sua opinião sobre *Um Rio Imita o Reno* coadunava com aquela emitida por Moisés Velinho.

A editora José Olympio adquirira o direito de publicação e, em 2012, foi lançada a 11ª edição de *Um Rio Imita o Reno*, fato que garantiu o fôlego do romance até a atualidade. Nessa recente edição, Moacyr Scliar⁶⁵ escreveu a contracapa e o prefácio, enquanto Enildo Carvalho⁶⁶ produziu os textos das orelhas do livro.

Na contracapa, Moacyr Scliar aborda resumidamente o enredo do romance:

Uma de suas maiores obras é o romance *Um rio imita o Reno*, que tem como cenário São Leopoldo (o rio em questão é o rio dos Sinos, que banha a cidade) e fala sobre os conflitos culturais e emocionais de numa comunidade de origem alemã. O nazismo estava então em ascensão, e Vianna Moog não deixa de denunciar a intolerância que, também aqui

⁶² Foi escritor, político e jornalista gaúcho.

⁶³ Esse conceito será tratado de maneira mais profunda no segundo capítulo da tese.

⁶⁴ Foi militar, historiador e intelectual carioca.

⁶⁵ Escritor e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁶⁶ Professor Doutor em História do Brasil pela Universidade do Vale dos Sinos, RS.

no Brasil, se fazia presente, particularmente numa família em que a filha está apaixonada por um engenheiro amazonense, ali chegado para supervisionar a construção de uma represa.⁶⁷

Moacyr Scliar deixou transparecer o elemento que fez com que a obra, publicada pela primeira vez em 1939, mantivesse sua vivacidade no início dos anos 2010: “os conflitos culturais”. As questões políticas, de defesa do nacionalismo e de combate contra o nazismo, provavam-se gritantes na virada da década de 1930 para a década de 1940, sendo o enclave étnico a demonstração de sua gravidade. Já no século XXI, esses próprios aspectos culturais conflitantes geram as preocupações que garantem a atualidade do texto de Vianna Moog.

É importante considerar, também, que a ideia de um romance proibido não passou despercebida por Moacyr Scliar. Ao tratar disso no resumo, acabou por explicitar a importância da integração cultural necessária, mas que Vianna Moog enxergava de modo entravado pelos quistos étnicos formados no país como uma ameaça à nacionalidade e, ainda, à segurança nacional e à constituição de uma identidade nacional unificada.

No prefácio, intitulado "Um intérprete do Brasil", Moacyr Scliar estabeleceu a relação entre a vida e a obra de Vianna Moog. Para ele, a observação dessa relação efetiva a figura de Vianna Moog enquanto um intelectual preocupado em compreender o Brasil. Por esse motivo a obra continua sendo atual e despertando o interesse dos leitores:

Falando de sua geração, a dos anos 1930, Vianna Moog declarou que a mesma aguardava uma “entrevista com o futuro”. Nesta, Vianna Moog foi um grande entrevistador. Ele fez o Brasil falar. E é por isso que até hoje o lemos com prazer e emoção.⁶⁸

Vianna Moog não teria simplesmente “lido” o Brasil, mas entrevistou-o. Para Moacyr Scliar, a vida de Vianna Moog, os envolvimento políticos, o exílio no norte, o ingresso na carreira jornalística, tudo isso teria contribuído para que ele tivesse condições de dialogar com as diferentes paisagens e gentes de diferentes regiões do país. Por essa razão, a sua leitura tornou-se “prazerosa e emocionante”, pois traz consigo as cores, os sabores e os cheiros de quem viu, viveu e sentiu essa pluralidade nacional. Eram credenciais suficientes, segundo Moacyr Scliar, para a aquisição do título de “intérprete do Brasil”.

⁶⁷ SCLYAR, M. contracapa. In: MOOG, V. *Um rio imita o Reno*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.

⁶⁸ SCLYAR, M. Um intérprete do Brasil. In: MOOG, V. *Um rio imita o Reno*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.

Além do sucesso interno, de crítica e venda, *Um Rio Imita o Reno* também reverberou positivamente em nível externo. Sobre isso o Autor afirmou no prefácio da edição de 1966:

[...] quando tomei conhecimento, apenas chegado pela primeira vez aos Estados Unidos em meados de 1943, que a Paramount Pictures havia projetado fazer no Brasil um filme com o argumento de *Um Rio Imita o Reno* e que tal projeto, [...] fôra [sic] pôsto [sic] de lado devido a dificuldades de última hora provocadas pela guerra submarina. Que raiva.

Enquanto isso, as edições iam se sucedendo e a crítica em tôdas [sic] elas falando bem do livro. E já que estou mencionando as suas várias edições, talvez convenha indicar entre estas a edição espanhola, lançada em 1943 pela Editôra Peuzer, de Buenos Aires, há muito esgotada e a edição inglêsa [sic] do editor Charles Frank, saída ou a sair em Nova Iorque (1965) [...].⁶⁹

As orelhas da edição de 2012, escritas por Enildo Carvalho, ampliam ainda mais as concepções já tratadas por Moacyr Scliar, no que diz respeito ao papel de intérprete de Brasil de Vianna Moog. Sobre isso, disse Enildo Carvalho:

[...] Romancista e ensaísta, o autor discutiu o Brasil no trânsito entre literatura, ensaio e história, a exemplo de *Bandeirantes e pioneiros*, *O ciclo do ouro negro* e *Uma interpretação da literatura brasileira*.

Além do estilo flutuante entre os campos do conhecimento, Moog também se fartava entre com o recurso de movimentar a relação autor/objeto. No caso de *Um rio imita o Reno* essas características estão presentes e vão se alternando à medida que o romance, inspirado no cenário histórico-sociológico de uma cidade do Rio Grande do Sul, vai revelando as idiossincrasias do autor, representado pelo [sic] personagem Geraldo.

Vianna Moog é filho de seu tempo, tributário da geração intelectual de 1930, e sua orientação era o ensaísmo, o pensamento descomprometido com a formalidade científica.

Um rio imita o Reno é uma expressão reveladora de um escritor atraído pela trama literária sem nunca desapegar do ofício de pensar o Brasil numa perspectiva diversa, seja ela étnica, social, cultural, regional.

[...]

Sim! Além de pensar o Brasil, o romance sucitou polêmicas acerca do autor. Vianna Moog fala de si, indica seus mestres, como Rousseau, para quem o reconhecimento das sociedades reside “na tarefa de sacudir o jugo dos preconceitos nacionais [e regionais], aprender a conhecer os

⁶⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

homens por suas conformidades e suas diferenças e adquirir seus conhecimentos universais”.⁷⁰

Para Enildo Carvalho, *Um Rio Imita o Reno* carrega em suas páginas elementos “literários, ensaísticos e históricos”, algo que era característico do estilo de escrita de Vianna Moog. Isso significa dizer que a realidade na qual estava inserido, e a análise que fazia da conjuntura, não foram relegadas pelo Autor à elaboração do romance.

Outro aspecto importante do trecho reside na relação entre Vianna Moog e a personagem Geraldo Tôrres [sic]. Enildo Carvalho enaltece esse recurso da escrita do Autor, ao passo que isso canaliza os veios de realismo inseridos na ficção do romance.

Por não ter sido dado ao rigor acadêmico, Vianna Moog pode criar e gerir esse estilo tão peculiar referido por Enildo Carvalho. Desse modo, foi possível fazer fluir suas ideias, concepções e opiniões acerca do Brasil. Assim, através disso, foi possível plasmar a figura de intelectual engajado na messe de interpretar o Brasil.

Além disso, Enildo Carvalho evidenciou os elementos fundamentais discutidos por Vianna Moog: “etnia, sociedade, cultura e regionalidade”. Esses quatro objetos, analisados de modo conjunto e entrelaçado, possibilitaram que Vianna Moog, em *Um Rio Imita o Reno*, pudesse emitir o resultado de suas reflexões: “[...] aprender a conhecer os homens por suas conformidades e suas diferenças e adquirir seus conhecimentos universais”.

Outro aspecto editorial que também precisa ser levado em consideração diz respeito às capas dos livros. As capas⁷¹ que serão abordadas aqui são as das edições de 1943, 1957, 1966 e 1973. As demais não serão arroladas ou por não conterem imagens, ou por não apresentarem relação direta com o objeto de pesquisa deste trabalho.

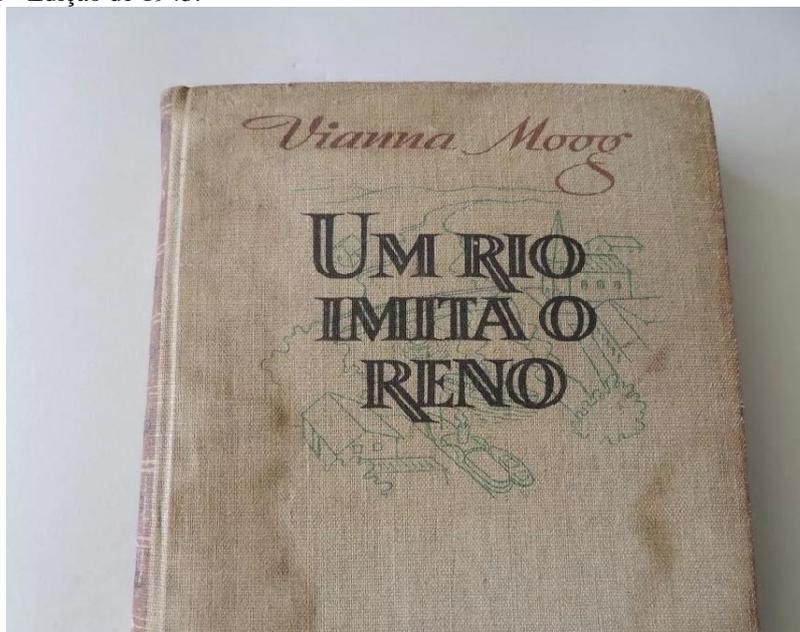
Estabelecendo um olhar mais profundo acerca das capas, é possível aferir diversos aspectos. Pode-se começar por observar que todas as imagens fazem alusão ao rio. Ele é elemento fundamental na composição daquilo que se deseja expressar com as gravuras de todas as edições supracitadas. Depois cabe atentar para os tons de verde utilizados nas imagens, atentar para os traços germânicos de Lore numa das capas, e também atentar para os contrastes entre arquitetura germânica e nacional noutra capa.

⁷⁰ CARVALHO, E. Orelha do livro. In: MOOG, V. *Um rio imita o Reno*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.

⁷¹ Os nomes dos ilustradores não foram localizados, à exceção do desenhista da imagem da capa da edição de 1966, Marius Lauritzen Bern.

Assim, o elemento que mais chama a atenção é o da metáfora do rio⁷², que é apresentado na edição de 1943 de modo a compreender sua centralidade. O desenho pressupõe o rio no centro e a cidade nas suas margens. Permite entender que tudo que transcorre em Blumental demanda das águas do rio.

Figura 1 - Edição de 1943.



Fonte: Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/345672/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

A edição de 1957 apresenta uma imagem abstrata, mas que também faz alusão às águas do rio. Nessa imagem, apenas o rio é retratado, de forma a constituir uma ideia de movimento, da fluidez das águas do rio, como se o transcorrer do romance singrasses essas águas.

Figura 2 - Edição de 1957

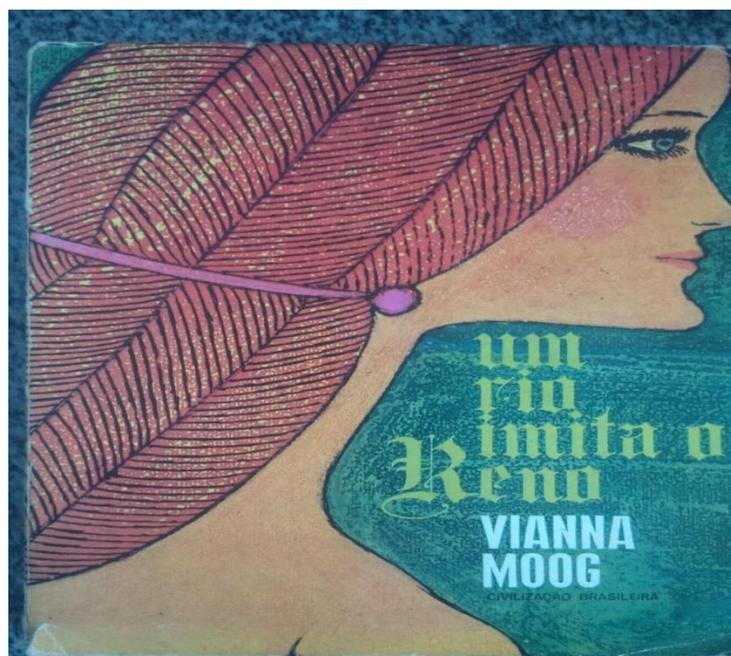
⁷² A análise da metáfora do rio composta no decorrer do romance será tratada, de forma mais profunda, no terceiro capítulo da tese.



Fonte: Fotografia de Vladimir José de Medeiros.

Na edição de 1966, o rio foi retratado, sendo o cenário para a figura de perfil de uma mulher, Lore Wolff, que está em destaque. As águas do rio podem ser compreendidas de duas formas nessa imagem: na sinuosidade dos traços do rosto de Lore ou pelo fundo verde, representando águas paradas de um remanso.

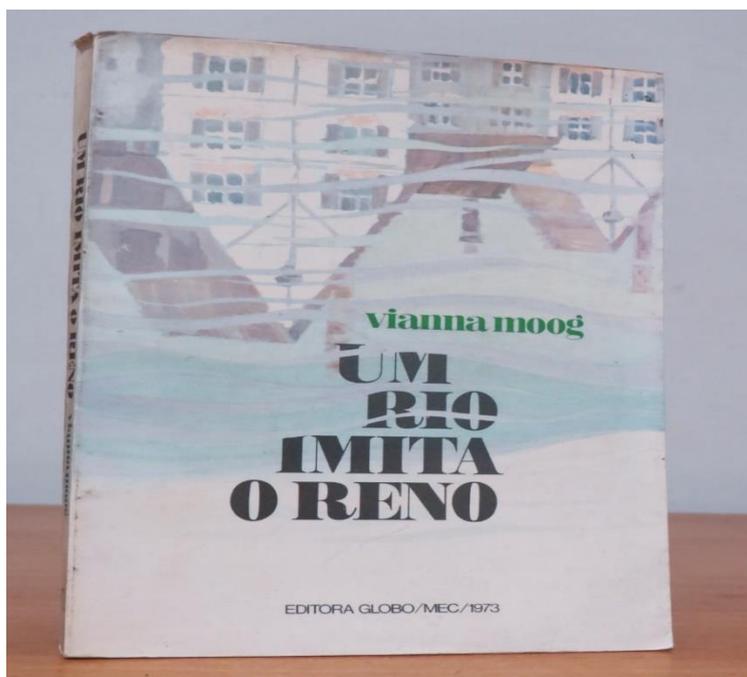
Figura 3 - Edição de 1966:



Fonte: Fotografia de Vladimir José de Medeiros.

A edição de 1973 é a que melhor representa o nome do romance *Um Rio Imita o Reno*. A imagem caracteriza a cidade espelhada, refletida nas águas do rio. Essa concepção de reflexo no espelho d'água permite ainda entender que essa “imitação” sai ao avesso, ao contrário daquilo que se apresenta na realidade.

Figura 4 - Edição de 1973:



Fonte: Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/sebolinhapaulista/Vianna-Moog-Um-Rio-Imita-o-Reno-8-Edicao-94880730>>. Acesso em: 10 set. 2016.

É comum a todas as capas o uso da cor verde, que representa as riquezas nacionais referendadas pelos rios. Mesmo aparecendo em tonalidades distintas, e com diferentes proporções, o verde não escapou de nenhuma das gravuras. De modo geral, é possível compreender aí o aspecto nacionalista que foi destacado por todos os outros elementos editoriais já analisados até aqui.

Na edição de 1943, a cor verde foi escolhida para promover o desenho, visto que é uma gravura simplesmente traçada, sem cor de preenchimento. Esse elemento nos permite aferir que, mesmo que o rio de Blumental imitasse o Reno, seus limites (as linhas) estavam no Brasil. É possível estabelecer também outra conexão importante: a hidrografia é fator importante na história brasileira, por ser, em muitos casos, limite geográfico entre os estados formadores da federação e, em alguns casos, como no Sul do país, fronteira do Brasil com outros Estados Nacionais, como Paraguai, Argentina e Uruguai. Nessa perspectiva, a linha, traçada em verde, também caracteriza os limites nacionais que, para o bem da nação, deveriam ser respeitados. De outro lado, os rios também caracterizam a metáfora de integração nacional, de unidade, pois

as águas correntes permitem a comunicação e o contato entre os diferentes espaços e culturas do país.

A edição de 1957 tem a cor verde de modo predominante. É importante ressaltar também que a grafia do nome do romance é feita em amarelo, caracterizando as duas cores que simbolizam a pátria brasileira. Tratando a coloração da capa em relação ao enredo da obra, retratar as águas do rio na coloração verde tem um sentido higienista⁷³. Geraldo Tôres [sic], engenheiro amazonense, foi à Blumental para construção de uma hidráulica, no intuito de tratar a água do rio que abastecia a cidade, objetivando combater as doenças decorrentes da falta de saneamento. Representar as águas do rio com a cor verde significa, nesse contexto, retratar água lodosa, suja e, por conta disso, esverdeada, carregada de materiais e sedimentos danosos à saúde.

De mesmo modo, conectando essa referência à questão nacional, em algumas regiões brasileiras haveria a necessidade de “descontaminação das águas da pátria”, carregadas de “elementos danosos à nação e sua identidade”. “Despoluir” o rio que imitava o Reno seria, então, um serviço de utilidade pública, responsável por preservar a pureza da nação e homogeneizar a sua identidade.

Outro elemento relevante aparece na gravura da edição de 1957. Trata-se das linhas onduladas que dão a sensação de movimento às águas do rio. Essas linhas se entrecruzam, o que aponta para a porposta de integração nacional, proposta que era tão cara ao Autor. Do topo ao pé da capa, essas linhas onduladas foram traçadas por seis vezes. Transpondo isso para realidade material, a imagem apontava para aquilo que Vianna Moog percebia como fundamental para sua interpretação de Brasil: do norte ao sul do país, a integração cultural das diversas etnias responsáveis pela formação do povo brasileiro.

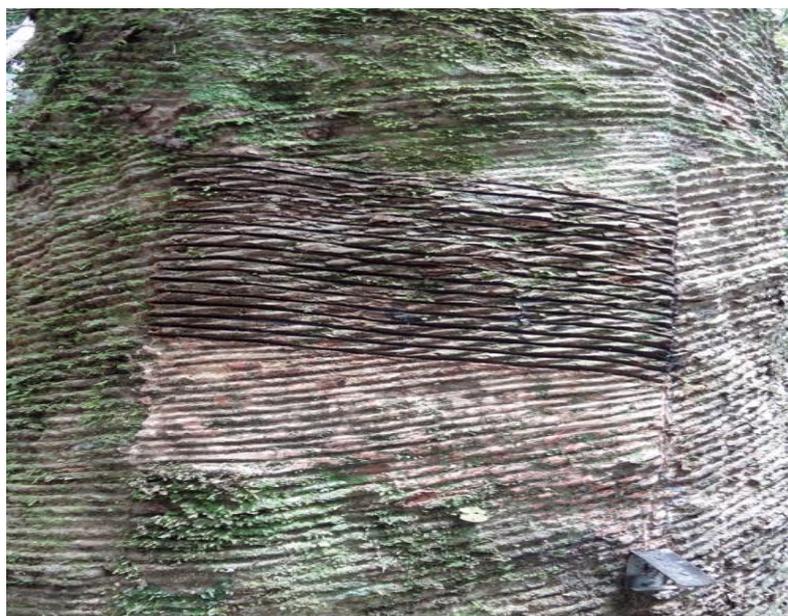
A capa da edição de 1966 tem o verde como cor de fundo, em tom mais escuro, e na grafia do nome do romance em tonalidade mais clara. Nessa gravura, o destaque está na figura de Lore Wolff. Essa imagem faz alusão à integração nacional, através imersão da moça, de traços clássicos europeus (branca, lábios pequenos; nariz fino, aquilino e delicado; olhos azuis e cabelos ruivos) na imensidão verde. Além do rio, outro aspecto natural é representando pelo verde: a floresta, ambiente que contém em si a diversidade da flora brasileira. Tomando as perspectivas do enredo para complementar a análise, Lore Wolff tem ao fundo o “paredão

⁷³ A política higienista do Brasil na década de 1930 será abordada, com maior profundidade, no terceiro capítulo da tese.

verde”⁷⁴, símbolo da natureza brasileira. Desse modo, a capa de 1966 também se propõe a representar a interpretação de Brasil de Vianna Moog.

Na capa de 1966 é possível verificar a perspectiva de integração das diversas etnias que compunham o Brasil, como propôs Vianna Moog. Os cabelos de Lore lembram os cortes feitos na seringueira⁷⁵, para a extração do látex. Abaixo, uma fotografia para estabelecimento da comparação:

Figura 5:



Fonte: Disponível em: <<http://app.31bienal.org.br/pt/single/1202>>.

Os colonos germânicos estabelecidos no Sul do Brasil e os seringueiros e alocados no norte do país estão, assim, presentes na construção da imagem de Lore Wolff. Relacionando isso com o enredo do romance, o pai de Geraldo Tôrres [sic] saiu do Ceará em direção à Amazônia para trabalhar na extração do látex. Em suma, novamente a questão da integração nacional fica materializada na capa da publicação de 1966, quando os dois brasis são colocados em confronto, resultando em encontros e desencontros.

A edição de 1973 é aquela na qual a cor verde tem a menor participação na capa. Ela aparece mesclada ao azul e ao branco, na composição do rio, na fachada de uma das construções espelhadas na água e na grafia do nome de Vianna Moog. Mesmo assim, essa ilustração aponta para a problemática da identidade nacional, só que de modo distinto das outras capas já

⁷⁴ Expressão comumente utilizada para referir-se à Floresta Amazônica.

⁷⁵ Os cortes transversais feitos no tronco da seringueira, como objetivo da extração do látex, são chamados de sangria. Maiores informações estão disponíveis em: <<http://www.gestaonocampo.com.br/biblioteca/tipos-de-sangria-de-seringueira-e-seus-beneficios-2/>>. Acesso em: 12 set. 2016.

apresentadas: Trabalha-se nela a ideia do reflexo espelhado, a outra perspectiva da mesma imagem.

As construções que simbolizam a cidade e aparecem refletidas nas águas do rio, são típicas da arquitetura colonial alemã. Desse modo, indicaria que o rio em questão se situa na Alemanha. O desenho denuncia justamente essa falsa impressão. O rio não é o Reno, ele o imita. Tomando de forma mais específica as edificações, observa-se que as casas à direita e à esquerda seguem o padrão germânico, a casa ao centro não, ela destoa. A casa do centro da imagem tem telhado mais escuro, em orientação oposta e mais baixo que as outras. Além disso, essa casa é verde.

Essas características nos levam a compreender que essa construção representa o início do abramilamento dos imigrantes e o reflexo da germanidade. Por viverem na condição de entrelugares e habitarem uma ou duas identidades (alemão e brasileiro), não era contraditório. A capa anuncia um aspecto valorizado por Vianna Moog: o processo de integração, ainda inconcluso, dos alemães à nacionalidade brasileira. Graças à casinha verde, é possível perceber que aquela sociedade não era mais uma reprodução da Alemanha.

Pela verificação das diferenças das três casas da ilustração é possível compreender a concepção de integração étnica. As casas não estão divididas por muros, cercas ou qualquer outro anteparo físico. Estão postas umas ao lado das outras, juntas, formando um contínuo de edificações. As diferenças entre elas, notórias em questão arquitetônica e de coloração, apenas ressaltam a diversidade formadora desse bloco maciço, refletido nas águas do rio.

Em suma, a ilustração da capa de 1973 apresenta dois aspectos relevantes das concepções de Vianna Moog na composição do romance *Um Rio Imita o Reno*. No aspecto de denúncia, deixou transparecer a ideia de supremacia germânica no Sul do país. Na perspectiva de proposta, de interpretação de Brasil, apresentou a ideia da necessidade de impor a integração nacional para além das diferenças étnicas e culturais.

Todos os elementos apresentados compõem a conjuntura de consolidação do intelectual, que, a partir da análise, da observação crítica e de uma visão de mundo bastante ampla, foi capaz de construir uma obra referencial em um momento tão importante da história do Brasil e de suas relações internacionais. Tal prerrogativa apenas consolida aquilo que outrora foi afirmado neste trabalho: o intelectual serviu aos propósitos do político. Miceli, acerca disso, coloca que: "[...] aprender a conhecer os homens por suas conformidades e suas diferenças e adquirir seus conhecimentos universais".

Num período de intensa concorrência ideológica e intelectual entre diversas organizações políticas [...], o romance converteu-se em móvel

importante da luta em torno da imposição de uma interpretação do mundo social a um público emergente [...].⁷⁶

É nesse interstício que se situa a obra *Um Rio Imita o Reno*. A literatura contribui para o entendimento e a reflexão da realidade socio-histórica brasileira e para a construção de uma interpretação relativa ao contexto brasileiro. Existe, nos meandros da ficção construída no livro, uma análise e interpretação do Brasil e da sua identidade nacional.

A visão instituída em relação à questão nacional difere da de outros intérpretes de Brasil (como Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo), ao tratar do tema de maneira integrada, ou seja, partindo da reflexão baseada na observação local de espaços distintos do país (o que se constitui nas obras *O Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas*) e sintetizando tudo isso em seu romance do final da década de 1930.

Vianna Moog era um homem ativo intelectualmente e seus engajamentos políticos e suas atribuições profissionais fundamentaram e influenciaram boa parte de suas obras. Fica evidente que o gosto pela escrita estava diretamente ligado à sua necessidade de compreender o contexto onde se inseria e, dessa forma, influenciá-lo em defesa da sua concepção de Brasil e de identidade nacional.

Essa relação entre autor e obra é fundamentada por Foucault da seguinte forma:

[...] o nome do autor não passa, [...], do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas ele corre, [...], aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, [...] que ele caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao *status* desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura.

[...]

Mas os discursos “literários” não podem mais ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe é dado, o status ou o valor que nele se reconhece dependem da maneira com que se responde a essas questões.⁷⁷

Na esteira daquilo que Foucault nos apresenta, é mister dizer que compreender a posição, o lugar de onde, para quem e a partir do que Vianna Moog compõe seus escritos, torna-se ponto-chave na compreensão de seu projeto de Brasil. A partir disso, a devoção do escritor

⁷⁶ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 159.

⁷⁷ FOUCAULT, M. *O que é um autor?* p. 277-280.

no fetiche de seus trabalhos representa também a caracterização da veemência com a qual defendia seu papel e, obviamente, seus discursos.

O contexto histórico parece, então, interferir de forma indelével no discurso do Autor – contexto que transpassa sua obra. No caso de Vianna Moog não seria diferente, pois seus valores, preconceitos, julgamentos e sentidos propagados na escrita contiubuíram, em uma via de mão dupla, para o estabelecimento desse parâmetro.

O próprio Vianna Moog apresentou esse ponto em seu discurso de posse da Cadeira 4 da Academia Brasileira de Letras:

Por isso amava a literatura em segredo. E, se lia como um desamparado, para desespero dos que lhe policiavam a formação e justamente se alarmavam com esta sua tendência para a inutilidade social, no meio a um tempo burguês e puritano em que teria de desenvolver a sua atitude, fazia-o menos pela Literatura em si mesma, do que com o propósito de servir-se dela como um instrumento de sua carreira política. Porque antes e acima de tudo o nosso orador⁷⁸ queria ser homem público.⁷⁹

O Autor ratifica a ideia de que sua imersão no mundo das Letras veio por conta da necessidade de projeção nacional, no intuito de dedicar-se à política e à carreira. A vida pública, citada por Vianna, materializar-se-ia através de seu conjunto de publicações, tem decorrência de suas interpretações conjunturais da realidade brasileira, como a questão da identidade nacional em *Um Rio Imita o Reno*. Nesse viés, nota-se a relação profícua de sua função de escritor e sua vida política/administrativa, no uso da literatura como instrumento de sua carreira política.

As relações pessoais e políticas estabelecidas, unidas a essa construção enquanto literato, deram-lhe subsídios para que ele se forjasse enquanto um intelectual conhecido e respeitado, capaz de contribuir na composição do Estado brasileiro. A imagem de intelectual engajado desenvolvida por Vianna foi exposta àqueles que poderiam contribuir em sua aproximação com as mais altas esferas da política nacional à época, permitindo seu sucesso nesse plano de vida/carreira.

Miceli, ao refletir sobre a relação que se construiu entre intelectuais e Estado brasileiro nas décadas de 1930 e 1940, na obra *Intelectuais à Brasileira*, afirma que 70% dos membros

⁷⁸ O discurso de Vianna Moog em sua posse na Academia Brasileira de Letras é composto em terceira pessoa. Quando ele se refere ao “orador”, fala de si mesmo, tendo sido o orador de sua turma na Faculdade de Direito de Porto Alegre, em janeiro de 1930.

⁷⁹ MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/09/1945. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=7590&sid=108>>. Acesso em: 10 set. 2014.

da Academia Brasileira de Letras estavam inseridos em alguma escala do poder público. Dessa forma, no que diz respeito a essa relação, Carvalho afirma, com base em Miceli:

[...] no caso dos intelectuais selecionados para a Academia, havia um sentido de troca mais pronunciado, e a intenção do Estado era utilizar os servidores desta qualidade com fins de fazê-los celebrar os interesses da nacionalidade por meio do empreendimento cultural [...]. Em troca, os autores tinham garantidos diversos benefícios que variavam de remuneração financeira, possibilidade de inserção num círculo de notáveis, ingresso no seletor plantel das grandes editoras, [...], além da oferta de prêmios e condecorações.⁸⁰

No caso de Vianna Moog, as relações com o Estado representavam a busca de um objetivo pessoal, a realização de um projeto de vida. A literatura lhe veio como veículo para a difusão de ideias e consagração de sua postura enquanto intelectual. Nessa conjuntura, o Autor produziu uma autoimagem de si, imagem que apresentou em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 1945:

Quinze anos, quinze anos que tiveram a densidade de séculos e a velocidade dramática das épocas em que se faz história, passaram sobre esses entusiasmos e sobre as esperanças.
Que foi feito dessas esperanças? Que foi feito desses entusiasmos?
[...]
Pobre geração! Foram bem duros os dias que tive de enfrentar.
[...]
Bíblias, dogmas, constituições, sistemas, programas, imagens e idéias, homens e ídolos em cujo culto plasmamos a nossa formação, tudo foi atingido pela subversão, tudo andou ameaçado por esses ventos maus que espalharam por toda a parte entre agonias, estertores e ranger de dentes, os germes do desespero, do desânimo e da destruição. Foram dias atribulados em que só se sentiriam felizes os amoucos da força, os apolíticos, os analgésicos, os indiferentes, enquanto os que pensavam e consideravam e meditavam os problemas contemporâneos haviam de viver na tristeza dos que tateiam nas trevas em busca de rumos salvadores.⁸¹

Como novo integrante da Academia Brasileira de Letras, Vianna Moog apresentou, em sua fala, um quadro dicotômico. Ao invés de tratar das benesses recebidas pela sua relação próxima com os mais variados escalões do governo, afirmou, pelo contrário, uma condição de silêncio forçado, de frustrações e angústias por conta do regime instaurado por Vargas durante

⁸⁰ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 217.

⁸¹ MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/9/1945. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=7590&sid=108>>. Acesso em: 10 set. 2014.

15 anos. Falou da severidade dos anos entre 1930 e 1945 e como eles lhe pesaram. Mesmo assim, no entanto, principalmente até o ano de 1939, *Um Rio Imita o Reno* o consagrou enquanto literato em meio ao já estabelecido Estado Novo. Pode-se considerar que, ao expressar-se publicamente, em sua posse, o literato o fez buscando, da mesma maneira que em outros momentos, o enaltecimento da própria figura.

É preciso perceber que a postura assumida no discurso de posse parece contraditória se considerarmos apenas a vida do Autor. Trazendo ao centro da análise também seus escritos, torna-se possível lançar luz ao debate e ajustar o foco de observação. Ideologicamente, é nítida a preocupação de Vianna Moog com a construção de um Brasil distinto daquele vivido antes da Revolução de 1930.

A princípio, o governo de Getúlio Vargas e suas aspirações nacionalistas e industriais, provavam-se de acordo com aquilo que boa parte da intelectualidade brasileira desejava. A desavença, porém, não tardaria a chegar, fato evidente na Revolução Constitucionalista de 1932. A ruptura com o modelo oligárquico era quase que uma unanimidade entre eles. A questão fundamental é que, com a construção do Estado Novo e seu aparato repressivo e coercitivo, houve um sensível desgaste entre essa elite intelectual e o governo. Mesmo assim, na tratativa que o escrito expõe no discurso de posse enquanto imortal, ele atribui a frustração ao processo de centralização de poder e à repressão instituída por Vargas.

De maneira incisiva, Vianna Moog enfatizou que seu sentimento negativo era plasmado na impossibilidade de materializar na totalidade seus anseios pessoais, principalmente os que denotavam seu desejo em seguir carreira política e de ficcionista. Sobre tal frustração o Autor afirmou:

Este foi, [...], o destino que a vida reservou ao jovem orador da turma de bacharelados de 1930. Elejo-o a ele e não a outro, [...], não porque ele tenha sido mais importante do que os outros, [...].

Trata-se aqui de menos. Trata-se apenas de depor com conhecimento de causa sobre um assunto em que, [...], não se deve depor de outro modo. De resto, como evitar esse personagem, se nunca pude fugir ao seu convívio e à sua por vezes incômoda companhia? Por mais que buscasse afugentá-lo de mim, por mais que o maltratasse com julgamentos implacáveis, [...], jamais me concederia grandes intervalos de trégua. Os seus anseios haviam de ser os meus próprios anseios, os

seus desalentos os meus próprios desalentos, as suas aspirações as minhas próprias aspirações.⁸²

Ele se apresentava como aquele jovem bacharel de 1930, cheio de aspirações e de esperanças pelo fim da República Velha e da política de café-com-leite. Vê-se pronto para ser agente formador de um novo Brasil, capaz de superar o atraso e de modernizar o país.

Fato é que, no transcorrer do regime varguista, tudo isso se transformou, para Vianna Moog, em frustração, angústia e ressentimento e, ao mesmo tempo, em luta, a partir das Letras, para alcançar a tão almejada vida pública. O sonho que ele possuía, de participação na edificação desse novo país, transmutou-se no pesadelo da perseguição, prisão, choque de realidade e introspecção (durante os anos de exílio) que foram rompidos a partir de sua construção literária durante a década de 1930.

Em seu entendimento, seus escritos se caracterizam como forma de atravessar esse período de maneira a contribuir para o processo de transformação do Brasil, no sentido de efetivamente tornar-se um homem público capaz de participar da vida política brasileira de forma ativa. Vianna Moog inseriu-se no Estado (ou seja, ele defendia esse Estado, colaborou com sua construção) através de suas publicações. Ele construiu uma interpretação do Brasil que se coadunava com os princípios do Estado varguista.

Primeiramente, Vianna Moog o fez enquanto intelectual, por meio das Letras. Posteriormente, ele o fez enquadrado na função de servidor público. O ápice disso ocorreu a partir do momento em que pôde fazer a simbiose entre ambas, fato que o alavancou em ambos os lados.

O momento histórico do discurso (20 de setembro de 1945) fez com que Vianna Moog garantisse um tom de desalento em relação à política getulista. O regime instituído por Vargas desde 1930 estava debilitado. O presidente vinha perdendo apoio e a resistência à continuidade de seu governo aumentava. Tanto isso que a sua deposição ocorreu em 29 de setembro de 1945.

Ainda sobre essa relação, Vianna Moog tratou também de afirmar a influência do peso do regime sobre suas costas, por conta da prisão, tendo nas Letras o espaço e o refúgio para manter seus propósitos e ideais vivos, mesmo que não lograssem êxito rapidamente.

Para tanto, constuiu uma versão enobrecedora e heróica de sua trajetória, inserindo-a como de “resistência”. A censura teria impedido que retratasse o real de forma crua e crítica:

⁸² MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/9/1945. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7590&sid=108>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Não, não creio que o orador de 30 tenha apenas vivido. A prova aí está nos seus livros. Muitas vezes terá pecado por escrever com prudência, outras por esmaecer cores e tintas que desejava carregadas, mas no que tange com suas verdades fundamentais, presumo que se tenha conservado de certo modo igual a si mesmo.

Não tem, [...], por que renegar os livros que escreveu. [...], se não chegam para compor a história de uma resistência heróica nos anos de exílio e de ostracismo, bem ou mal, constituem a crônica de uma resistência.⁸³

Nessa fala, o Autor indiretamente defendeu seu espaço enquanto intérprete de Brasil quando afirmou ter precisado amenizar sua fala, esconder sua real concepção daquilo que esperava do país, em decorrência do controle estabelecido pelo regime de Vargas. Aquilo que o escritor Vianna Moog aferiu da literatura, enquanto estratégia de resistência e como instrumento de construção e cristalização de uma carreira nos meandros do Estado Varguista, aquilo que o político Vianna Moog alcançou entre 1930 e 1945, só foi possível pelo apadrinhamento recebido do próprio Estado.

E por quais razões ele se refere de forma contundente e negativa ao regime varguista, visto que fora favorecido pelo mesmo regime? Se o referido governo lhe pesou tanto, por que razões abraçá-lo, fazer parte dele enquanto funcionário público e aceitar seus benefícios e ganhos?

É preciso considerar a conjuntura histórica e a forma como o Autor se posicionou. De sua parte, se diz (como mostra a citação acima) vítima de perseguições por parte do Estado. Afirma que o exílio e o ostracismo se impuseram de maneira abrupta contra si de maneira tal a obrigá-lo a “escrever com prudência”⁸⁴, na construção de sua “crônica de resistência”⁸⁵.

Ao mesmo tempo em que as palavras de Vianna Moog o colocam em uma situação adversa, vencida por sua persistência no âmbito das Letras, nota-se um aspecto importante para o momento em questão: a intelectualidade constituída era comumente bem aceita e, muitas vezes, auxiliada e capitaniada pelo próprio Estado Varguista.

⁸³ MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/9/1945. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7590&sid=108>. Acesso em: 10 set. 2014.

⁸⁴ MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/9/1945. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7590&sid=108>. Acesso em: 10 set. 2014.

⁸⁵ MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/9/1945. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7590&sid=108>. Acesso em: 10 set. 2014.

Pensar o Brasil era fundamental naquele contexto e o governo federal contribuía com aqueles que se colocavam em condições de fazê-lo. Sobre esse contexto, Carvalho afirma que:

[...] o período do governo Vargas, 1930-1945, diferenciou-se em relação a outros momentos no que diz respeito ao diálogo com os intelectuais, uma vez que o domínio da cultura tornou-se para Getúlio Vargas uma questão de “negócio oficial”, com o direcionamento de orçamento próprio, conservação e ampliação da atividade intelectual e artística, da criação de uma inteligência com intervenção em diversos setores da esfera cultural.⁸⁶

O favorecimento não parava por aí, pois era comum também o apadrinhamento de intelectuais nacionalmente consagrados (e parceiros do Estado) na inserção de obras em editoras particulares. A Editora (livraria) Globo, selo sob o qual Vianna Moog publicou a maior parte das suas obras, era uma daquelas que recebia em seu quadro escritores indicados pelo governo. O escritor era também funcionário federal, ou seja, agente fiscal de imposto de consumo. Dessa maneira, é uma linha tênue que divide os papéis de burocrata e pensador.

Com isso, a construção da figura do intelectual a partir de Said⁸⁷, na obra *Representações do Intelectual*, constitui o pressuposto de que não há como se estabelecer de fato o que se crê e pensa verdadeiramente se existir a conexão do pensador com o Estado. Considerando a teoria de Said, os escritos de Vianna Moog estariam comprometidos com as estruturas do Estado e, portanto, sua fala somente trabalharia em favor ou em defesa do poder constituído.

Não é possível considerar que os dois papéis tenham sido vividos de forma distinta por Vianna Moog, pois a apropriação dos intelectuais por parte do Estado era comum durante a Era Vargas. Miceli nos aponta elementos significativos desse panorama:

[...] os intelectuais recrutados pelo regime Vargas assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do Estado nos mais diferentes domínios da atividade. [...] [...] [...], no que diz respeito às relações entre os intelectuais e o Estado, o regime Vargas se diferencia sobretudo porque define e constitui o domínio da cultura como um “negócio oficial”, implicando um orçamento próprio, a criação de uma *intelligentsia* e a intervenção em todos os setores de produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico.⁸⁸

⁸⁶ CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 133.

⁸⁷ SAID, E. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

⁸⁸ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 197-198.

Era comum que a dedicação às Letras fosse parcial, isso em razão da necessidade do desenvolvimento de outras práticas de trabalho remunerado. Outros exemplos dessa condição: Dyonélio Machado era médico psiquiatra; Gilberto Freyre, político; Graciliano Ramos, político e professor; Érico Veríssimo, farmacêutico e professor.

Assim, percebe-se o elemento conjuntural constituído: sendo funcionário público, o intelectual/burocrata não se conforma com a forma de trabalho das engrenagens da máquina estatal, mas, ao contrário, por vê-las por um ângulo privilegiado, pode pensá-las de maneira distinta.

Esse interstício é perceptível em duas obras escritas na década 1930: *Um Rio Imita o Reno* e *Novas Cartas Persas*. Na primeira, a crítica ao Estado residia na falta de uma política pública capaz de evitar que os enclaves étnicos ocorressem no Sul do país, os quais acabavam por ser responsáveis pela fragilização das demandas culturais nacionais não só na região em questão, mas em todo o Brasil. Na segunda, se constituía uma sátira acerca da condição política da nação, que vivia sob o controle centralizado de Vargas. Segundo Carvalho: “[...] o autor parece defender verdades seguindo uma coerência intelectual [...].”⁸⁹

A obra *Um Rio Imita o Reno* passou a operar em dois níveis distintos: primeiro, a denúncia da existência de “vários Brasis”⁹⁰. Cultural e etnicamente, o Norte e o Sul (as duas regiões evocadas no texto) eram extremamente distintas, não havendo unidade e aproximação entre elas, mas antes, um grande quadro de desconhecimento, ignorância e preconceito.

Segundo, o advento da Segunda Grande Guerra Mundial acabou por evidenciar outro elemento significativo: o germanismo no Sul do país e a necessidade de integrar essas regiões ao Brasil. A existência dessas ilhas culturais⁹¹ distintas e, em muitos casos, conflitantes entre si, impossibilitavam a construção de uma nação brasileira a partir de uma identidade aglutinadora, elemento relevante para aquele período. Nesse sentido, o enredo de *Um Rio Imita o Reno* se apresentava como reflexo da vivência e da experiência do Autor. Sobre isso, discorre Menezes que:

⁸⁹ CARVALHO. E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho*: Vianna Moog, um intérprete de Brasil, p. 143.

⁹⁰ Esse elemento seria mais bem desenvolvido em seu estudo em relação à literatura brasileira, apresentado em 1942: *Uma interpretação da literatura brasileira*: um arquipélago cultural sobre o assunto, ver: MOOG, V. *Uma interpretação da literatura brasileira*: um arquipélago cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1983.

⁹¹ Conceito desenvolvido por Vianna Moog na obra *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*: um arquipélago cultural. Para ele, as diversas realidades sociais, econômicas e étnicas das regiões brasileiras compuseram construções culturais e literárias distintas, fato que, para ele, impedia a construção e cristalização de uma única e coesa identidade nacional. Sobre o assunto, ver: MOOG, V. *Uma interpretação da literatura brasileira*: um arquipélago cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1983.

Participou do movimento revolucionário de 30, do qual viria a desencantar-se. Declarou-se partidário da Revolução Constitucionalista de 32. O fiscal do imposto de consumo, nomeado em dezembro de 1926, foi penalizado com a remoção dos Pampas para a Amazônia, onde permaneceu de outubro de 1932 a julho de 1934.

[...]

Se o castigo resulta em naufrágio de ambições políticas, cria-lhe o ensejo de conhecer e examinar o Brasil. Mais ainda, acende-lhe o amor pelas letras. Desperta-lhe, a ponto de reportar-se, em lucubrações distantes, a ‘chama interior’ dos que escrevem e ao ‘jubilo dos momentos fugazes da criação’.

[...]

O exílio de Vianna Moog – Deus louvado – transfigura-se em causa remota do enriquecimento de nosso patrimônio cultural.⁹²

O exílio sofrido pelo Autor em 1932 lhe possibilitou entrar em contato com um universo sociocultural distinto daquele que até então havia vivido. Percebeu as diferenças existentes em um Brasil de dimensões continentais e, além disso, constatou a ignorância do povo brasileiro em relação a seu próprio país. Todos esses elementos seriam evidenciados em seus escritos. *Novas Cartas Persas*, *O Ciclo do Ouro Negro* e *Um Rio Imita o Reno* constituem, porquanto, exemplos da construção literária embasada em suas observações e vivências diretas.

Se, de um lado, a prisão por conta da participação da Revolução de 1932 representou a derrota momentânea de suas aspirações políticas, de outro, permitiu que ele conhecesse uma realidade bastante distinta daquela em que vivia, o que lhe possibilitou tornar-se o intelectual que chegaria às altas esferas do poder devido ao reconhecimento de suas obras.

O Autor alcançou o espaço que deseja a partir das Letras. Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog, em entrevista concedida a Carvalho em setembro de 2009, disse que: “Quando foi ‘exilado’ no Amazonas, descobriu outro Brasil, e inexoravelmente acentuou-se o pendor para a análise cultural.”⁹³

Destarte, é possível considerar que Moog usou a literatura para desenvolver condições pertinentes à análise de elementos relevantes da sociedade brasileira. Faz-se perceptível no texto não só aquilo que está escrito, mas o que se quis dizer, o que se quis demonstrar, o sentimento que impulsionou o trabalho, que moveu a mente e as mãos do escritor. Nesse sentido, José Roberto Mello refere que:

⁹² MENEZES, G. B. *Intérpretes do Brasil*, p. 285.

⁹³ MOOG, A. M. Entrevista. In: CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho*: Vianna Moog, um intérprete de Brasil, p. 13.

[...] nós vivemos em função das aspirações, das motivações e ideais que propomos, de nosso modo de ver a vida e o mundo. De toda a documentação ao alcance do historiador, um dos melhores segmentos para a análise de tais fenômenos é o da literatura.⁹⁴

Essa experiência vivenciada por Vianna Moog influenciou sua escrita, a qual, no caso de *Um Rio Imita o Reno*, se estabeleceu por conta do contexto da publicação da obra. Isso vai além das questões nacionais internas, pois extrapola as fronteiras do Brasil, evidenciando a conjuntura da Segunda Grande Guerra Mundial. Segundo ele mesmo, no prefácio da oitava edição datada de 1966:

Em suma, o livro apareceu na hora exata. Se tivesse aparecido antes, é provável que não encontrasse maior repercussão, [...]. Se houvesse aparecido depois, teria perdido a sua força [sic] premunitória [sic], para converter o autor em simples arrombador de portas escancaradas, [...].⁹⁵

Um texto que abordava o avanço do germanismo no Sul do Brasil publicado pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial: essa é a grande mola propulsora de *Um Rio Imita o Reno*. Pode-se afirmar isso não só pelo Prêmio Graça Aranha obtido em 1939, mas pelo impacto da obra tanto no âmbito social quanto no âmbito político. As Secretarias de Educação dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina adquiriram o livro em larga escala para o distribuírem às bibliotecas das escolas.

É possível perceber certo propósito por parte do Autor, quando da escolha do enredo da obra. Vianna Moog usou toda a sua experiência de vida (contato com os diferentes “Brasis”, o enclave étnico) e o contexto mundial (o limiar da Segunda Guerra Mundial) para amplificar o reverberar de seu texto.

Desta maneira, como já foi explicitado anteriormente, isso se materializou em conquistas tanto no campo das Letras como na carreira política. Seu intuito era difundir discursos de contrariedade ao germanismo e, ao mesmo tempo, corroborar com a postura brasileira ao adentar no quadro das potências aliadas na Segunda Guerra Mundial.

Tanto o Rio Grande do Sul como Santa Catarina compareciam com as principais colônias germânicas do país. A questão da identidade tornava-se latente no limiar da guerra e a brasilidade precisava impor-se. *Um Rio Imita o Reno* cumpriu um papel nesse contexto, pois, na fala do Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, ele foi “o maior livro brasileiro”⁹⁶.

⁹⁴ MELLO, J. R. *O cotidiano no imaginário medieval*, p. 8.

⁹⁵ MOOG, V. *Um Rio Imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

⁹⁶ Fragmento da carta de Coelho de Sousa, publicada no jornal Correio do Povo (PoA), em 8 de Outubro de 1939).

Partindo dessa relação, e considerando a postura do Estado ao utilizar a obra para propósitos nacionais, é plausível afirmar, a partir de Miceli:

Tornando-se o depositário de benefícios significativos, o funcionalismo público acabou convertendo-se numa das bases sociais decisivas para a sustentação política do regime. [...]

[...]. O Estado transforma-se, por essa via, na instância suprema de legitimação das competências ligadas ao trabalho cultural, técnico e científico, passando a atuar como agência de recrutamento, seleção, treinamento e promoção do público portador de diplomas superiores.⁹⁷

Da mesma forma que o intelectual busca espaço nos meandros da política nacional a partir de seus escritos, também o Estado favorece o funcionário público, para que este contribua com seu trabalho intelectual na ratificação de elementos e valores culturais defendidos pelo governo em questão. Assim se estabelece uma relação de cooperação mútua, onde os objetivos de ambas as partes acabam por se constituir.

A repercussão e difusão da obra foram ainda muito além. *Um Rio Imita o Reno* foi cogitado enquanto roteiro de filme pela produtora *Paramount Pictures*, em 1943; tornou-se novela radiofônica, em 1944; e ainda teve as edições em língua espanhola e inglesa (publicadas em Buenos Aires e Nova Iorque), publicadas em 1943 e 1965, respectivamente.

Pesavento afirma que:

A sociologia da literatura, desde há muito tempo compeço o quadro histórico, no qual o autor vivera e escrevera sua obra. A história, por seu lado, enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de uma época.

[...]

A rigor, cada geração se coloca problemas e ensaia respostas para solucioná-los, valendo-se para isso de um arsenal de conceitos que se renova no tempo.⁹⁸

Vianna Moog enquadra-se nas análises de Mello (1992) e Pesavento (2006). Ambos os teóricos demonstram como a literatura é reflexo direto dos nossos anseios e de nossas vontades e ideias, e então apresentam a literatura como construção da realidade social de uma época. Além disso, apontam-na como uma fonte relevante para o trabalho do historiador, no que diz respeito à identificação desses caracteres abstratos que são intrínsecos a todos em um contexto. Estudar a literatura é, portanto, estudar um espaço que abre caminho para a análise da

⁹⁷ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 200-203.

⁹⁸ PESAVENTO, S. J. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, C. B.; MACHADO, M. C. T. *História e literatura: identidades e fronteiras*, p. 11.

subjetividade. De mesma forma, para compreender seu papel é preciso analisar a conjuntura histórica que a permeia.

Um Rio Imita o Reno é uma obra literária que apresenta um conteúdo crítico, aos moldes de outros textos escritos por outros intérpretes do Brasil, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Sobre isso, Menezes aponta:

Há muito de ensaio nessas páginas, impregnadas de sua época, de sua região e de seu meio social: gente, costumes, formação e caráter. Famoso o conceito de Stendhal, expedido em *Le Rouge et Le Noir*: “O romance é um espelho ao longo do caminho”. Explicam-se as agudas observações, que enriquecem o volume, voltada à colonização alemã no sul do país.⁹⁹

A pluralidade dos escritos de Vianna Moog ratifica a ideia de que ele fez da literatura um instrumento de consolidação de sua carreira no funcionalismo público e na política, por meio de sua cristalização como um intelectual preocupado em pensar o Brasil, o povo brasileiro e sua identidade. A ampla área abrangida por sua escrita (biografia, ensaio e romance) representa a pluralidade de suas concepções.

Aquilo que teria levado outros ao ostracismo fez com que Vianna Moog se tornasse um intelectual reconhecido internacionalmente, um sucesso editorial, inserido e encampado pelo Estado. Visualizar as diferentes formações culturais do Brasil foi parte fundamental de seu trabalho e imprescindível para a construção de suas concepções e anseios políticos. Em suma, é quase impossível dissociar a figura do intelectual e do literato da figura do homem público, que buscava projetar-se em um sistema que favorecia aproximações a partir de interesses pessoais.

Em carta enviada por Érico Veríssimo a Vianna Moog, tal perspectiva fica evidente quando Veríssimo disse:

Que importa que um romance tenha arte se não tem humanidade? O que importa é a humanidade. Ninguém bocejará se você fizer uma história humana. Deixe de literatura. Faça [sic] um romance moderno. O romance deve ser um hino... hino não, é um termo muito convencional, deve ser uma exaltação de coragem, do espírito de camaradagem. Deve ser uma esperança de dias melhores para os que sofrem, os que lutam... e deve também ser um libelo [...] aos que, por egoísmo, por descuido,

⁹⁹ MENEZES, G. B. *Intérpretes do Brasil*, p. 288.

por ganância ou por qualquer outra razão não compreendem que todos têm o direito de viver decentemente.¹⁰⁰

Não há como, na concepção de Veríssimo, compor um texto literário sem a influência do contexto histórico, mas, além disso, outro elemento fica denotado naquilo que Vianna Moog apresentou em *Um Rio Imita o Reno* – os interesses e anseios do Autor. Na década de 1930, a literatura apresentava-se enquanto um veículo fértil para a discussão de temas sociais e a já referida obra é espelho dessa conjuntura, daquilo que se classificava como Romance de 1930¹⁰¹, mas, ao mesmo tempo, para o Vianna Moog, essa necessidade de debater questões sociais pertinentes era permeada pela vontade de galgar espaços políticos maiores.

Segundo Menezes, existem muitas características de ensaio no romance *Um Rio Imita o Reno* devido à aproximação dos elementos ficcionais desenvolvidos na obra com os entendimentos, valores e conceitos do Autor, fruto de suas vivências e experiências a partir do exílio no norte do país. Tal construção, que se utilizava de elementos ficcionais e de conjunturas históricas, é nomenclaturada por João Décio como romance-ensaio. Sobre isso, o referido teórico afirma:

Realiza assim um romance de características de todo especiais: o romance-ensaio, numa tentativa de buscar a raiz primeira do procedimento da criatura humana. [...]. Daí o elemento irreal a se misturar com o real, neste processo de análise fria da criatura humana. O irreal é consequência [sic] mesmo do aprofundamento da análise e da posterior síntese.¹⁰²

Reis, ao analisar a aproximação entre o romance e o ensaio, afirma que:

O romance contém em si a aberta possibilidade de se transformar num lugar literário, capaz de receber como um grande, convulso e sonoro mar, os afluentes torrenciais da poesia, do drama, do ensaio e também da ciência e da filosofia tornando-se a expressão de um conhecimento, de uma sabedoria.¹⁰³

O enredo apresentado por Vianna Moog em *Um Rio Imita o Reno* coaduna com as inferências de Reis e Décio. As experiências vividas pelo Autor em seu exílio no norte do país

¹⁰⁰ VERÍSSIMO, E. Carta de 25 de junho de 1936. In: CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 42.

¹⁰¹ O conceito de “Romance de 1930” será abordado com maior profundidade no decorrer do capítulo.

¹⁰² DÉCIO, J. O sentido ensaístico do romance de Virgílio Ferreira. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3242/2969>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

¹⁰³ REIS, C. *Diálogos com José Saramago*, p. 137-138.

permitiram a ele construir não só a personagem Geraldo Torres, mas todo o contexto do enclave étnico. Ademais, a observação da conjuntura mundial deu a ele a condição de perceber os movimentos que levariam ao início da Segunda Guerra Mundial e os desdobramentos que ela poderia trazer ao Brasil.

É justamente nesse cruzamento que tudo toma forma no projeto particular de Vianna Moog. O Estado brasileiro no início da década de 1940 enfrenta verdadeiro dilema por conta da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Durante boa parte do regime varguista, a relação com a Alemanha fora frutífera e a imigração trouxera, desde o século XIX, um grande contingente de imigrantes germânicos para o país. O alinhamento com as potências aliadas iria alterar esse quadro.

Nesse aspecto, Fausto afirma:

A eclosão da Segunda Guerra Mundial foi mais importante do que a implantação do Estado Novo para a definição dos rumos da política externa brasileira.

[...]

A entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro de 1941, forçou uma definição.

[...]

Em fins de 1941, tropas americanas estacionaram no Nordeste. O primeiro semestre de 1942 foi marcado por um clima ambíguo apesar da ocorrência de duas decisões de importância: em janeiro daquele ano, não obstante as reticências de Góis Monteiro e de Dutra, o Brasil rompeu relações com o Eixo; em maio, Brasil e Estados Unidos assinaram um acordo político-militar de caráter secreto.¹⁰⁴

O rumo seguido pelo Estado brasileiro acarretou alterações na relação deste com a população, principalmente aqueles que estivessem, de uma forma ou de outra, conectados aos países do Eixo. Italianos, alemães e japoneses passaram a ser perseguidos, pois, mantendo e professando suas origens étnicas e culturais, estariam agredindo a nacionalidade e a pátria que os abrigava. Em tal sentido, Gomes afirma:

Nesse contexto, os alemães, os japoneses e até os italianos passaram a ser evitados e a sofrer crescentes perseguições, sobretudo depois da entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra e com a propaganda contra os espões nazifascistas: os traidores da quinta coluna que atuavam no Brasil.¹⁰⁵

¹⁰⁴ FAUSTO, B. *História do Brasil*, p. 381-382.

¹⁰⁵ GOMES, A. C. População e sociedade. In: SCHWARCZ, L. *História do Brasil Nação: 1808-2010*, p. 53.

O tema proposto por Vianna Moog inseria-se no contexto do chamado perigo alemão.¹⁰⁶ Segundo Vogt, *Um Rio Imita o Reno* é uma obra que “[...] denuncia a penetração da ideologia nacional-socialista entre os teuto-descendentes gaúchos e prega a necessidade de nacionalização das populações das áreas de colonização germânica do Rio Grande do Sul”¹⁰⁷.

Lima também destaca esse aspecto: “As discussões em torno dos perigos que poderiam advir do expansionismo nazi-fascista, contudo, ganhariam contornos mais definidos a partir da eclosão da guerra [Segunda Grande Guerra Mundial] em setembro de 1939.”¹⁰⁸ A denúncia do risco à nacionalidade que poderia advir das colônias alemãs tornou-se instrumento mais sólido para sua inserção nos mais altos escalões do poder nacional. Seu livro municiava um Estado autoritário que precisava adotar novas práticas para dar continuidade a suas ações, sem que isso gerasse questionamentos maiores, capazes de se transmutarem em problemas para a ordem vigente.

Assim, Moog escreveu um texto a partir de seu projeto de vida, de sua vontade de projetar e alavancar sua carreira no funcionalismo público e na política. Tal estratégia funcionou perfeitamente, pois, conforme Gomes:

[...] em 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas e declarou guerra ao Eixo, alinhando-se aos Aliados. Foi, portanto, em um contexto político como esse que o IBGE começou a fazer seu primeiro censo. Seu principal objetivo era subsidiar um governo forte, centralizado e intervencionista, que vivia em clima de guerra e precisava implementar um variado conjunto de políticas, [...] destinadas a proteger o espaço territorial e seu povo, integrando-o de uma maneira efetiva.¹⁰⁹

Ainda sobre tal perspectiva, Velloso se refere:

O período do Estado Novo é particularmente rico para a análise da relação entre os intelectuais e Estado, já que neste mesmo período se revela a profunda inserção deste grupo social na organização político-ideológica do regime. Neste sentido, ao longo do texto, temos a preocupação de focar os intelectuais na qualidade de participantes de

¹⁰⁶ Essa expressão “perigo alemão” é também o nome da obra escrita por René Gertz, publicada em 1991 pela editora da UFRGS. O conceito diz respeito ao conjunto de estereótipos e preconceitos constituídos em relação aos imigrantes alemães no Sul do Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX.

¹⁰⁷ VOGT, O. P. O alemanismo e o “perigo alemão” na Literatura Brasileira da primeira metade do século XX. *Revista Signo*, 2007, v. 32, nº 53. p. 225-258. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/240/190>>. Acesso em: 20 jun. 2014, p. 248.

¹⁰⁸ LIMA, F. V. *O 1º Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo*, p. 17.

¹⁰⁹ GOMES, A. C. *População e sociedade*. In: SCHWARCZ, L. (Org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*, p. 48.

um "projeto político-pedagógico", destinado a popularizar e difundir a ideologia do regime.¹¹⁰

A apropriação da obra pelo Estado brasileiro correspondeu a uma ação através da qual se fundamentou a política nacionalista, em favor da construção de uma identidade nacional homogênea. Para tanto, era preciso combater os “espaços estrangeiros” existentes nos mais distintos rincões do país.

O polêmico livro [aqui o autor refere-se ao livro *Um Rio Imita o Reno*] que escreveu mereceu, por um lado, protestos da embaixada alemã junto ao governo brasileiro por ser considerado ofensivo ao III Reich. Por outro lado, teve grande acolhida junto ao governo do RS que, através da sua Secretaria de Educação, adquiriu grande número de exemplares da obra para a distribuição às bibliotecas escolares do Estado.

Conjunturalmente, a obra saiu no momento apropriado: estava-se, então, no início da campanha de nacionalização ou de abasileiramento dos “quistos étnicos” estrangeiros existentes no interior do Estado brasileiro.¹¹¹

A relação de Vianna Moog com Getúlio Vargas e sua composição política de Estado Novo é paradoxal. Verifica-se a apropriação de sua obra ocorrida a partir da sua aquisição e distribuição pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. Seu texto, contendo uma crítica em relação à inexistência de uma identidade nacional coesa, foi, no entanto, apropriado pelo regime varguista, considerando apenas o aspecto de denúncia ao expressivo poder do germanismo no Sul do país. Nesse tocante, Vianna afirma:

Efetivamente, em fins de 1938 e começos de 1939 os tempos estavam mais do que maduros para o assunto do meu primeiro romance: a história de um amor contrariado por preconceitos de raça. E não só estavam maduros esse [sic] tipo de enredo [sic], como também para a denúncia dos perigos que nos rondavam em consequência [sic] dos sentimentos e ressentimentos que a quinta coluna, então muito ativa no Brasil, fomentava em nosso meio. Desde que os perigos andavam no ar, evidentes como fraturas expostas, era a bem dizer inevitável que a consciência nacional, de repente despertada para a realidade que nos ameaçava e que nossos governantes nunca trataram a sério de combater ou erradicar, acabasse por oferecer ao livro muito boa acústica.¹¹²

¹¹⁰ VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política do Estado Novo*, p. 4.

¹¹¹ VOGT, O. P. O alemanismo e o “perigo alemão” na Literatura Brasileira da primeira metade do século XX. *Revista Signo*, 2007, v. 32, nº 53. p. 225-258. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/240/190>>. Acesso em: 20 jun. 2014, p. 248-249.

¹¹² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

O debate acerca da identidade também circunscreve a segurança nacional. Ela aparece enquanto uma preocupação frequente nas falas de Getúlio Vargas, tanto que foi evocada até mesmo para a consolidação do golpe do Estado Novo. Plasmar uma identidade significava, entre outras coisas, fortalecer o nacionalismo e combater os inimigos internos e externos.

A partir da década de 1940, Vianna Moog alcançou a projeção desejada. Em 1942 foi transferido para o Rio de Janeiro, compondo o quadro de agentes fiscais do Distrito Federal. *Um Rio Imita o Reno* e as amizades que conquistou o levaram para mais perto do poder central. A escolha temática lhe rendera a visibilidade almejada. A postura conservadora adotada após o retorno do exílio frutificara em resultados positivos. Sobre esse processo de ascensão de alguns intelectuais, Miceli aponta:

Um grupo “seleto” de intelectuais foi convocado para assumir cargos de cúpula do executivo ou, então, para ocupar as principais trincheiras do poder [...]. Tais cargos conferiam a seus ocupantes acesso direto aos núcleos de poder em que tinham participação efetiva no processo decisório em matérias de sua alçada. [...]

[...]

A legitimidade intelectual e ética dessas figuras de proa assegurava-lhes, portanto, trânsito livre pelas principais instâncias do sistema de poder.¹¹³

A produção literária engajada na criação da identidade nacional e de projetos para reformas do Estado estava permeada por posturas conservadoras. Vianna Moog aprofundou-se nessas temáticas de forma tal que foi convidado para proferir uma conferência acerca da literatura brasileira no Itamarati. Estava aí concretizada também sua figura de intelectual com o aval do Estado para pensar o Brasil, em seu caso específico, a identidade nacional.

A perspectiva reformadora¹¹⁴ aparece logicamente enquanto fruto de sua postura conservadora. O intelectual não se mostrava adepto à esquerda ou a nenhuma agremiação radicalmente contrária ao regime, tanto isso assim foi que seu projeto pessoal visava ascender ao alto escalão governamental.

Com o enfraquecimento do regime de Getúlio Vargas, a partir de 1945, percebeu-se, por parte da intelectualidade brasileira, um processo de questionamento das práticas ditatoriais e

¹¹³ MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*, p. 209-210.

¹¹⁴ Esse aspecto ficará mais claro a partir do segundo capítulo, no qual será realizado o estudo dos ensaios produzidos por Vianna Moog na década de 1930: *Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas*.

antidemocráticas. Prova disso foi o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, organizado pela ABDE¹¹⁵ na cidade de São Paulo, no mês de janeiro do referido ano.

Melo refere-se assim ao evento:

A complexidade da configuração política dos anos 1940 nos ajuda a pensar a ABDE. Destaca-se a preocupação deste grupo de escritores no combate ao Estado Novo e especialmente à influência do PCB, contudo é interessante atentar para a pluralidade de autores.¹¹⁶

Vianna Moog, que participou do encontro, mostrava-se coadunado à ideia do seminário: crítica ao regime varguista. Mesmo assim, porém, no mês de setembro, disse, ao discursar em sua posse na Academia Brasileira de Letras:

Até ontem triunfaram os críticos, os que se sentiam subjugados por tudo quanto representasse passado e tradição e por isso queriam o derribamento¹¹⁷ frenético desse passado. Agora é a vez dos orgânicos, dos que compreendem que o passado, antes de ser um bem ou um mal, é um fato indesviável, e não o renegam, senão naquilo que deve ser corrigido e renegado. Preservam-no naquilo que ele tem de preservável [sic], para destruí-lo e retificá-lo naquilo em que tenha ultrapassado os limites de sua utilidade social.¹¹⁸

A mudança de postura do Autor é evidente. Da mesma forma que, no início da década de 1940, ele se deixou cooptar pelo Estado Novo, depois, quando esse entrou em crise, gravitou em direção da crítica a ele. Era preciso manter seu patamar de intelectual e escritor consagrado para que nesse novo momento político que se anunciava permanecesse à vista para catapultar sua carreira política. Necessitava demonstrar-se enquanto um intelectual envolvido com os termos “liberdade” e “democracia” para que fosse lembrado na composição do *staff* governamental do governo Dutra (responsável pela redemocratização do Brasil após a ditadura varguista).

¹¹⁵ Associação Brasileira de Escritores (ABDE) fora fundada em 1942 com a função de regulamentar questões relacionadas às especificidades do ofício de escritor. Entretanto, por conta do contexto histórico mundial (Regimes Totalitários e a Segunda Grande Guerra Mundial) e brasileiro (as restrições impostas pela censura do Estado Novo, capitaneada pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda), a Associação acabou por abordar temáticas políticas, de maneira essencial, acerca do papel dos escritores no mundo contemporâneo.

¹¹⁶ MELO, A. A. M. Associação Brasileira de Escritores – dinâmica de uma disputa. *Revista Varia História*. Belo Horizonte: UFMG. Vol. 27, nº 46, p. 711-733, jul./dez. 2011.

¹¹⁷ Do verbo “derribar”: sinônimo de derrubar, fazer cair.

¹¹⁸ MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/9/1945. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7590 &sid=108>. Acesso em: 10 set. 2014.

É preciso compreender, porém, que a mudança referida não é e nem representava algo simples. Existe aí também um processo de amadurecimento do intelectual, e de aprimoramento do escritor. O autor não pode ser visto como algo/alguém estanque, mas, sim, tomado pelo turbilhão de acontecimentos ao seu redor e em seu interior. Sobre essa premissa, Foucault afirma:

[...] o autor é o que permite explicar tão bem a presença de certos acontecimentos em uma obra, como suas transformações, suas deformações, suas diversas modificações [...]. O autor é, igualmente, o princípio de uma certa unidade de escrita – todas as diferenças devendo ser reduzidas ao menos pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. O autor é ainda o que permite superar as contradições que podem se desencadear em uma série de textos: ali deve haver um certo nível do seu pensamento ou do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente – um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis se encadeando finalmente uns nos outros ou se organizando em torno de uma contradição fundamental ou originária.¹¹⁹

De intelectual do *staff* varguista a crítico ferrenho do governo ao ingressar na Academia Brasileira de Letras, aquilo que parece simplesmente contradito passa a ter sentido com base no balizamento foucaultiano. As transformações na conjuntura nacional, somadas às pretensões políticas e intelectuais do Autor, geram o sentido necessário àquilo que parece contraditório.

Seguiu Vianna Moog um eixo fixo, um anseio por ele muito bem descrito em seu discurso mencionado acima. Entendia-se como um orgânico, um intelectual forjado no calor do debate da nacionalidade, das propostas para a construção de um Brasil a partir da Revolução de 1930. Se os caminhos foram tortuosos, até mesmo questionáveis, o anseio manteve-se cristalizado.

Há de se perceber que a literatura não fora apenas o caminho escolhido por Vianna Moog para demonstrar sua visão política. Outros muitos também seguiram essa tendência, o que possibilitou a consolidação da preocupação da ABDE apontada pelo Autor. Participaram do evento escritores como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Fernando Sabino, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado, Antônio Cândido, Monteiro Lobato, dentre outros.¹²⁰

¹¹⁹ FOUCAULT, M. *O que é um autor?* p. 281.

¹²⁰ Segundo os Anais do I Congresso Brasileiro de Escritores, participaram do evento 21 delegações nacionais, advindas dos estados brasileiros, 16 delegações estrangeiras, uma comissão jurídica e 10 instituições culturais e profissionais.

Não havia distinções entre o tipo de literatura produzida por esses intelectuais. Poetas, romancistas e ensaístas eram congregados e unidos por laços ideológicos. As ideias de liberdade, de democracia e, em alguns casos, de esquerda política (articulada a partir da influência do PCB – Partido Comunista Brasileiro) determinavam os eixos que coadunavam esses intelectuais.

Se, de um lado, a intelectualidade europeia (principalmente a francesa) lutava contra a repressão e a censura dos regimes totalitários, no Brasil, estabelecia-se a luta contra a opressão do Estado Novo. Os valores democráticos e de liberdade plasmavam o discurso da intelectualidade brasileira conectada à ABDE.

Lima apresenta argumentos importantes para corroborar esse entendimento da questão:

Em janeiro de 1945, o debate acerca do papel social a ser cumprido pela intelectualidade já alcançava uma amplitude considerável dentro e fora do Brasil. Os aspectos conjunturais [...] rondavam as mentes dos mais destacados homens de cultura brasileiros e europeus. [...]. Palavras como “liberdade” e “democracia” eram entoadas por esses pensadores, como símbolos e uma luta que, [...] extravasava o ambiente do escritório e da máquina de escrever [...].¹²¹

O engajamento social e político, a defesa de causas e ideias políticas como a liberdade e a democracia, esses fatores eram fundamentais nesse novo contexto internacional e brasileiro. Tal perspectiva denota influências na própria composição dos trabalhos de Vianna Moog.

No caso de *Um Rio Imita o Reno*, o caráter quase que ensaístico e de denúncia que o romance possui aponta para o fato de que ele se mostrava interessado em debater assuntos pertinentes ao concreto, à realidade que se apresentava: um país, vários e distintos “Brais”.

Toda essa construção acadêmica colocou Vianna Moog no cenário da intelectualidade brasileira, o que o levou à ABDE. É fato também que o enfraquecimento do regime getulista e a entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra Mundial ao lado das potências aliadas (que levou à constituição de um quadro contraditório, em razão da estruturação fundamental do Estado Novo) contribuíram imensamente para a concretização de seus anseios políticos.

Em 1945, o poder de Getúlio não era nem de perto o mesmo existente em 1938, quando *Um Rio Imita o Reno* foi publicado. A redemocratização ocorrida no Brasil com o fim do Estado Novo e a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial possibilitaram novas conquistas na carreira pública de Vianna Moog. Isso pôde ser visto com sua cristalização no quadro da

¹²¹ LIMA, F. V. *O 1º Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo*, p. 14-15.

intelectualidade brasileira, logo em 1946, quando se transferiu para os Estados Unidos da América, para trabalhar na Delegacia do Tesouro de Nova Iorque.

Em 1952 sua carreira política apresentou outro grande salto, pois foi nomeado o representante brasileiro na Comissão de Questões Sociais da ONU e, posteriormente, recebeu nomeação para a Comissão de Ação Social da Organização dos Estados Americanos (OEA), o que lhe valeu ser enviado para o México, onde residiu por 10 anos. Por fim, conseguiu ele desenvolver na prática o que havia desenhado em décadas de teoria inserida em seus escritos.

Afirmar que Vianna Moog foi vítima da Era Vargas ou que esse período o tolheu de participar ativamente da vida política nacional seria aceitar passivamente as suas próprias palavras, sem tomá-las em contexto. É lícito dizer que o espaço entre 1930 e 1945 serviu para a construção do intelectual e do político Vianna Moog devido à eloquência, laços de amizade, prestígio advindo de seu sucesso editorial, da sua astúcia e das relações estabelecidas pelo Autor.

Pensar sobre o Brasil e a identidade nacional foram coisas que Moog desenvolveu durante boa parte de sua carreira literária e política, mas sempre tendo a primeira enquanto ferramenta da segunda. Dessa forma, construiu uma visão específica acerca do que vivera entre 1930 e 1945. Imputava a esse período uma grande quantidade de críticas e lamentos, em que a vitimização fica evidente:

Pertencendo, como pertencço, a uma geração banida e atribulada, provavelmente a mais atribulada de todas as gerações – geração que entre duas guerras vem tateando na penumbra do ostracismo, atordoada, inquieta, proscrita, vendo ruir o mundo de desacertos e injustiças em que plasmou a sua formação, se ver surgir, em contornos definitivos, a oportunidade de plasmar o mundo pelo qual há tanto tempo espera, custa-me ainda agora acreditar esteja chegando o dia de assentar-me ao vosso lado, como um dos vossos, para lutar convosco pelo reestabelecimento, permanência e continuidade daqueles valores morais e espirituais que fazem, ao lado da justiça, e só eles, a grandeza das nações.¹²²

Compreender sua posição política e sua visão acerca dos problemas e impedimentos existentes na construção de um Brasil coeso significa compreender as concepções embutidas na composição de sua obra literária. Buscar de maneira contextualizada sua literatura, isso nos permite melhor enquadrar suas ações, propósitos e projetos para o futuro.

¹²² MOOG, Vianna. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/09/1945. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=75_90&sid=108. Acesso em: 10 set. 2014.

É mister dizer que, mesmo sem a possibilidade de participar de forma decisiva na composição do Estado Brasileiro durante a década de 1930, Vianna Moog estabeleceu pela via da literatura o caminho para tornar-se um intelectual respeitado, com visibilidade nacional e, a partir daí, um homem público. Tal perspectiva cresceu de forma exponencial na primeira metade da década de 1940, graças ao impacto de *Um Rio Imita o Reno* e à conjuntura nacional e mundial que prontamente corroboraram suas ideias e interpretações acerca da sociedade brasileira.

Após pouco mais de duas décadas dedicadas à vida pública, Vianna Moog aposentou-se da política em 1969. Desse momento em diante não publicou mais nenhuma obra, o que caracterizou também seu afastamento definitivo da carreira literária. Depois disso, retornou ao Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro. Residiu aí até o ano de 1988, quando faleceu, em 15 de janeiro, aos 81 anos, vítima de parada cardíaca após uma intervenção cirúrgica.

Entre os anos de 1960 e 1980 seu prestígio no meio intelectual brasileiro foi se perdendo e, gradativamente, seu nome caiu no ostracismo. É preciso considerar que isso ocorre pela mudança em relação ao papel do intelectual no Brasil a partir da década de 1960, e seu espaço de inserção nos meandros da sociedade brasileira. Sobre isso, Enildo de Moura Cavalho afirma:

A inserção de Vianna Moog no meio intelectual brasileiro no período 1930-1940 tinha se encaminhado fortemente pela imprensa escrita.

[...]

O papel do intelectual ganhava contornos universitários, ao passo que as redações de jornais, em grande medida, redefiniam sua relação com os jornalistas. Com o público leitor, com a própria universidade, [...].

[...] Visto assim, talvez tenhamos mais um indício de que a produção de Vianna Moog já não despertava a mesma motivação por parte dos leitores, pares e mídia.¹²³

Nesse espaço de tempo em que voltou a viver no Brasil, suas únicas aparições públicas se deveram a convites para pronunciamentos e discursos protocolares em cerimônias. O ostracismo no qual se havia perdido era por ele combatido com as memórias do passado. Nas palavras de Enildo de Moura Carvalho, “Em certo sentido, Moog se mostra preso ao passado, à geração de 1930 [...]”¹²⁴

O sucesso enquanto intelectual nas décadas de 1930 e 1940 lhe garantiu usufruto político. Nas décadas seguintes, ao aposentar-se da vida pública, também acaba por perder espaço no bojo da intelectualidade brasileira, pois suas publicações a partir do fim da década

¹²³ CARVALHO. E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho*: Vianna Moog, um intérprete de Brasil, p. 249.

¹²⁴ CARVALHO. E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho*: Vianna Moog, um intérprete de Brasil, p. 254.

de 1950 desconectavam-se da realidade sócio-histórica nacional, fator que outrora lhe fora fundamental para o sucesso literário e político.

As publicações que lhe agregaram visibilidade e contribuíram em sua ascensão foram perdendo o valor por conta daquilo que impulsionou seu sucesso. No caso de *Um Rio Imita o Reno*, circunscrito ao enredo da Segunda Guerra Mundial e da denúncia ao germanismo, não possuía mais o mesmo poder premonitório que consagrou a obra. O nazismo havia sido derrotado e o “perigo alemão” já não mais assombrava o Brasil.

Carlos Eduardo Ornelas Berriel, acerca da relação entre a conjuntura vivida e literatura, elucida:

Esta seria sua concepção de literatura: uma expressão viva. Formal e conteudística de uma sociedade em transformação. As obras seriam mais sintoma do que expressão mimética desse mesmo processo histórico.¹²⁵

É possível, a partir de toda a discussão já estabelecida, averiguar uma espécie de fio condutor, de caminho traçado nos escritos de Vianna Moog. Tudo isso constitui o seu modo de interagir com os acontecimentos da década de 1930, bem como com a sua tratativa em relação aos seus desdobramentos. Talvez seja possível ainda afirmar que, ao mesmo tempo em que ele fora fruto de suas vivências, essas também foram inegavelmente permeadas por sua escrita e sua ação enquanto funcionário público e posteriormente político.

Sua produção vinculava-se ao pensamento conservador, autoritário, marcadamente instituído no regime varguista. Com base em *Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas* e *Um Rio Imita o Reno*, identificam-se suas reservas na participação e posição das diferentes etnias e culturas na composição da identidade nacional.

A criação de um “modelo de brasileiro”, a partir de uma miscigenação guiada¹²⁶, inculcando papéis e lugares sociais aos grupos humanos formadores desse mosto, aponta para seu projeto de país. Assim, com a conexão estabelecida entre sua carreira política e seus escritos já referidos, seu espaço entre os intérpretes de Brasil é altamente justificável.

Vianna Moog foi um intelectual do seu tempo. Viveu intensamente os anos 1930 e 1940. Tais décadas constituíram-se no ápice de sua carreira literária e, por consequência, atingiu, nas décadas seguintes, o tão almejado sucesso político. A literatura contribuiu inegavelmente para atingir seus objetivos pessoais, a intelectualidade certamente corresponde ao elemento que lhe

¹²⁵ BERRIEL, C. E. O. Literatura e nação em Nelson Werneck Sodré. In: CUNHA, P. R.; CABRAL, F. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. p. 288.

¹²⁶ Essa perspectiva de miscigenação será aprofundada no segundo capítulo.

garantiu aquilo que muitos políticos, ao longo do tempo, se preocuparam em alcançar: ter seu nome gravado na história.

Muito além dos cargos ocupados, os escritos publicados por Vianna Moog são os grandes responsáveis pela salvaguarda de sua história, visto que são eles, seus textos e suas obras, que lhe agregaram à sua vida a imortalidade pela tomada da 4ª cadeira na Academia Brasileira de Letras e, de acordo com a hipótese elencada neste trabalho, lhe atribuíram a alcunha de intérprete de Brasil.

CAPÍTULO II

Vianna Moog e os Vários “Brasis”

Para realizar o trabalho historiográfico através do contato com a literatura de um rigor epistemológico, deve-se levar em conta a maneira como o historiador lida com as fontes, neste caso, as fontes literárias. É nesse sentido que o presente capítulo buscará compreender o quadro formado pela verificação combinada de obras¹²⁷ publicadas por Vianna Moog durante a década de 1930, sendo elas: *O Ciclo do Ouro Negro*, (1936), *Novas Cartas Persas* (1937), *Heróis da Decadência*¹²⁸ (1939) e *Um Rio Imita o Reno* (1939).

As três primeiras obras referidas são consideradas ensaios, enquanto já a última é um romance, mas com profundo teor histórico. Para melhor abordar a relação entre *O Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas* e *Um Rio Imita o Reno*, e fugindo de uma definição clássica, no intuito de desenvolver uma análise mais sólida nos meandros da relação entre História e Literatura, tratar-se-á do debate acerca do conceito de ficção histórica.

Esse subgrupo da ficção, determina-se como um exercício particular e individual da razão, o que pressupõe entendimento pessoal sobre determinado objeto estudado e analisado, inserido em uma determinada conjuntura histórica. Constituindo isso, pode-se dizer que o a ficção histórica possui um tripé fundamental no qual se apoia: o raciocínio lógico individual (próximo daquele da narrativa memorialista, a emancipação intelectual e o empenho em construir relações com a conjuntura histórica (personagens, eventos, fatos e processos).

¹²⁷ As referidas obras foram escolhidas a partir da sua relação com o objeto de estudo e sua influência na composição do intelectual/político Vianna Moog.

¹²⁸ Esse trabalho de Vianna Moog não encontra relação direta com os demais e, por isso, não faz parte do conjunto de obras estudadas na tese.

Uma segunda perspectiva latente na ficção histórica é que sua composição deriva de experiências vividas pelo autor, ou seja, de um conjunto de saberes desenvolvidos pelas vivências em determinadas ocasiões. A terceira característica fundamental é “o processo de criação de realidade firmado no ato de narrar”¹²⁹, ou seja, a narrativa estabelecida precisa desenvolver uma realidade passível de ser verificada e compreendida pelo leitor.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível notar que as três obras traçam, de forma direta ou indireta, esse caminho. *O Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas* e *Um Rio Imita o Reno*, trazem consigo as observações pessoais e particulares do Autor acerca das questões políticas e sociais julgadas por ele importantes, gravitando mais ao redor do debate da formação social do Brasil, da identidade nacional e do papel do Estado nessa conjuntura.

A consolidação da ficção histórica enquanto um elemento de estudo e análise para os historiadores, ocorreu, segundo Marilene Weinhardt quando a História “afastou-se dos ideais de ciência dura e reorientou-se para veio tão aberto que se permitiu denominações sugestivas, como história do cotidiano, história das mentalidades, história das sensibilidades [...]”¹³⁰. Desse modo, a História passou a demonstrar-se “interessada em apreender a essencialidade humana e o sentido da contemporaneidade”¹³¹.

Considerando então a relação dos trabalhos publicados por Vianna Moog nos anos 1930, é possível fixar para *Um Rio Imita o Reno* a característica de ficção histórica. Isso pois, segundo Naira de Almeida Nascimento, o trabalho do Autor foi além da “simples inclusão de personagens históricas, ou a retratação de fatos históricos, ou, ainda, de uma época passada”¹³². Seu trabalho apresentou “traços comuns com a escrita memorialista”¹³³, o que garantiu verdadeiramente a solidez necessária para a defesa da alcunha de ficção histórica.

Quanto à afirmação de que *Um Rio Imita o Reno* também tenha caracterização ensaística, Carvalho afirma:

No texto *Um rio imita o Reno* (1938), Moog prossegue na abordagem de temas próximos do estudo realizado na obra lançada há dois anos antes, *O ciclo do ouro negro*. A diferença se localiza no cenário, uma vez que a ação sai da Amazônia e se instala numa colônia teuto-brasileira – Blumental – no Sul do Brasil.

¹²⁹ WEINHARDT, M. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*, p. 13.

¹³⁰ WEINHARDT, M. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*, p. 16-17.

¹³¹ WEINHARDT, M. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*, p. q7

¹³² NASCIMENTO, N. A. Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos. In: WEINHARDT, M. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*, p. 59.

¹³³ NASCIMENTO, N. A. Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos. In: WEINHARDT, M. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*, p. 60.

[...]

De alguma forma, pode-se pensar o enredo de *Um rio imita o Reno* amparado nos estudos realizados pelo autor na Amazônia e que resultaram no ensaio *O ciclo do ouro negro*. Ou seja, o romance acaba seguindo as pegadas do ensaio publicado dois anos antes. Vianna Moog se permite essa construção literária na medida em que tem conhecimento da realidade amazônica.¹³⁴

Ainda nesse interstício, a filha de Vianna Moog, Ana Maria Moog, em entrevista concedida, aponta:

Um Rio imita o Reno foi escrito quando meu pai já havia estado no Amazonas. Ele tinha um entranhado amor pelo Brasil e pelas mais variadas facetas da realidade brasileira. Suas posições políticas manifestadas no livro refletem a total rejeição da mentalidade que vigorava em grande parte da comunidade teuto-brasileira que afirmava a superioridade da raça ariana.¹³⁵

Em suma, as duas falas acima elencadas evidenciam a caracterização de ficção histórica. Conforme afirmou Ana Maria Moog, até mesmo *Um Rio Imita o Reno* apresenta fatores capazes de compreendê-lo desse modo, emerso das vivências e experiências que forjaram o Autor e sua maneira de pensar e interpretar o Brasil. Sendo assim, ratifica-se a necessidade de compreender a relação que *O Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas* estabelecem com o romance.

2.1. As veredas literárias de Vianna Moog: *O Ciclo do Ouro Negro*

O Ciclo do Ouro Negro foi publicado por Vianna Moog em 1936, pela livraria Editora Globo. Essa foi a sua primeira obra escrita na modalidade de livro, sendo fruto direto de suas observações em relação à região amazônica em vista da sua estada de dois anos no norte do Brasil, por motivo de exílio político. Sobre o assunto, o próprio Autor afirma:

Devo aos acontecimentos revolucionários de 1932 a excelente oportunidade de conhecer a Amazônia, que até então não havia entrado no domínio de minhas cogitações. A cumprir pena de exílio político, lá estive de outubro do mesmo ano a julho de 1934. Durante êsse [sic] tempo fui obrigado a percorrê-la em vários sentidos e em épocas

¹³⁴ CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 158.

¹³⁵ MOOG, A. M. Entrevista. In: CARVALHO, E. M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*, p. 158.

diferentes, circunstância esta que me permitiu observá-la de um modo e de outro modo, na multiplicidade de seus aspectos.¹³⁶

O primeiro parágrafo do prefácio da obra já destaca e sintetiza aquilo que permeia sua construção: o olhar crítico de um homem que, durante o exílio, tentou melhor conhecer e compreender as relações socioculturais estabelecidas nesse Brasil tão distante do Rio Grande do Sul.

Por se tratar de impressões particulares, não se preocupou com o quão inéditos seriam seus apontamentos e o quanto eles poderiam contribuir ou somar ao conhecimento já produzido por intelectuais e literatos como Euclides da Cunha em *Os Sertões*, como Gastão Cruls em *A Amazônia Misteriosa* e *A Amazônia que Eu Vi*, como Raimundo de Moraes nas obras *Na Planície Amazônica*, *Cartas da Floresta* e *País das Pedras Verdes* e como Alberto Rangel em *Inferno Verde (cenas e cenários do Amazonas)* e *Sombras n'Água: vida e paisagens no Brasil equatorial*. Vianna Moog colocava-se apenas enquanto alguém que passava para o papel suas ideias sobre a Amazônia.

Em *O Ciclo do Ouro Negro*, Vianna Moog enfoca a formação da sociedade brasileira na região norte do país a partir de uma visão sociológica e histórica. Essa análise pormenorizada só foi possível graças ao tempo por ele vivido na região, o que o levou à constituição de uma rede de contatos capazes de lhe agregar informações e fontes fundamentais para a pesquisa.

O texto de Vianna Moog foi concebido de maneira planejada, sendo que suas considerações partem de caracterizações geográficas, como a hidrografia e a classificação de ecossistemas locais (como o igapó). É a partir desse cenário que ele faz a inserção do ser humano e suas relações socioeconômicas, aprofundando a questão e chegando aos elementos culturais, como os mitos e as lendas locais.

No que diz respeito às caracterizações geográficas, um elemento chama a atenção nas exposições do ensaísta, qual seja o de que, como ele mesmo disse, “A Amazônia é uma terra que se transfigura. A fixação dessa preliminar é exigência [...] para quem procure interpretá-la”.¹³⁷ Isso significa dizer que não há, em sua concepção, maneira de se conhecer a Amazônia sem estar lá, sem vê-la, sem viver nesse espaço por tempo suficiente para compreender suas singularidades.

A percepção dessa geografia mutante é imprescindível para a interpretação daquilo que esse espaço representa. As potencialidades econômicas e as formações populacionais decorrem

¹³⁶ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 21.

¹³⁷ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 26.

diretamente desse quadro onde o meio é “[...] a um tempo inferno e paraíso verde, sem contradição”.¹³⁸ A caracterização do espaço define, para Vianna Moog, aquilo que se vive e se materializa em relações sociais e econômicas em terras amazonenses.

Após o trato geográfico, algumas considerações socioeconômicas são compostas pelo Autor. No capítulo “Civilização de Alternativas”, ele apresenta três elementos, seus desdobramentos e dificuldades. As relações de trabalho e produção nesse espaço não foram simples e fáceis, visto o desafio de singrar a selva.

Tanto a agricultura quanto a tentativa da produção de manufaturas haviam falhado desde o período imperial. Vianna Moog não pormenoriza as razões das falhas desses processos, apenas as atrela ao desenvolvimento do *ciclo* da borracha:

Desta vez, entretanto, não foi o meio, nem a instabilidade do solo que transformaram o cenário. Foi a valorização da borracha. Com ela encerra-se o ciclo da policultura e das indústrias. E começa o ciclo fatal do ouro negro.

Data, com efeito, da vertiginosa valorização da borracha a ruína quase integral da verdadeira civilização ajustável à planície. Deve-se-lhe, mais do que a qualquer outra causa, o declínio e o desaparecimento geral das fontes de riqueza que tornaram prósperos e tranquilos os dias da Amazônia no século passado.¹³⁹

Na perspectiva do Autor, evidencia-se uma composição crítica em relação à postura adotada em âmbito econômico: abandonar as manufaturas e a agricultura para aventurar-se na busca pela borracha (na obra, a expressão *ouro negro* refere-se justamente a esse produto). As duas primeiras trariam equilíbrio e estabilidade, enquanto o ouro negro levaria a um quadro de instabilidade e de desorganização.

Observa-se uma aproximação da análise de Vianna Moog com a interpretação de Sérgio Buarque de Holanda, na obra *Raízes do Brasil*. Desistir daquilo que era correto em nível social e econômico em favor da ideia/noção de lucro fácil, advindo de pouco trabalho mas muita aventura, é elemento característico da colonização lusitana:

O princípio que, desde os tempos mais remotos da colonização, norteava a criação da riqueza no país não cessou de valer um só momento para a produção agrária. Todos queriam extrair do solo excessivos benefícios sem grandes sacrifícios. Ou, como já diziam os mais antigos dos nossos

¹³⁸ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 27.

¹³⁹ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 35.

historiadores, queriam servir-se da terra, não como senhores, mas como usufrutuários [...].¹⁴⁰

O que ocorre na Amazônia observada e constituída aos olhos de Vianna Moog é aquilo que é confirmado por Sérgio Buarque de Holanda: explorar os bens naturais da forma mais simples e menos trabalhosa, buscando aquilo que o autor de *Raízes do Brasil* caracteriza como lucro torpe¹⁴¹.

A composição da expressão “ciclo do ouro negro” também merece atenção. A estratégia de escrita aqui desenvolvida visa traçar um paralelo entre a corrida do ouro que aconteceu no estado norte-americano da Califórnia e a exploração dos seringais amazônicos. Nesse quadro, o Autor percebeu uma diferença: no caso californiano consolidou-se uma civilização a partir do processo extrativista, enquanto que, no Brasil, o caminho foi inverso ao promover a destruição de núcleos urbanos e rurais.

Quando da escrita da obra, o ciclo da borracha já se demonstrava em franco declínio, demonstrando ser danoso duplamente, pois não deu sustentabilidade econômica à região e destruiu os sistemas produtivos que, por ventura, poderiam ter feito isso. Não restaria, segundo o Autor, “[...] à Amazônia, outro caminho senão recomeçar, [...]”.¹⁴²

Após todas as caracterizações geográficas, o trabalho passa a traçar considerações sobre as populações amazônicas. A essas populações, Vianna Moog busca analisá-las enquanto elementos constituintes do planalto amazônico, considerando o histórico da região e as relações ali desenvolvidas. Nos parâmetros da sua análise, o indígena ganha papel de destaque.

O Autor se preocupa em estabelecer alguns parâmetros relevantes para essa parte do texto: primeiro, traduz enquanto impossível o conhecimento da quantidade exata de etnias indígenas que ocuparam a vasta região amazônica. Esse quadro amplo não permitia uma verificação completa e final das populações indígenas do norte.

Em segundo lugar, percebe, na grande quantidade de etnias, uma variedade bastante significativa e distinta de usos e costumes dos nativos. Colocava-se contra qualquer síntese explicativa que tentasse, de forma unilateral, universalizar as características dos indígenas.

¹⁴⁰ HOLANDA, S. B., *Raízes do Brasil*, p. 52.

¹⁴¹ Todas as atividades que visavam lucro fácil, com base na exploração violenta dos recursos naturais da colônia a partir da exploração de uma mão de obra escrava, compunham, na perspectiva de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, a ideia de lucro torpe, ou seja, constituído fora de qualquer padrão moral e ético socialmente. Sobre isso, ver: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁴² MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 37.

Em um terceiro momento, adota posições extremas acerca do índio. De um lado, se se “[...] compraz a literatura em fazer do índio um trapo humano”¹⁴³, afirma que isso se estabelecia a partir do olhar e dos valores advindos da Europa. De outro lado ocorre a construção romântica do indígena, a partir de uma perspectiva de deslumbramento. Em suma, Vianna Moog encerra esse debate quando afirma que “[...] pode-se bem imaginar a que pandemônio de conclusões não chegaria quem fôsse [sic] arrolando desatentamente o que tem sido referido [...]”¹⁴⁴

Para Moog qualquer tentativa de unanimidade em relação ao indígena seria infrutífera, pois viria de visões questionáveis acerca de uma parcela apenas, e não do todo. Vianna Moog critica os métodos que a civilização europeia impunha às populações indígenas, critica os comportamentos violentos desses métodos e que não respeitavam as qualidades e habilidades das populações nativas. Assim, quanto ao índio:

Jamais se tratou de civilizá-lo com métodos racionais. O que sempre se fêz [sic] foi torcer brutalmente a sua vocação, quando o mesmo ariano não suporta o desvio violento de suas tendências. O índio sabia fazer algumas coisas com habilidade e outras não.¹⁴⁵

As relações entre os indígenas foram analisadas a partir do processo de colonização do Brasil. No caso amazônico, as incursões europeias se deram em busca de rendimentos econômicos que, ao falharem, foram abandonados, deixando para trás não só as estruturas construídas para moradia e trabalho em ruínas, mas também os povos locais.

Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, entendeu que o nativo serviu a propósitos advindos da Europa, sem que se levassem em considerações os seus anseios e valores. Sobre isso, na coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, foi apresentada a seguinte constatação:

O anseio de “submeter” o indígena passou a ser o elemento central da ideologia dominante do mundo colonial lusitano. [...] [...], o colono, o agente efetivo da colonização: para êle [sic], “submeter” os indígenas equivalia a reduzi-los ao mais completo e abjeto estado de sujeição. Tomar-lhes as terras, fôssem [sic] “aliados” ou “inimigos”; convertê-los à escravidão, para dispor *ad libitum* de suas pessoas, de suas coisas e de suas mulheres; tratá-los literalmente como seres [sic] sub-humanos e negociá-los [...].¹⁴⁶

¹⁴³ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 67.

¹⁴⁴ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 67.

¹⁴⁵ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 68.

¹⁴⁶ HOLANDA, S. B. de. *História geral da civilização brasileira: a época colonial*, p. 83.

O intento colonizador impunha-se de forma violenta frente ao indígena. Dessa forma, a relação entre o colonizador e o nativo não foi constituída de forma a considerar as virtudes do segundo. O fato de ser obrigado a submeter-se a uma nova realidade impeliu o indígena a novas formas de desenvolvimento, que tolheram seu modo de ver o mundo e seu modo de ser no mundo.

Toda essa discussão em relação à geografia, às atividades econômicas e ao indígena e suas relações mostraram-se importantes na composição de *Um Rio Imita o Reno*. A construção da personagem de Geraldo Torres foi feita tangenciando esse debate, pois sua mãe era indígena e seu pai, retirante nordestino seduzido pelo ouro negro. Moog estabelece comparações, caracterizações e tendências humanas entre os indígenas e os arianos.

Ao iniciar o trabalho acerca das características e subdivisões étnico-raciais do Amazonas, Vianna Moog subdivide em grupos o que comum e genericamente se chama de caboclo. De princípio, preocupa-se em dizer que não é algo simples, algo tratado apenas em nível racial enquanto o mameluco (miscigenação entre europeu e indígena). Para ele, pelo menos três são os exemplares desse grupo humano: O mameluco de Agassiz, o mongo-malaio e o caboclo genuíno. Tal desmembramento é importante na composição do estudo por conta daquilo que o ensaísta entende pela fragilidade das leis gerais acerca da figura do caboclo.

O Mameluco de Agassiz foi representado como um conjunto populacional degenerado, extremamente incapaz de progredir social e economicamente. Trata dos seus desvios morais e da falta de vontade deles para agir em seu meio. Esse subtipo de caboclo traz consigo limitações relacionadas à sua falta de saúde e aos vícios: “Esta [sic] aí [...] um quadro perfeito de fim de raça, acelerado pela verminose, o impaludismo, o alcoolismo e, sobretudo pela sífilis, minando virulentas e impenitentes o organismo do mameluco.”¹⁴⁷

Nota-se, na construção desse arquétipo social, o desprezo construído no discurso do Autor. Isso assim se caracteriza em razão da sua tentativa de classificar e de qualificar a diversa população existente na região amazônica. Esse “híbrido de branco e índio”, como ele mesmo define, traz consigo apenas os elementos socioculturais, morais e éticos indígenas, sobrepostos às características positivas do homem branco. A expressão “fim de raça” está relacionada ao futuro desse grupo humano: a extinção pela falta absoluta de qualidades.

A fala eugênica de Vianna Moog se estabelece de forma sólida, estabelecendo discursos onde a figura do indígena é denegrida. O nativo amazônico é, na composição do ensaísta, responsável por agregar, na construção do mameluco Agassiz, apenas seus caracteres

¹⁴⁷ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 75.

mais fracos, que o tornam um verdadeiro empecilho para a grande messe que é dobrar a Amazônia e fazer dela um espaço próspero.

Ao passar para a composição do grupo mongo-malaio, aponta que esses são erroneamente chamados de caboclos, pois correspondem à derivação mais próxima dos grupamentos indígenas existentes na Amazônia na década de 1930. Eles representariam aqueles nativos que abandonaram a vida tribal para inserir-se na sociedade brasileira. Não há, na construção desse grupo, nenhum apontamento profundo sobre suas características biológicas e culturais, demonstrando a irrelevância dos mongo-malaios para a proposta da obra.

Ao tratar dos caboclos genuínos, Vianna Moog refere-se àqueles que foram fundamentais, a seu ver, para a composição de um processo civilizatório na Amazônia. Essa etnia é tida como substancial em razão da sua capacidade de adaptação às dificuldades impostas pelo ambiente. Os caboclos trazem consigo, na perspectiva conduzida no texto, a síntese dos valores de brancos e de indígenas, onde o desvio de conduta de uma de suas heranças socioculturais acaba corrigido pelos fatores positivos da outra:

O genuíno, o autêntico caboclo, em cujo sangue se acham caldeadas as raças ariana e tapuia, êsse [sic] tem sido um elemento insubstituível na Amazônia. Equilibrando os defeitos e qualidades das estirpes cruzadas, possui infusas a arte e a ciência do meio, que lhe vêm do índio, e ninguém se lhe iguala no íntimo conhecimento dos menores segredos da selva, onde é o guia infalível dos desbravamentos.

A ambição do branco é corrigida pela vocação igualitária e comunista do aborígene, o que dá lugar à impressão de ociosidade que se lhe atribui. [...]. Por outro lado, aquela falta de resistência própria do índio transplantado à civilização, fazendo que a menor moléstia produza verdadeiras devastações, é corrigida pelo sangue branco.¹⁴⁸

Assim o Autor estabeleceu uma espécie de padrão na classificação e hierarquização dos grupos étnicos amazônicos. Para ele, existem grupamentos populacionais que, em efeito, por conta da miscigenação, se adaptaram a esse ambiente inóspito de maneira tal a sobrepujá-lo.

Os indígenas simplesmente sobrevivem, pois desde a colonização adaptaram-se ao meio, tornando-se reféns da abrupta natureza na qual estavam inseridos. Foram considerados inaptos para prosperar, progredir, ou seja, seriam incapazes de ser incorporados a obra civilizatória da Amazônia e do Brasil.

¹⁴⁸ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 76.

Os brancos, tratados e representados no livro enquanto europeus e/ou seus descendentes, que se interessaram, trabalharam e investiram no ciclo da borracha, abandonaram a Amazônia quando seus empreendimentos na atividade extrativista começaram a definharem. Sendo assim, não participaram da obra civilizatória, pois desejavam extrair as benesses econômicas desse chão com poucos investimentos. Por conta disso, esse grupo também não se adaptou a região.

Por fim, o caboclo, aquele que representava a mescla virtuosa entre o conhecimento local e a força de trabalho, esse, sim, estava apto à obra civilizatória. Ele não se ajoelhava perante a natureza indomável, mas lutava de forma veemente contra ela, para vencê-la (onde vencê-la significa, na maior parte das vezes, sobreviver).

Esse grupo, muitas vezes julgado como incapaz (de forma equivocada, segundo Vianna Moog) por não ter construído vistosa civilização e progresso na Amazônia, é fruto de uma injustiça ímpar, a qual desconsidera as imensas dificuldades existentes nesse ambiente tão hostil. O Autor é taxativo em afirmar que: “[...] os outros fogem. Só o caboclo fica. A sua desambição, [...] fêz [sic] dêle [sic] um adaptado à terra. E é afinal o caboclo, êsse [sic] tão injuriado caboclo, quem nos assegura a posse do deserto”.¹⁴⁹

Ao se estabelecer a conexão de todos esses elementos observados na obra *O Ciclo do Ouro Negro* com *Um Rio Imita o Reno*, algumas aferições tornam-se possíveis. Tal caminho é tangível por conta de que a literatura produzida por Vianna Moog no período da década de 1930 se encontra focada na análise da identidade nacional, elemento que figurava entre as prioridades do governo de Getúlio Vargas. Assim, seus trabalhos contribuíram para a sua entrada na vida política.

Toda a construção realizada por Vianna Moog, no sentido de explicar a formação da população amazônica, desemboca na personagem Geraldo Torres. Isso fica claro ao passo em que o Autor quer efetivar nele (Geraldo) a figura do caboclo. Na parte 8 da obra *Um Rio Imita o Reno*, a partir dos devaneios de Geraldo são construídas as suas figuras paterna e materna.

O pai da personagem era retirante cearense, fugitivo da seca do sertão nordestino, que migrou em direção à Amazônia e singrou a floresta em busca do ouro negro. O engenheiro amazonense via no pai um herói, corajoso o suficiente para enfrentar os desafios dessa empreitada. Já a mãe de Geraldo é caracterizada enquanto indígena descendente da etnia *Nheengatbas*. Se o pai era um desbravador, que ambicionava vencer pela extração da borracha,

¹⁴⁹ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 79.

a mãe “trabalhava porque amava o trabalho”¹⁵⁰. Doava aos viajantes seu artesanato e não almejava lucro com sua atividade.

Pensando nesses dois pressupostos, percebe-se a intenção de Vianna Moog em fazer de Geraldo a síntese perfeita entre branco e indígena: do pai, herdara a força de vontade para trabalhar e vencer todas as adversidades que lhe eram impostas. Da mãe veio o amor pelo trabalho e os conhecimentos naturais tão úteis à sua (do filho) atividade de engenheiro hidráulico. Geraldo Torres é composto enquanto aquilo que o Autor acredita ser o melhor resultado possível entre esses dois grupos: o caboclo genuíno. Dessa forma, percebe-se que *Um Rio Imita o Reno* foi inspirada no seu olhar sobre a região amazônica e que foi sintetizado na obra *O Ciclo do Ouro Negro*.

A busca de uma solução para o desenvolvimento econômico da Amazônia está no capítulo “Últimas Perspectivas, as Possibilidades e o Futuro da Civilização Amazônica”. Toda a sua verificação até aqui lhe permitiria a audácia de construir algumas elucubrações sobre o tema. A grande dúvida, composta a partir daquilo que foi tão claramente determinado ao longo da obra, é se haverá projeto capaz de garantir o êxito humano em relação aos desafios que o meio amazônico impõe.

As riquezas múltiplas do território atraem o homem, mas as dificuldades se agigantam de forma tal que o acesso e a exploração sistemática dos recursos ofertados pela exuberante natureza se tornam tão complexos que não há perspectiva clara de sucesso, pelo menos não ao ver de Vianna Moog:

Apesar de suas decantadas maravilhas de todo o ouro das jazidas inexploradas do alto rio Negro, da variedade de seus inesgotáveis produtos florestais [...] apesar da fertilidade assombrosa do seu solo, a Amazônia é pobre, dramaticamente [sic] pobre.¹⁵¹

Vianna Moog retoma que inúmeras foram as iniciativas desenvolvidas para dar cabo da exploração desses sem-número de recursos amazônicos. Mesmo assim deixa evidente que as iniciativas não frutificaram pela falta de um plano que pudesse levar à região não só a força humana em um propósito colonizador, pois se fazia necessário o uso pragmático de tecnologia e de conhecimento científico para que o meio hostil pudesse ser domado pelo ser humano.

Considerando as experiências por ele vividas e as condições do período, entendia por tecnologia as estruturas fundamentais para a exploração sistematizada dos recursos amazônicos

¹⁵⁰ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 72.

¹⁵¹ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 120.

em escala capaz de inseri-la em um mercado brasileiro. Isso diria respeito a estradas, moinhos, celeiros, aeroportos e cidades capazes de servir enquanto centros comerciais pujantes.

O ser humano aqui também é tratado de maneira particular. Partindo de premissas muito próximas daquelas estabelecidas por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, Vianna Moog descarta o jovem aventureiro. Esse trabalho deveria ser feito por aqueles que tivessem o espírito colonizador de fato, engajados em assentar-se definitivamente no local para crescer e prosperar junto dele. Sérgio Buarque de Holanda, na obra *Raízes do Brasil*, afirma que:

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele.

[...]

Esse tipo humano [aventureiro] ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim.

[...]

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.¹⁵²

A aproximação com aquilo que diz Holanda fica evidente nas palavras de Vianna Moog:

Não levaremos jovens inexpertos [sic], nem aceitaremos homens que se dediquem ao lavradio de terras alemãs. Preferiremos os casados de mais de trinta anos, porque são responsáveis, e sérios e conscientes de que devem lançar para as suas famílias as bases de uma existência nova.

[...]

Aqui o homem escoteiro [aventureiro] será sempre um derrotado. Por mais rico de eugenismo [sic], acabará diluindo-se no mundo anônimo dos vencidos, impotente para avançar sobre [sic] uma natureza que forma quadrados para se defender.¹⁵³

Acalentava ele um projeto colonizador que deveria ser conduzido com aquilo de mais moderno que poderia haver na época e com pessoas que buscassem a prosperidade assentados na Amazônia. Somente assim seria possível a vitória do processo civilizador. Nesse sentido, a realização dessa messe resultaria não só na consolidação econômica da região, mas na formação

¹⁵² HOLANDA, S. B., *Raízes do Brasil*, p. 44.

¹⁵³ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 121, 125-126.

de uma sociedade mais forte. Segundo o próprio Vianna Moog, seria possível, a partir desse trabalho, “[...] preparar a Amazônia para a sementeira de uma grande civilização”.¹⁵⁴

O Ciclo do Ouro Negro apresenta-se como uma obra fundamental no posicionamento de Vianna Moog frente ao Estado brasileiro. A composição de um livro com tais características analíticas, findado de maneira a propor um projeto audacioso, visando resultados ímpares historicamente, cairia nas graças de um governo que visava construir uma nova identidade nacional – uma nova identidade pautada na moral do trabalho e do compromisso com os valores nacionais.

É dessa maneira que o Autor inicia a sua escalada nos meandros do poder nos anos 1930. Tratou de buscar reconciliação. Reaproximou-se da ordem vigente pelo caminho das Letras, confirmando-se paulatinamente enquanto um intelectual que poderia servir de base para as propostas do Estado varguista.

2.2. *Novas Cartas Persas*

Novas Cartas Persas foi composto por Vianna Moog, e veio a ser publicado em 1937 também pela Editora Globo. Nesse trabalho, o Autor constrói uma obra aos moldes de *Cartas Persas*¹⁵⁵, obra escrita por Montesquieu e publicada em 1721.

Na obra do filósofo iluminista francês, os persas Rica e Usbek falam de suas impressões acerca da Paris do século XVIII, governada pelo Rei Luís XIV, a partir de suas epístolas enviadas aos seus amigos na Pérsia. O relato fictício do Barão de Montesquieu foi veículo para a disseminação de suas críticas à sociedade e aos costumes franceses, bem como serviu como arma para denunciar os abusos presentes nos atos do clero e do Estado da França à época.

Vianna Moog, na composição de seu texto, estabelece conexão direta com a obra do pensador iluminista, utilizando uma mesma personagem existente em *Cartas Persas*, Usbek, mas em uma temporalidade distinta, ou seja, o século XX, especificamente o ano de 1936. Ele troca cartas com dois outros persas – Rustan e Iben, sendo que cada um se encontra em um país distinto: Usbek está na França, Rustan no Brasil e Iben na Pérsia.

¹⁵⁴ MOOG, C. V., *O ciclo do ouro negro*, p. 123.

¹⁵⁵ Para mais sobre o assunto, ver: MONTESQUIEU, B. *Cartas persas*: com um estudo de Abel Grenier. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1960.

Os elementos que, de forma mais recorrente, são abordados nas correspondências entre os três amigos dizem respeito às visões distorcidas do Ocidente em relação ao Oriente, à estranheza dos locais (franceses e brasileiros) em relação aos persas, crítica aos aspectos políticos e de conduta social. Cada um, dentro de seu contexto, tenta assimilar as informações recebidas de seus amigos que se encontram em terras distantes.

A apresentação da obra, que ficou ao encargo de Werneck Sodré, veio de um artigo por ele publicado em 1937 nos jornais *Correio Paulistano* e *Correio do Povo* (veículos de São Paulo e de Porto Alegre, respectivamente). Na apresentação, fica evidente a essência e o objetivo da construção de Vianna Moog:

Pena não poder me estender sôbre [sic] o livro todo. Há nas suas páginas a crítica mais vigorosa e mais irônica que se poderia fazer aos acontecimentos contemporâneos que se desenrolam nesta terra do Brasil, como dizem os hinos. E tudo isso através duma ironia que perfuma os comentários mais vivos.¹⁵⁶

Sodré elucidou, dessa forma, o fio condutor de *Novas Cartas Persas*, assim permitindo uma observação dirigida. Tais aferições permitem que se percebam nas cartas fictícias as reais situações que motivaram sua escrita. Aquilo que se diz em metáfora durante o texto tem verossimilhança com o contexto histórico brasileiro e seu panorama político na segunda metade da década de 1930.

Logo na carta um, escrita por Usbek a Rustan, um ponto já se destaca: o estranhamento e a sensação de desconforto causada pela imersão de um oriental no mundo ocidental. Ao mesmo tempo, Usbek afirma o quão profícuo isso é em âmbito investigativo e de estudo, visto que, pelo contraste, é possível notar aspectos que, por muitos e para muitos, passariam despercebidos.

Sobre isso, Usbek afirma ao seu compatriota Rustan:

Sinto uma tremenda sensação de vazio e de abandono, um misto de terror e de incompreensão. [...]. Sabes muito bem, [...], que não é nem com uma semana, nem mesmo com um mês de estada numa grande metrópole que se lhe apanham os aspectos marcantes e reveladores, que lhe facilitam a compreensão.¹⁵⁷

Lançando mão das afirmações dessa primeira carta, à luz da perspectiva apontada por Sodré, é lícito estabelecer conexões em relação ao Brasil e ao contexto vivido por Vianna Moog.

¹⁵⁶ SODRÉ, N. W. Prefácio. In: Moog, V., *Novas cartas persas*, p. 159.

¹⁵⁷ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 167.

É plausível dizer que as impressões de Usbek representam as concepções do escritor quando de seu exílio no norte do Brasil.

Isso pode ser evidenciado pela questão do estranhamento. O Autor, quando de sua permanência forçada no norte, passou por essa sensação de estranhamento, mas isso o impulsionou a iniciar seus estudos e investigações acerca desse novo território no qual estava imerso. Seus relatos de viagem e as considerações publicadas em *O Ciclo do Ouro Negro* podem ser apontados como fruto de sua análise *in loco*.

Da mesma forma que se pode estabelecer a aproximação entre os dois trabalhos publicados em 1936 e 1937, também é lícito constituir a relação de *Novas Cartas Persas* com o romance *Um Rio Imita o Reno*. A mesma estranheza sentida por Usbek fica explicitada na personagem Geraldo Torres, que, ao descrever a vista da janela de seu quarto no hotel, nota-se em um universo muito distinto daquele ao qual estava sentimentalmente apegado, tanto que, como descrito no texto em questão, “[...] sentia saudades do Brasil”.¹⁵⁸

A rápida verificação e a formatação de arquétipos¹⁵⁹ minimamente questionáveis é uma preocupação efetiva de Vianna Moog. Pensando na crítica indireta aí estabelecida, é perceptível o ataque à visão distorcida, superficial, mas elevada a um patamar quase que de “verdade absoluta”, que se estabelece nas duas direções: do sul em relação ao norte e vice-versa.

Ademais, a alegoria¹⁶⁰ de Ocidente, tratado em dois polos distintos (França e Brasil), refere-se, então, a duas diferentes regiões do próprio Brasil. Nesse sentido, a construção de um conceito uno de Ocidente é tão questionável quanto aquele referente à construção de um conceito uno de Brasil. Para que isso pudesse ser desmistificado, a convivência local e a investigação profunda e apurada transformar-se-iam no caminho mais propício.

A carta dois é escrita por Iben para Rustan. Nela fica evidente a elaboração de uma grande temática: a política. O remetente explica a seu amigo no Brasil os rumos que a política persa adotou a partir de um processo de ocidentalização (em um sentido modernizador e

¹⁵⁸ MOOG, C. V., *Um rio imita o Reno*, p. 15

¹⁵⁹ O conceito de arquétipo é tomado aqui na perspectiva de Jung. Para ele, os arquétipos seriam uma espécie de imagens primordiais erigidas a partir de uma repetição maciça de determinada experiência através de gerações. Tal conceito fica então retido no inconsciente coletivo, conferindo-lhe, numa perspectiva de senso comum, patamar de “verdade”. Sobre isso, ver: JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

¹⁶⁰ Aqui se trata do termo “alegoria” com base na teoria de Walter Benjamin. Para ele, alegoria seria aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral. Sobre o assunto, ver: BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. São Paulo: Autêntica: 2011.

progressista) em que as antigas e tradicionais instituições políticas seriam substituídas por outras capazes de lhes agregar maiores liberdades, o que acabou por não acontecer da maneira prevista.

E as notícias da Pérsia são contadas da seguinte forma pelo emissor:

Queríamos ocidentalizar a Pérsia, [...], libertá-la do jugo do velho xá e da dinastia prepotente dos Kadjares, [...]. Fomos então buscar a Masanderan, a nossa austera e querida província natal, famosa pelos seus guerreiros e pelas virtudes, o homem ignorado, [...], que se acha agora transformado, mercê de nosso esforço, em Reza-Cã, ou, como dizem as revistas ocidentais, em ditador absoluto de todos os persas.¹⁶¹

Vários são os elementos existentes na citação que podem subsidiar uma comparação direta com a conjuntura política brasileira do início da década de 1930. De maneira mais específica, do processo de transformação política desencadeada a partir da Revolução de 1930.

Quando Iben se refere à ocidentalização e ao questionamento do governo do Xá e da dinastia de Kadjares, em metáfora Vianna Moog refere-se à oposição direta em relação à República Oligárquica café com leite, na qual paulistas e mineiros governavam o país de maneira unilateral. Nessa perspectiva, os conceitos “ocidentalizar” e “liberdade”, abordados na epístola, transmutam-se no conceito de democracia, conceito no qual a participação política plena dos cidadãos brasileiros era pleiteada de maneira veemente pelas elites excluídas do jogo paulista-mineiro.

A partir daí os rumos nacionais foram alterados em razão do advento da Revolução de 1930. Nesse ponto, a carta apresenta a ascensão de um líder advindo de uma província forte, que havia sido ignorado, mas que agora, ao chegar ao poder, havia se tornado ditador. É assim que Vianna Moog se refere à conjuntura na qual Getúlio Vargas se tornou presidente no âmbito do Governo Provisório.

São múltiplos os elementos que nos permitem tal relação, sendo eles:

- 1) Iben afirma sobre a busca por um guerreiro de sua província natal. Getúlio Vargas, político gaúcho, de mesma naturalidade que Vianna Moog;
- 2) A ideia de homem ignorado remete à derrota eleitoral de Vargas no pleito de 1930, onde Júlio Prestes foi vencedor. Não o voto, mas, sim, a Revolução conduziu o homem derrotado nas urnas à presidência;

¹⁶¹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 170.

- 3) A ideia do guerreiro transformado em ditador diz respeito ao início da Era Vargas, na qual, por conta do fim da Constituição de 1891, Getúlio Vargas passou a possuir amplos poderes, dominando não só o Executivo, mas também o Legislativo e, de forma indireta, o Judiciário. Dessa maneira, os princípios fundamentais da Revolução, que eram o combate ao regime oligárquico e o estabelecimento de uma democracia de fato, efetivaram-se em parte, visto que só o primeiro ponto fora alcançado, ficando o segundo muito distante de materialização.

Tal conjuntura apresentada é analisada com pesar por Iben. Esse ainda afirma que lhe parece que a maioria do povo persa não compreende como esse novo governo é tão danoso quanto o anterior. De fato, a personagem aparenta desesperança quando diz: “[...] sinto-me por vezes [sic] inclinado a admitir que está tudo [...] perdido, pois que a Pérsia há sempre de ser a Pérsia. [...] nunca poderá compreender as vantagens das instituições livres”.¹⁶²

Transpondo para a realidade brasileira e para a figura de Vianna Moog, a desilusão com o movimento “revolucionário” de 1930 e com o Estado despótico criado por Vargas levariam o Autor a questionar seus princípios e propósitos políticos. Não é à toa que ele participaria, em 1932, do levante paulista contra o regime instituído, fato que o levaria ao exílio.

A carta três é enviada para Usbek por Rustan. Essa carta tem como temática fundamental a questão populacional e étnica brasileira. Além disso, aponta aspectos vantajosos do processo de miscigenação e, a partir disso, critica teorias relacionadas à concepção de raça pura. Esses elementos evidenciam-se na fala de Rustan da seguinte maneira:

[...] as paisagens naturais não me interessam tanto quanto as paisagens humanas que entrevi nos [...] portos do Brasil. Que variedade estonteante de raças e sub-raças! [...]

Nem todos a bordo, [...], pareciam participar dos meus entusiasmos por esta estupenda fauna humana. Os europeus, [...], sobretudo os nórdicos, não dissimulavam sua desaprovação pelo fato das leis brasileiras admitirem tamanha mistura e confusão de raças. [...]

Apesar de conhecer bem, pelo que já pude observar na colônia européia [sic] de Teerão [sic], em cujo convívio, nós, os persas, mal somos tolerados, o que sejam os prejuízos que reinam em certos países nesta odiosa questão de raças, não acabo comigo de convencer-me, [...], que em pleno século XX ainda se volte a falar no Ocidente em pureza e superioridade dêste [sic] ou daquele tipo étnico. Onde descobrir na Europa uma raça pura, quando se sabe que ela foi povoada com o

¹⁶² MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 171.

torvelinho das mais variadas imigrações? [...]. Falar de uma raça pura na Europa é talvez tão insensato como falar de raça pura na Pérsia.¹⁶³

Primeiramente, é preciso considerar a metáfora dos espaços constituída no conteúdo dessa carta. Quando Rustan se refere à Pérsia e a Teerão [sic], deve-se compreender Vianna Moog apontando para o Rio Grande do Sul, especificamente para a região de imigração europeia alemã, na qual a questão étnica era mais latente e presente ao seu olhar.

A Europa é evocada de duas formas: na primeira, enquanto o próprio território europeu, mas com foco nas nações nórdicas, e pelo discurso de pureza e superioridade racial, com alusão direta à Alemanha nazista. Na segunda, são as concepções e os valores étnicos e raciais europeus (alemães substancialmente) que se apresentam.

A variedade populacional, a miscigenação e os conflitos étnicos são temáticas correlatas nas três obras de Vianna Moog citadas nesse capítulo. As obras *O Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas* e *Um Rio Imita o Reno* exploram, cada uma dentro de suas propostas, esse eixo condutor característico do debate intelectual do Autor. E, nessa perspectiva, os dois trabalhos anteriores deram sustentação para o enredo do romance.

A miscigenação é defendida pelo ensaísta como uma perspectiva importante para a construção de uma nação moderna, aos moldes daquilo que se apresenta para o século XX, mas é preciso atentar para o ponto em que, na epístola, se denota a participação do Estado no processo, quando Rustan aborda as leis brasileiras e sua permissividade. Como já tratado anteriormente¹⁶⁴, o caboclo (fruto da miscigenação étnica e cultural entre o nativo e o europeu) seria o tipo humano efetivo para vencer as dificuldades amazônicas e, a partir daí, garantir a prosperidade da região.

O discurso de raça pura e superior, difundido pelos nazistas e fortemente presente nas colônias alemãs do Sul do Brasil na década de 1930, é criticado de maneira contundente. Por meio da personagem emissora da carta, o Autor da obra aponta a incoerência de tal teoria, chegando a percebê-la como uma heresia.

A discussão étnica e racial serve, inclusive, para a composição do debate político. Seria papel do Estado defender, zelar, tutelar e conduzir uma política de miscigenação que levasse à resolução dos conflitos sociais resultantes da segregação e, para além disso, permitisse a construção de uma nação mais forte, homogênea e progressista.

¹⁶³ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 174.

¹⁶⁴ Debate das etnias formadoras da Amazônia desenvolvido nesse mesmo capítulo, quando da classificação dos grupos humanos da região.

A carta quatro da obra é escrita por Rustan e destinada a Iben. Nessa, o persa alocado no Brasil conta ao seu amigo na Pérsia sobre um evento constrangedor, engraçado e, ao mesmo tempo, perigoso que se passara com ele: uma entrevista mal-entendida e que desencadeou verdadeiro alvoroço político em torno de seu nome.

No contato com o jornalista, o desencontro idiomático acarretou na publicação de uma matéria repleta de erros e de discordâncias em relação àquilo que Rustan havia dito ao repórter. Na matéria publicada, construiu-se a ideia de que o persa era alguém extremamente rico e influente, que buscava expandir seus negócios em terras brasileiras.

A partir disso, muitos se interessaram em ir ao encontro do suposto milionário oriental para ofertar-lhe todo o tipo de auxílio e benesse em troca de algum tipo de vantagem e favorecimento financeiro. Tal perspectiva é construída no texto da seguinte maneira:

As conseqüências [sic] desta maldita entrevista, meu caro Iben! Não tenho mais sossêgo [sic]. [...] os mais terríveis são os advogados e os políticos. [...]. Todos estão prontos a auxiliar-me. Acham interessantes os meus supostos projetos e manifestam-se animados a prestar-me serviços profissionais e a fazer valer sua influência no Parlamento e junto aos ministérios para que tudo corra bem e depressa. Quanto ao preço êles [sic] variam.¹⁶⁵

O texto de Vianna Moog deixa transparecer uma crítica ao sistema político nacional e às relações de poder instituídas nesse contexto. De certa forma, existe aqui a relação direta com aquilo que ele construiu alegoricamente na carta dois, de Iben a Rustan.

Em 1936, o Brasil vivia o governo constitucional de Vargas, o único período dentro de seu mandato ininterrupto (1930-1945) em que a participação política foi instituída. A partir daí o momento no qual as práticas democráticas deveriam ser instituídas de maneira correta viu-se inundado pelas incoerências e pelos desvios de conduta tão comuns na República Velha. De certa forma, quando, na carta dois Iben afirmava que a “Pérsia sempre há de ser Pérsia”, tem a resposta de Rustan, em contrapartida, na perspectiva de que o “Brasil sempre há de ser Brasil”, ou seja, sem compreender de fato as prerrogativas e as vantagens das “instituições livres”.

A carta cinco, enviada por Iben a Rustan, volta a tratar de aspectos políticos, estabelecendo conexões históricas a partir dos acontecimentos da Pérsia. O objetivo do autor da missiva era demonstrar ao amigo no Brasil que os desvios de condutas, a partir da manipulação da informação, estão presentes também sua terra natal.

¹⁶⁵ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 177-178.

Sobre a distorção de informações, o remetente afirma: “Quanto estrangeiro, [...], não anda metido em nossas masmorras, com o rótulo de extremista, por conta dos intérpretes de nossa polícia?!¹⁶⁶”. Materializando a metáfora, é possível tratar da perseguição aos opositores de Vargas a partir do momento em que ele assume o poder. Entre 1930 e 1936 (momento em que a obra foi publicada), vários foram os termos utilizados pelo Estado para caçar aqueles que contrariavam a ordem instituída.

De maneira bastante específica, o episódio da Intentona Comunista exemplifica tal conjuntura.

O episódio de 1935 [Intentona Comunista] teve sérias conseqüências [sic], pois abriu o caminho para amplas medidas repressivas e para a escalada autoritária. [...].

Durante o ano de 1936, o Congresso aprovou todas as medidas excepcionais solicitadas pelo Poder Executivo. [...] Em março de 1936, a polícia invadiu o Congresso e prendeu cinco parlamentares, que tinham apoiado a ANL [Aliança Nacional Libertadora] ou simplesmente mostrado simpatia por ela.¹⁶⁷

A repressão a partir de 1936, alicerçada sobre o próprio Poder Legislativo, garantiu, posteriormente, a consolidação do Plano Cohen¹⁶⁸, responsável pela efetivação do golpe do Estado Novo. Nessa perspectiva, a crítica estabelecida é em torno de um governo manipulador e que utilizava de forma distorcida informações e conjunturas para atacar e ferir os fundamentos das instituições democráticas nacionais.

Para concretizar esse quadro histórico-político, o escritor, através da personagem remetente da carta, faz alusão a Getúlio Vargas e às maneiras pelas quais ele se mantém na presidência, à revelia de qualquer oposição. Isso aparece na carta cinco, no formato a seguir:

Chegadas as coisas a êste [sic] ponto, meu caro Rustan, os homens que não tinham partido, [...], começaram a ter uma preocupação mais séria e absorvente do que tôdas [sic] as outras: conservar o poder. E como para conservar o poder era preciso deter o movimento de opinião, [...]. Geram-se daí essas fações [sic] demagógicas que ainda infelicitam a Pérsia e cujo único fim é conservar o poder aos arrivistas.¹⁶⁹

¹⁶⁶ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 181.

¹⁶⁷ FAUSTO, B., *História do Brasil*, p. 361.

¹⁶⁸ O Plano Cohen foi aventado pelos jornais brasileiros no segundo semestre de 1937. Supostamente, seria um plano arquitetado por comunistas no intuito de tomar o poder. De fato, a história era uma farsa, forjada para amedrontar a população e respaldar a ação armada do governo no sentido de garantir plenos poderes ao Presidente. Sobre isso ver: D'ARAÚJO, M. C. A era Vargas. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

¹⁶⁹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 182.

A repressão a toda e qualquer forma de opinião contrária ao sistema vigente à época deveria ser combatida e destruída, com o intuito de garantir a permanência de Vargas no poder. Assim, as aferições construídas por Vianna Moog através de Iben e Rustan permitem chegar à conclusão de que o controle da informação, o uso das forças armadas e a manipulação do Poder Legislativo garantiram a vitória de Vargas em relação aos seus inimigos políticos.

A carta seis é endereçada a Rustan, tendo Usbek como emissário. Nela, o interlocutor se propõe a rememorar uma passagem da vida escolar em que um professor os indagou acerca de que momento da história que gostaria de viver. Ele afirma ao amigo no Brasil que sua escolha seria a França do século XX, por conta de ser ali um ponto de observação da transição das eras históricas.

Curiosamente, o remetente da carta aponta não só o lado positivo, mas também o negativo de sua escolha. Usbek apresenta sua argumentação:

Aqui [referindo-se a Paris do século XX], onde suponha que todos devessem andar satisfeitos com a cultura e a civilização que possuem e de que fazem tanto alarde lá fora, venho deparar o espetáculo melancólico de uma civilização prestes a corromper-se e de uma geração que assiste, entre desesperos e desencantos, ao desmoronar de princípios e instituições que pareciam inatingíveis.¹⁷⁰

Transpondo o relato para a realidade vivida por Vianna Moog, dois caminhos de análise de conjuntura podem ser determinados. Em âmbito mundial, o advento do nazi-fascismo colocava em risco os fundamentos da democracia e das liberdades individuais, além do iminente embate entre o mundo capitalista e o mundo socialista que viria logo após a Segunda Guerra Mundial.

Em terras brasileiras transcorria o já mencionado recrudescimento do governo de Getúlio Vargas após a Intentona Comunista, na qual o presidente, apoiado pelo Congresso, comandava o país utilizando-se da promulgação de Estado de Sítio¹⁷¹ e Estado de Guerra¹⁷², o

¹⁷⁰ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 184

¹⁷¹ Instrumento pelo qual o Chefe de Estado suspende temporariamente os direitos e as garantias dos cidadãos existentes na Constituição Federal, bem como o Legislativo e o Judiciário ficam subordinados ao Executivo, no intuito de defender a ordem pública. Para a decretação do estado de sítio pelo Chefe de Estado, consultar o Conselho da República e o Conselho de Defesa Nacional, submete o decreto ao julgamento do Congresso Nacional para efetivá-lo. Esse elemento está circunscrito aos artigos 137-141 da Constituição Federal. Para mais informações sobre o assunto, ver: GUIMARÃES, D. T. *Dicionário técnico jurídico*. 6. ed. São Paulo: Rideel, 2004.

¹⁷² Quando uma nação se vê em perigo iminente de conflito bélico interno ou externo, o Chefe de Estado pode, a partir do já instaurado e aprovado "Estado de Sítio, constituir o Estado de Guerra. A partir daí toda e qualquer movimentação e ação das Forças Armadas é constituída em defesa da integridade nacional. Para mais informações sobre o assunto, ver: GUIMARÃES, D. T. *Dicionário técnico jurídico*. 6. ed. São Paulo: Rideel, 2004.

que lhe possibilitava ignorar toda e qualquer garantia constitucional. O país que, a partir de 1934 e da nova Constituinte, parecia retomar o rumo democrático, passava por nova guinada em seu destino, em direção ao autoritarismo e centralização do poder.

A carta sete é encaminhada por Rustan a Usbek, no sentido de responder sobre as considerações e apontamentos feitos pelo amigo que se encontra na Europa. O remetente se preocupa em afirmar ao amigo que os temores que existem no Velho Continente também se abatiam sobre o Brasil. De maneira mais trágica, indica a relação de subjugo brasileiro em relação às potências econômicas externas (especificamente a Inglaterra).

O conflito entre “capitalismo e comunismo”, como se refere Rustan, estava tão latente na Europa quanto na América no início da década de 1936. A questão apontada é que o desfecho do contexto europeu influenciaria definitivamente o destino sociopolítico e econômico brasileiro, tanto que uma postura prévia deveria ser adotada como precaução:

De sorte que, se me fôsse dado a opinar nas questões da terra [referindo-se ao Brasil], aconselharia tranqüilamente [sic] os brasileiros a escolher com prudência entre várias formas capitalísticas de govêrno [sic] a que melhor consultasse os seus interêsses [sic] de momento.¹⁷³

Vianna Moog, por meio da personagem Rustan, apresentava sua opinião acerca de qual deveria ser a postura brasileira em relação a um contexto mundial conturbado, no qual perspectivas políticas e econômicas distintas se digladiavam de forma tão efetiva. Qualquer sistema capitalista lhe parecia a escolha mais sensata para o momento histórico no qual o país era inserido enquanto coadjuvante.

Em um quadro de bipolarização econômica, a expressão: “aconselharia [...] os brasileiros a escolher com prudência”, apontava para a predileção pelo capitalismo, mesmo que ele viesse acoplado a um regime político centralizador, autoritário e antidemocrático.

A carta oito é escrita por Rustan e encaminhada a Iben. As dúvidas, inquietações e reflexões tomam conta dessa narrativa, isso como resultado do debate estabelecido com Usbek e que agora atinge o terceiro interlocutor persa. O emissário solicita o parecer de seu amigo residente em Teerão [sic].

O ponto que mais pesa a Rustan, e que ele quer dividir com seu amigo Iben, relaciona-se ao extremismo político de seu tempo e ao modo simplista através do qual a sociedade passa a ser enxergada. O pesar e a indignação aparecem da seguinte forma em sua escrita:

Por que se ater exclusivamente a dois caminhos, e precisamente aos dos extremos, quando as estradas são tantas, tão amplas e tão boas?! Por

¹⁷³ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 186.

que não hão de os homens procurar o ponto ideal em que a concórdia seja possível?

[...]

Que outra atitude poderemos assumir, afinal, os intelectuais, senão a de simples espectadores, em face do simplismo da luta que se desdobra pelo mundo?¹⁷⁴

A angústia de Vianna Moog, exposta através da personagem Rustan, operacionaliza-se em dois níveis. Primeiramente, afirma que a radicalização ideológica inviabilizava escolhas capazes de promover a homogeneização, a unidade, a coesão nacional. Segundo, o papel do intelectual em um contexto no qual a ação (física e violenta) se tornava decorrência direta de uma polarização ideológica.

De modo mais profundo, é lícito estabelecer alguns apontamentos práticos:

- 1) Em relação ao contexto mundial, o inevitável embate entre o capitalismo e o comunismo, plasmados por sistemas políticos centralizadores, como nos casos da Alemanha e da União Soviética, apresentavam-se como os caminhos extremos questionados por Vianna Moog;
- 2) No que diz respeito ao Brasil, o choque ideológico entre os partidos AIB (Ação Integralista Brasileira) e ANL (Aliança Nacional Libertadora), representariam, em escala nacional, o problema observado em escala mundial;
- 3) Em escala sociocultural, a preocupação é refletida a partir do ponto em que se “Declina o respeito pela cultura. [...]. O homem perde cada vez mais a noção e a consciência da sua humanidade”¹⁷⁵.

A conjuntura sociopolítica e econômica da segunda metade da década de 1936, portanto, preocupava Vianna Moog, pois que o Autor tentava perceber os movimentos que poderiam advir dali por diante. As questões levantadas e as reflexões desenvolvidas levavam à crença no desenvolvimento de períodos nebulosos, nos quais, aqueles que se ocupassem em

¹⁷⁴ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 189, 190-191.

¹⁷⁵ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 188-189.

pensar a sociedade a partir de “*meio-têrmos [sic] salvadores*”¹⁷⁶, tornar-se-iam meros espectadores de um espetáculo de intolerância e hostilidade.

Na carta nove, Iben responde a Rustan, tentando debater sobre alguns dos questionamentos existentes na epístola anterior. A maior preocupação é em relação ao dever ou não se posicionar politicamente em uma conjuntura onde os extremos estão tão evidentemente fortalecidos na busca de solapar um ao outro.

O corporativismo¹⁷⁷, enquanto uma terceira via, transpareceu no parecer da personagem que remeteu a carta. Vianna Moog, nesse sentido, corroborou elementos da política varguista, responsável por evitar os choques provenientes da luta de classes. Considerando a proposta do autor, de construção de uma identidade nacional coesa, o regime instituído por Getúlio contribuiria para diminuir também os enclaves étnicos. O governo, ao estabelecer o sindicalismo atrelado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, tomava as rédeas da sociedade e a conduzia de modo a congregar os brasileiros em favor de um projeto progressista nacional. Enfim, os planos político e econômico de Getúlio Vargas se aproximavam dos ideais identitários desenvolvidos por Vianna Moog.

Em suma, demonstrou Vianna Moog a expectativa por uma sociedade erigida de modo mais harmonioso, com a diminuição sensível dos enclaves sociais:

Não estará escrito [...] o meu destino? Não virá daí a minha predestinação de tomar partido e a minha vocação de fazer parte das minorias? [...]

[...] [fico] com os que travam em todo o mundo a luta em duas frentes, para nos garantir o direito de pensar e escrever as nossas coisas como entendermos e assegurar aos que nos lêem [sic] o direito não menos sagrado de nos aplaudir ou de nos vaiar. [...].

Não cuides, todavia, meu caro Rustan, que julgue a minha posição melhor ou pior que a tua. Não, a tua é talvez mais sábia, mas há de convir comigo que a minha é mais humana.

[...]

Para todos deve haver um lugar ao sol.¹⁷⁸

¹⁷⁶ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 189.

¹⁷⁷ Corporativismo é um sistema político onde o Estado coopta as corporações representativas dos interesses econômicos, industriais ou profissionais, nomeadas por intermédio de associações de classes, e que através dos quais os cidadãos, devidamente enquadrados, participam na vida política, através dos representantes por si escolhidos. Assim sendo, propõe-se eliminar a luta de classes mediante um modelo de colaboração entre elas. Esse meio de organização das relações entre empresários e trabalhadores na sociedade capitalista industrial entrou em ascensão com o declínio da doutrina liberal, no final do século XIX e início do século XX. Sobre isso, ver: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

¹⁷⁸ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 193-194.

Vianna Moog, tendo por base a alegoria composta nas duas cartas (oito e nove), constrói argumentos para ambas as posturas possíveis aos intelectuais da época que não compactuam com os preceitos difundidos pelos extremismos políticos de capitalismo e comunismo: abster-se, silenciar, calar, assistir apenas, pois a disputa é vil e sem possibilidade para nenhum dos dois lados; ou se manifestar, mesmo que de forma minoritária e sem a possibilidade concreta de intervir, de alterar, de se fazer ouvir, mas mantendo postura firme e comprometida com suas virtudes.

A expressão “para todos deve haver um lugar ao sol” também é emblemática, pois, efetivamente, em um regime de exceção não existiam lugares ao sol a não ser aqueles predefinidos pelo governo e pelos apoiadores do regime. É fato que a carreira do ensaísta enquanto intelectual permitiu sua inserção nesse meio, principalmente após a publicação de *Um Rio Imita o Reno*. Com isso, evidenciou-se que o escritor absorveu melhor a fala de Iben do que a estabelecida por Rustan.

A carta dez da obra é escrita por Usbek com destino a Rustan. No texto em questão, o remetente dividiu suas reflexões em dois pontos: no primeiro tentou definir o motivo maior pelo qual o mundo ocidental se mostrava em vias de explodir em conflito. No segundo, contava de seus hábitos do cotidiano e o contato com as artes e a academia francesa.

Preocupa-nos aqui, de início, a primeira parte da carta, na qual Usbek afirmava categoricamente: “Só encontro uma causa, [...], para êsse [sic] nervosismo do mundo: [...], é a predominância crescente dos temperamentos críticos sobre os temperamentos orgânicos, nos quadros sociais do Ocidente.”¹⁷⁹ Para ele, ambos partem da premissa de que o passado tem influência na construção da sociedade, mas enquanto os primeiros percebem isso de maneira positiva, os segundos estabelecem grande contrariedade em relação aos elementos que historicamente plasmam a ordem social. Fica clara, na argumentação construída, a crítica a esse modelo, quando aponta que aqueles que possuem o temperamento crítico passam a “[...] zombar de tudo e de todos, com essa sua inexausta [sic] capacidade de queimar o que adorara [...]”¹⁸⁰.

A transposição desse conteúdo para a conjuntura mundial diz respeito à segunda parte da carta, quando Vianna Moog, através da personagem Iben, tratou da arte e da academia francesa. Refere-se aos elementos que a humanidade abandonaria ao assumir o temperamento crítico. As qualidades políticas de um Estado, estabelecidas com base no estudo do próprio

¹⁷⁹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 195.

¹⁸⁰ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 196.

Montesquieu (iluminista que influenciou na composição de *Novas Cartas Persas*), viam-se minimamente questionadas pelo avanço dos radicalismos ideológico-políticos.

No Brasil, de maneira mais específica, a condição política a partir de 1936, após a Intentona Comunista, tornou evidente, para o Autor, o perigo da radicalização ideológica. Ameaçava-se a unidade nacional, sendo necessária a ação do Estado no sentido de impedir que esse quadro evoluísse para cenários mais complexos e conflituosos. Enfim, era preciso evitar no Brasil os embates que se avolumavam na Europa em razão desse mesmo extremismo político.

Na carta onze, Rustan responde à carta anterior enviada por Usbek. Na correspondência em questão, o remetente trata com espanto de aspectos acerca da intelectualidade, de maneira específica, da separação entre a academia e a produção literária que encontrou no Brasil. Além disso, apontou para o distanciamento existente entre a população e a produção de erudição e conhecimento. Há de se considerar nessa linha um aspecto importante: a observação empírica de tais fatos no Sul do país. Tal perspectiva é assim apresentada:

Do meu inquérito junto aos intelectuais dos Estados apurei algumas informações bastante curiosas, na sua originalidade. Há nas províncias duas espécies de intelectuais: os acadêmicos e os autores. Perguntando aos acadêmicos pelos seus livros, respondiam: não temos livros publicados. Perguntando aos autores sobre [sic] as academias, informavam: não fazemos parte das academias.

[...]

Quanto às conferências [Rustan conta ao amigo Usbek que assistiu à sessões e conferências da Academia Brasileira de Letras], por mais que me esforçasse, não consegui entendê-las. Os acadêmicos falam uma língua que absolutamente não é a comum do povo.¹⁸¹

A crítica estabelecida nessa altura do texto diz respeito à fragmentação da intelectualidade brasileira. De um lado, o conhecimento acadêmico ficava restrito aos bancos escolares e universitários enquanto a erudição literária compunha-se de forma distante da realidade da população.

Em linhas gerais, o que Vianna Moog apresentava a partir da personagem Rustan é a distância entre o conhecimento produzido, independentemente do âmbito de sua localização, e a população em geral. Apartadas desse conhecimento, as classes menos favorecidas facilmente se tornavam massa de manobra ao absorver o discurso de Getúlio Vargas.

¹⁸¹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 201.

Na carta doze, Iben se preocupou em apontar os dramas políticos da Pérsia para seu amigo Rustan. As duras palavras do redator da epístola direcionaram-se à ingerência do Estado, principalmente no que diz respeito ao trato para com aqueles que questionariam os rumos tomados após o levante contra os Kadjares. Tal perspectiva fica clara quando denuncia “[...] a situação de velhos [...] amigos, agora reduzidos à miséria, pelo crime de divergirem do novo [sic] regime.”¹⁸².

A alusão aqui é novamente em relação àqueles que, no contexto brasileiro, se levantaram contra o governo de Vargas, mesmo que, anteriormente, houvessem participado em favor de seu estabelecimento. Vianna Moog retomou tal discussão para poder abordar outro fator importante que, em linhas gerais, dizia respeito também a ele e a sua carreira política.

O fato de compor as fileiras do funcionalismo público, em alguns aspectos, conflitava-se com seus conceitos de intelectual comprometido com o debate político e social. A questão é que, para sua manutenção, sobrevivência e escalada na carreira, suas ações e palavras deveriam ser medidas, e encaminhadas da seguinte forma, como apontado no texto da carta:

Agora, se insistires e achares que grande é a vocação e as seduções da carreira te parecerem maiores que todas [sic] essas ninharias, sem as quais, de resto, o estômago passa perfeitamente, bom será que vás exercitando desde já as mãos para as palmas a tudo quanto fizer o governo [sic]. Sempre o do momento atual, bem entendido. [...]. Este [sic] é o espírito que conduz ao triunfo, numa carreira sem sobressaltos.¹⁸³

Vianna Moog tratou de forma muito hábil a relação que alegoricamente apresentou na carta em questão. Depois de ter passado pelo exílio entre os anos de 1932 e 1934, adotou postura profissional e intelectual que lhe garantiram ascensão significativa na carreira pública.

No fim da carta, o sarcasmo disfarçado aparece nas palavras de Iben quando esse afirma: “Eu nada teria a opor que êle [sic] seguisse carreira burocrática, se estivéssemos em país civilizado como o Brasil, onde as leis constituem a garantia de todos. Mas na Pérsia?!”¹⁸⁴ Transmutando o Brasil em Pérsia, observou-se a preocupação do autor em deixar nítidas as precauções necessárias àqueles que visam adentrar os meandros do Estado. O aparato burocrático constituía-se como extensões do Governo em um trabalho de controle e cerceamento da sociedade. Dessa maneira, destoar e discordar representam verbos fora de cogitação.

¹⁸² MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 203.

¹⁸³ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 205.

¹⁸⁴ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 207.

Rustan escreveu e enviou para Iben a carta de número treze. Já de início ele corrigiu o amigo acerca do engano em relação à lisura das instituições brasileiras. Tal perspectiva ficou evidente para o remetente da epístola quando esse apontou que a constituinte brasileira não passava de um engodo, pois ela, como “[...] tudo no Brasil, [...] é para armar efeito lá fora, é para lo inglês ver”¹⁸⁵.

As críticas de Rustan em relação à Constituição representava a realidade legal do Brasil aos olhos de Vianna Moog no momento de sua publicação. Em teoria, o Brasil era, em 1936, uma República Federativa democrática, encaminhando-se para o pleito eleitoral que deveria ocorrer dois anos depois. Na prática, Getúlio Vargas agredia as regras da Carta Magna nacional com base no já mencionado dispositivo de estado de sítio.

Dessa maneira, as garantias legais impetradas pela Constituição de 1934 não valiam de absolutamente nada diante da manobra da presidência enquanto resposta à ação da Intentona Comunista. E, assim, inúmeros crimes constitucionais se instituíam, como bem observado pelas palavras de Rustan: “Funcionário público, leva a sério a sua vitaliciedade, acaba demitido. Deputado, convence-se de suas imunidades, termina prêso [sic]”¹⁸⁶.

Ainda sobre esse contexto, D’Araújo afirma:

Na prática, após o levante de novembro de 1935, a Constituição de 1934 deixou de vigorar. O governo decretou consecutivos estados de sítio e de guerra até que o golpe de 1937 fosse anunciado, quando formalmente o país ganhava uma nova constituição. As prisões brasileiras nunca haviam recebido tantos presos políticos, entre eles parlamentares, trabalhadores, professores, todos acusados de fazerem parte de planos comunistas violentos contra o governo.¹⁸⁷

Percebe-se que Vargas foi encaminhando o Brasil para aquilo que ele desejava: a construção de um regime autoritário legalmente instituído. As oposições e os questionamentos ao governo a partir de 1936 (data da publicação de *Novas Cartas Persas*) representavam verdadeiros atentados contra a ordem vigente e, por conta disso, eram sumariamente combatidos. O único inconveniente é que isso ocorria em um país em que, em tese, os brasileiros e as brasileiras viviam sob a égide de uma República Federativa.

A carta catorze é uma espécie de continuação da epístola treze. Rustan seguiu apresentando ao amigo Iben suas impressões negativas em relação à desastrosa e

¹⁸⁵ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 209.

¹⁸⁶ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 209.

¹⁸⁷ D’ARAÚJO, M. C., *A era Vargas*, p. 27.

incompreensível ordem política brasileira. Assim, o persa apontou também para os desvios de conduta não só do Estado, mas também dos políticos e dos próprios cidadãos brasileiros. Dessa forma, é razoável afirmar que os problemas observados eram estruturais, e não simplesmente advindos unilateralmente da força governamental.

Da seguinte maneira Rustan trata a questão:

Continuo a edificar-me com os costumes políticos desta terra. Para um oriental curioso não há melhor fonte de bizarrices. Os jornais vêm sempre cheios de notícias, que passam despercebidas dos brasileiros já afeitos a essas coisas, mas que a mim me divertem muito, [...].¹⁸⁸

O controle social estabelecido e a falta de participação efetiva da população na vida política do Brasil garantia o sucesso da política varguista. Controlada sob a égide do corporativismo, do discurso e da política propagandista¹⁸⁹ através da qual Getúlio se constituiu enquanto “pai dos pobres”, a sociedade brasileira, parafraseando Carvalho, “assistia a tudo bestializada”.¹⁹⁰

A carta quinze existente na obra foi escrita por Usbek e destinada a Rustan. Nessa, o persa explicou ao amigo as razões pelas quais abandonou Paris e viajou rumo à Londres: sua preocupação e sua incompreensão em relação ao acirramento das tensões entre franceses e alemães.

Ele aponta os seguintes motivos para a irracionalidade de tal contexto:

Haverá nada menos compreensível entre a Alemanha e e [sic] a França do que um ódio de raça? Se há dois povos afins em suas origens, êsses [sic] são por certo o alemão e o francês. Ambos conhecem, a bem dizer, as mesmas migrações bárbaras, as mesmas aluviões humanas. [...]. Como se vê, são dois povos que espiritualmente se completam. E, no entanto, vivem separados, a acenar um para o outro os punhos fechados e a ranger os dentes.¹⁹¹

Se o contexto brasileiro em 1936 era de razoável tensão política por conta dos reflexos da Intentona Comunista e da perseguição estabelecida pelo regime de Vargas, na Europa, a conjuntura também era de temeridade. A rivalidade franco-germânica aflorava principalmente

¹⁸⁸ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 212.

¹⁸⁹ Na conclusão da obra *A Era Vargas*, D’Araújo trabalha a construção do mito político de Getúlio Vargas. Destacadamente, para a autora, os elementos do trabalhismo, atrelados a uma prática discursiva e a uma maciça propaganda personalista, garantiram a edificação de uma figura idealizada de “pai dos pobres”. Sobre isso, ver: D’ARAÚJO, M. C. *A era Vargas*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

¹⁹⁰ CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

¹⁹¹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 217.

em razão do despertar assustador do gigante nazista. Estavam-se constituindo os elementos que plasmariam a Segunda Guerra Mundial.

Ademais, Usbek trata da tranquilidade existente em Londres e como essa cidade lhe fora fundamental para o restabelecimento de seu equilíbrio pessoal. Além disso, aponta os ingleses enquanto modelo a ser seguido no que se refere ao zelo em relação às coisas e negócios da política. Por fim, retomando o contexto mundial, trata da possibilidade de remarcar sua viagem à Espanha à vista do iminente perigo de guerra¹⁹² lá existente.

Na carta dezesseis, a qual é novamente escrita por Usbek e remetida a Rustan, aquilo que era colocado enquanto especulação torna-se fato. Dessa maneira, a referida correspondência trata da eclosão da Guerra Civil Espanhola.

De forma pontual, o remetente tratou do episódio enquanto manifestação de uma tragédia anunciada em razão do embate resultante das profundamente distintas relações socioeconômicas e políticas do campo e da cidade. Enquanto a primeira mostrava-se tradicional, ainda feudal, a outra era inundada pelas massas trabalhadoras e intelectuais engajados num mar de doutrinas políticas de esquerda. Através da sua personagem, Vianna Moog afirmava que “[...] de uma coisa não resta dúvida: é que na Espanha não se está decidindo somente [sic] a sorte de um governo, [...]: decide-se ali a sorte do mundo”.¹⁹³

É importante ressaltar que Vianna Moog, como ensaísta, buscava relacionar os acontecimentos mundiais ao conjunto de fatos desencadeados no Brasil. Dessa maneira, quando, por detrás da personagem Usbek, explora aspectos sociais, antropológicos e políticos da Europa, buscava identificar onde e de que forma atuavam como forças gravitacionais em relação aos mesmos elementos em terras brasileiras.

O avanço das questões raciais pautadas nos preceitos de raça pura extrapolaram as fronteiras europeias e definitivamente se inseriram no enclave étnico brasileiro. O fortalecimento dos regimes totalitários e a consolidação de sua postura bélica da Guerra Civil Espanhola em diante influenciaram diretamente a composição sociopolítica do Brasil a partir do golpe do Estado Novo.

A carta dezessete, enviada por Rustan, tem como destinatário Usbek. De início, a personagem remetente relatou ao seu amigo como a natureza e as mulheres brasileiras encantavam seus olhos de maneira a fazer com que ele perdesse o desejo até mesmo de escrever, algo que lhe era muito caro.

¹⁹² Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

¹⁹³ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 223.

Além do apelo natural, Rustan explicava-se sobre a decepção com as relações sociais e políticas que observou no Brasil. A cópia dos modelos, padrões e das ideologias europeus, em um sentido de hierarquização das distintas classes e etnias, e o tradicional oportunismo político que excluiu a população das decisões mais importantes da pátria são as causas maiores de tal desilusão, assim por ele apresentadas:

O predomínio destas sôbre [sic] aquêles [sic] condena-os a uma terrível instabilidade e isso durará, enquanto não desaparecer a atração de afinidades esquecidas, enquanto não se apagar a lembrança de sua comum origem européia [sic].

[...]. É que a América não possui uma civilização original. Daí o estar sempre de olhos voltados para a Europa. Todos aquêles [sic] angustiantes problemas que agitam neste momento o velho mundo, repercutem no continente americano com uma fôrça [sic], senão igual, pelo menos ainda muito intensa.

[...]

Em 1930 foi lançada profeticamente [sic] esta exortação: “Façamos a revolução antes que o povo faça.”¹⁹⁴

Metaforicamente, Vianna Moog tratou, nessa epístola, de dois pontos relevantes, a seu ver, para a composição da sociedade brasileira. Em ambos os pontos se nota que a estrutura de poder instituída por Getúlio Vargas como alvitre, tornou-se fator determinante.

No aspecto dos problemas de hierarquização étnica, por mais que não deixe latente um recorte espacial, é possível observar a relação com o enredo estabelecido em *Um Rio Imita o Reno*. Tratando do Rio Grande do Sul, de maneira mais específica da região do Vale dos Sinos, os grupamentos de ascendência europeia (alemães especificamente no caso da obra) adotavam medidas e posturas de superioridade em relação aos brasileiros¹⁹⁵.

O que chama a atenção nesse contexto são elementos já abordados pelo Autor quando da publicação *O Ciclo do Ouro Negro*, a saber, a eugenia e o preconceito étnico. Sua passagem e estadia forçada no norte do Brasil garantiram-lhe substrato necessário para afirmar que o caboclo genuíno seria o brasileiro fidedigno, capaz de dobrar e vencer a tão inóspita natureza amazonense e que os demais grupos sociais (como o Mongo-malaio e o Mameluco Agassiz) não teriam condições de fazer o mesmo.

¹⁹⁴ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 225-226.

¹⁹⁵ Expressão utilizada para classificar e adjetivar aqueles que não eram descendentes imigrantes ou descendentes de imigrantes alemães. Invariavelmente isso era constituído pelas personagens do núcleo germânico para desqualificar e diminuir aqueles que não eram de ascendência ou nacionalidade germânica. Esse termo será mais bem explorado no terceiro capítulo do trabalho, onde a obra em questão será alvo de análise direta.

Dessa maneira, pela observação e estudo integrado das três obras, é possível começar a esboçar o modelo ou padrão de pensamento sociológico e antropológico de Vianna Moog, enquanto intelectual preocupado em pensar o Brasil, a população brasileira e a identidade nacional. As hibridações e os cruzamentos biológicos formariam um povo brasileiro mestiço e homogêneo em nível cultural.

Os grupos que ele condenou em *O Ciclo do Ouro Negro* e em *Novas Cartas Persas* representavam os dois lados unilateralmente presentes e constituídos na amálgama de um povo que, a seu ver, deveria ser plena e puramente miscigenado. Daí se compreende por que o indígena representava um entrave por apenas sobreviver, sem a ambição e a vontade de prosperar. O imigrante também impunha entraves à unidade nacional, nesse caso por colocar-se em um patamar de superioridade em relação aos demais grupos étnicos existentes e por resistir à integração à nova nacionalidade.

A carta dezoito, escrita por Rustan a Iben, trouxe uma significativa alteração nos termos e nos assuntos abordados. O remetente tenta convencer seu compatriota persa que o governo de sua pátria, por mais problemas que tenha, principalmente por motivo do cerceamento das liberdades da população, promovia a prosperidade material e a modernização do país.

De maneira direta e contundente, o emissor da correspondência afirma:

[...]. A Pérsia moderniza-se. [...]

[...]

De qualquer maneira, é digno de nota o que Palevi tem realizado. Pode não dar liberdade ao povo, mas não resta dúvida que segue impávido no seu propósito de nos dar progresso material, com sacrifício embora de nossas tradições e os protestos dos tradicionalistas irredutíveis.

[...]

Não, meu bárbaro Iben, não há negar os melhoramentos introduzidos na Pérsia. Se te fôsse [sic] falar de todos para avivar-te a memória e aplacar a tua má vontade para com a nova situação, não seria bastante uma simples carta.¹⁹⁶

A guinada que essa carta apresenta à obra e até mesmo à análise é bastante relevante. Até a carta dezessete, os aspectos sociais e políticos são destacadamente os mais abordados e em um tom de crítica em relação ao processo instituído. Tudo transposto à realidade e à conjuntura vivida pelo Brasil, aos olhos de Vianna Moog, dá-se de maneira errada, fora daquilo que seria ideal.

¹⁹⁶ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 228-229.

Mesmo assim, contudo, a correspondência seguinte insere os aspectos econômicos e a modernização (compreendida em uma perspectiva material) enquanto resultados inegáveis do trabalho de um governo até aqui duramente criticado. O mais contundente reside no final da citação anteriormente destacada, na qual a personagem Rustan advertia seu amigo Iben de que uma carta seria insuficiente para relatar todas as benesses geradas pelo regime em termos financeiros para sua nação.

Fica estabelecido o parâmetro de análise da relação de Vianna Moog com o Estado varguista. Não é de todo ruim o governo que consegue promover a prosperidade econômica do país e que garante seus ganhos materiais. Desse modo, as posturas antidemocráticas e autoritárias do regime, se instituídas em favor do progresso, tornam-se aceitáveis.

O Autor elogiou o governo de Getúlio Vargas pelas suas qualidades no que se refere às políticas nacionalistas, econômicas e trabalhistas (corporativistas). O modelo econômico nacionalista adotado pelo Brasil a partir de 1930 contribuiu para que certo crescimento fosse averiguado principalmente a partir de 1935. D'Araújo, ao analisar a construção do modelo econômico varguista e de sua relevância nesse quadro econômico nacional e mundial, afirmou:

[...], parece razoável dizer que o desenvolvimento brasileiro que se inicia com a Era Vargas não foi consequência [sic] do modelo varguista: Vargas criou um modelo para o desenvolvimento mas não criou o desenvolvimento. O desenvolvimento foi, aliás, uma marca de toda a América Latina nesse mesmo período, e isso ocorreu sob distintos modelos econômicos. [...]. O modelo econômico da Era Vargas deu um formato específico às nossas instituições, mas não gerou o desenvolvimento.¹⁹⁷

O crescimento econômico, conforme D'Araújo, seria resultado de uma tendência da América Latina, e não única e exclusivamente fruto das medidas do governo brasileiro. Vianna Moog, ao defender a prosperidade do Estado varguista, compreendeu o sucesso econômico também em função da unidade nacional erigida com base na imposição do corporativismo.

Na carta dezenove, Iben responde a Rustan acerca da temática econômica e progressista apontada nas correspondências anteriores. O remetente se preocupa em afirmar que não está cego em relação ao progresso material da Pérsia, mas que isso, a seu ver, se deu a um custo alto demais, numa realidade em que as virtudes orientais foram deturpadas em favor de tal pujança.

¹⁹⁷ D'ARAÚJO, M. C, *A era Vargas*, p. 68.

Ao fazer a transposição dessa epístola para a realidade brasileira, é possível compreender que essa carta, combinada à anterior, juntas constituem uma espécie de exame de consciência para o escrito, que julga até que ponto as conquistas materiais valem o preço da liberdade e da falta de participação política em um nível democrático.

Esse questionamento pessoal transparece na colocação de Iben:

[...] a Pérsia civiliza-se, se é que civilizar-se é viver sob o signo do maquinismo e fazer com que nos mesmos lugares onde outrora foram enterrados os guardas-fronteiras de Gengis-Cã [sic], surjam agora usinas elétricas e oficinas de reparação.

Por estes informes, bem podes ver que me não conservo nem alheio nem indiferente, [...], ao que se passa na Pérsia, com o advento do novo regime. Acompanho com atenção, mas não me deixo convencer que tudo isso compense as nossas decepções políticas dêstes [sic] últimos anos. Isto que vemos é uma Pérsia desfigurada, não a Pérsia com que sonhávamos.

[...]. De verdadeiramente nosso já nada existe.¹⁹⁸

Quando tratou das decepções com o regime, Vianna Moog, nas palavras de Iben, dirigiu-se ao fato de que o crescimento econômico que se estabeleceu era inegável, mas que ainda não se ocupava devidamente com a construção da identidade nacional. Ao afirmar que “Isto que vemos é uma Pérsia desfigurada, não a Pérsia com que sonhávamos”, mostrava-se atento e preocupado com o futuro do país.

Completando o quadro negativo observado por Iben, existe ainda a falta de interesse e falta de reação da população em relação a esse contexto. Os interesses pessoais e particulares se sobrepondo aos anseios nacionais acabam por facilitar o trabalho de um Estado voltado para a cooptação a partir da concessão de benefícios pontuais.

De maneira mais específica, o emissor da carta diz que “Pior então que os antagonismos regionais são os antagonismos tribais, fomentados pelos emires, E por sobre [sic] toda [sic] essa confusão só domina um homem: Palevi”.¹⁹⁹

Esse apontamento novamente permite a relação com as outras obras de Vianna Moog. O regionalismo e a segregação étnica são elementos fulcrais na construção do enredo de *Um Rio Imita o Reno*. Da mesma forma, como já tratado anteriormente neste mesmo capítulo, a composição heterogênea e hierarquizada da população brasileira não contribuía para a formação

¹⁹⁸ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 231.

¹⁹⁹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 232.

de uma verdadeira nação, imbuída do espírito de participação efetiva nas coisas do Estado, erigida em uma concepção efetiva de pertença.²⁰⁰

Na literatura em questão, a segregação múltipla, considerando os regionalismos e, dentro deles, as subdivisões étnicas (bem como seus embates), evidenciam-se de maneira contundente. Armando Seixas, amigo da personagem principal da obra, Geraldo Torres, aponta pelo viés das relações privadas esse quadro em questão:

- É para você ver. [...]. Ando de ôlho [sic] numa casadinha, que me dá bola. Mas na hora do fecha, arrepia a carreira. [...]. É só para o grupinho [referindo-se àqueles de etnia germânica]... Êles lá se entendem entre si, mas não querem conversa com brasileiro.²⁰¹

Indo além, é possível amarrar tal debate à noção de identidade nacional promovida por Vianna Moog, quando ele identifica a necessidade de estabelecimento a partir da miscigenação, de uma população formada pelo caboclo genuíno. A homogeneização da população poderia resolver, daí por diante, o impasse vivido pelo Brasil, no qual o povo, em razão das suas subdivisões e rivalidades, encontrava dificuldades para o estabelecimento de uma identidade nacional coesa.

Outra definição importante que deve ser considerada aqui é a de Romance de 30²⁰². Segundo Stegnano-Picchio:

Em literatura, os anos de 1930 a 1945 são anos do reposicionamento ideológico e do novo compromisso, político e social, ao mesmo tempo, a institucionalização, na prática literária individual [...], das conquistas expressivas efetuadas pela primeira geração modernista.²⁰³

O que a autora aponta vem ao encontro dos princípios já observados em relação à vida e carreira de Vianna Moog. Uma literatura engajada com a política nacional, comprometida com a construção da identidade nacional e estabelece projetos para o futuro do Brasil.

A carta número vinte é escrita por Usbek e remetida a Rustan. O remetente começa contando ao amigo no Brasil de sua chegada a Berlim. Além disso, promove reflexão em relação aos jogos Olímpicos de 1936, na qual se preocupa com a juventude, que exagera na prática esportiva em detrimento das atividades intelectuais.

²⁰⁰ Sentimento de pertencimento efetivo em relação a uma pátria ou nação. Sobre isso, ver: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

²⁰¹ MOOG, C. V., *Um rio imita o Reno*, p. 19.

²⁰² Sobre o assunto, ver: BUENO, L. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.

²⁰³ STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da literatura brasileira*, p. 521.

Depois disso, a carta passa a tratar de uma palestra sobre história da Pérsia, acerca de um texto cuneiforme encontrado através de uma pesquisa arqueológica realizada em Persépolis [sic]. As palavras do conferencista levantaram dúvidas em Usbek, que quis se manifestar de forma a lançar luz sobre a questão. E o resultado disso foi desastroso, conforme o próprio remetente escreve:

Mas pareceu-me, no interesse da verdade, que não deveria fugir ao cumprimento do dever de levantar algumas objeções no final da conferência.

Antes não tivesse feito, [...]. Mal o conferencista percebeu que minhas palavras estavam produzindo impressão no auditório, exclamou:

- Fora com êle [sic], é judeu. Quer destruir a ciência ocidental.

O golpe foi fulminante. Toda a sala se pôs a gritar. [...]. E como eu insistisse em prosseguir botaram-me para a rua aos pontapés e aos empurrões.²⁰⁴

Dois elementos podem ser extraídos da carta de Usbek. Primeiramente, o contexto histórico mundial que diz respeito à Alemanha nazista e seu discurso antissemita no limiar da Segunda Guerra Mundial. Em segundo lugar, o autoritarismo do governo de Getúlio Vargas, que se impunha pela força contra aqueles que tentassem questioná-lo.

Considerando o segundo aspecto, é plausível afirmar que a carta vinte é uma espécie de resposta indireta às preocupações apresentadas na carta dezenove. Em seu exame de consciência, Vianna Moog percebeu que o crescimento econômico do modelo varguista para o Brasil dava-se a um custo alto, pela perda das liberdades e da democracia.

A grande questão, a partir dos elementos pressupostos, é que o enfrentamento isolado de um intelectual (ou de um grupo de intelectuais que seja, mas sem a adesão maciça da população) não surtiria efeito algum. O resultado seria aquele apresentado alegoricamente pela postura de Usbek frente ao conferencista – posto “para a rua aos pontapés e aos empurrões”.

A carta vinte e um tem o mesmo remetente e destinatário. Usbek falava de sua desilusão ao ter percebido que o Ocidente não o ensinou tanto quanto ele queria. Segundo ele, “[...] o Ocidente nada tem a ensinar ao Oriente. O que há no Ocidente é muita arrogância e muito charlatanismo”.²⁰⁵

O persa centrou sua reflexão de maneira mais pontual no campo da História e da Ciência Social, notando que as estruturas do Ocidente se encontram de fato ruindo por conta dos acontecimentos da década de 1930. Os conceitos dados, prontos e acabados da ciência

²⁰⁴ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 235-236.

²⁰⁵ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 237.

também não escaparam ao crivo de Usbek, ao que pese, para ele, o entendimento de que “A verdade de hoje será o erro [sic] de amanhã”.²⁰⁶

Extraíndo as metáforas constituídas por Vianna Moog na personagem que escreve tal carta, percebe-se que o ponto fundamental do processo reside na questão do desapontamento. Ele pode ser considerado em alguns aspectos especificamente:

- 1) Vianna Moog mostrava-se cético quanto à possibilidade de mudança ou de alteração de sua realidade social pelo poder do conhecimento. A intelectualidade não teria as condições necessárias para estabelecer a identidade nacional;
- 2) A crítica ao Ocidente pode referir-se à conjuntura europeia. O velho continente que servia de referência outrora não passava, no momento em questão, de um grande espaço de litígio, no qual as potências políticas e econômicas se encaminhavam para o inevitável choque da Segunda Guerra Mundial;
- 3) Relacionando tudo o que se construiu no decorrer das correspondências, nota-se também a descrença na própria sociedade. A falta de mobilidade e de questionamento, a aceitação muitas vezes passiva e indiferente da situação do país depunha contra a nação.

Já na carta vinte e dois, Rustan responde ao amigo Usbek tentado dar-lhe alento, no sentido de que não perca a confiança na ciência. De início, afirma ao colega que havia previsto que isso poderia acontecer devido ao entusiasmo e à crença demasiada na erudição e na ciência ocidental. Depois dá exemplos e classifica a ciência em duas categorias: positiva e a negativa.

O elemento no qual a personagem mais se demora é na crítica às sistematizações generalizantes e às doutrinas fechadas. Apontou isso por meio do exemplo do embate entre capitalismo e comunismo no início do século XX, no qual “Tiveram tácitamente [sic] que transacionar. O comunismo, pela adoção de princípios [...] capitalísticos. O capitalismo, pela adoção de reformas sociais preconizadas pelo comunismo”²⁰⁷.

A crítica aos regimes de exceção e a sistemas rígidos é a tônica dessa carta. A fala em favor da hierarquia étnica e da superioridade europeia é atacada alegoricamente. Dessa maneira,

²⁰⁶ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 240.

²⁰⁷ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 243.

a carta vinte e dois ratifica e consolida as perspectivas desenvolvidas na carta vinte e um, na qual essa posição fica evidente.

Na carta vinte e três, enviada por Rustan a Iben, novamente perspectivas pessoais de Vianna Moog são inseridas no conteúdo escrito em forma alegórica, como se percebe pela citação abaixo transcrita:

Se não te convidou [o Xá Palevi] para nenhum vizirato, é naturalmente por que já os reservara para os mansanderanenses [sic] do peito. Exilou-te, é certo, durante algum tempo, numa aldeia deserta do Irã. No caso porém, foste [sic] o único culpado, pois quiseste levantar contra êle [sic] a província de Masanderan [sic].²⁰⁸

O exílio é lembrado enquanto um elemento que causaria rancor ou, como o próprio Rustan afirma em relação a Iben, “má vontade” em relação ao governo. A lembrança é estabelecida enquanto advertência e conselho, pois, no curso das coisas, o poder do Xá Palevi não se mostrava em nada enfraquecido e qualquer nova tentativa de levante poderia causar outras punições.

Da mesma forma, estabelecendo a relação do líder persa com o presidente brasileiro, em 1936, seu prestígio e controle eram efetivamente inquestionáveis, tanto que, no ano seguinte, o golpe do Estado Novo constituiu-se de forma tranquila e sem sobressaltos.

Sobre o contexto do golpe, D’Araújo afirma:

Em 10 de novembro de 1937 Getúlio comparecia a uma estação de rádio e anunciava que o país ganhara uma nova constituição, que o Congresso estava sendo novamente fechado e que a partir desse momento ele se transformava no chefe absoluto na nação. Fez esse pronunciamento e foi cumprir com sua agenda social [...]. Por que essa tranqüilidade [sic] [...]? Por uma razão muito simples: nesse momento os opositores mais críticos já estavam na cadeia. Os que ainda não estavam, com medo de serem presos, começaram a pedir asilo político [...]. Os que apoiavam o governo, contudo, não eram poucos.²⁰⁹

Se muitos opositores buscaram exílio fora do Brasil, Vianna Moog preferiu exilar-se em sua torre de marfim²¹⁰, de onde projetou suas teorias no campo da literatura. Escolheu a intelectualidade, portanto, para manter viva sua esperança de compor os quadros políticos

²⁰⁸ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 243.

²⁰⁹ D’ARAÚJO, M. C. *A era Vargas*, p. 27.

²¹⁰ Expressão utilizada pelo autor na obra *Novas Cartas Persas* e também em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1945. Significa isolar-se de uma determinada realidade ou conjuntura material para tratá-la apenas em abstração e teoria.

brasileiros. Dessa forma, é plausível dizer que o Autor não desistiu da política, apenas enquadrou-se a ela (mesmo que não de acordo com suas concepções pessoais).

Mais uma vez o exame de consciência ficava estabelecido. É como se o ensaísta precisasse reafirmar para si a necessidade de aceitar a realidade dos fatos e, por meio de tal conjuntura adversa, buscar posicionar-se de maneira conveniente, mesmo que para isso tivesse que abrir mão de alguns princípios morais pessoais.

A carta de número vinte e quatro constituiu a resposta de Iben a Rustan. Nela, o remetente se preocupa em retomar o assunto de sua posição em relação à política persa. Novamente ele se mostra irredutível em sua postura contrária ao Xá Palevi, dizendo que “[...] não me alarma a hipótese de ficar só contra o mundo.”²¹¹ Seus valores e concepções seriam defendidos até o fim, para a salvação da Pérsia.

O que mais chama atenção nesta carta não é a postura de Iben, mas, sim, o enredo de um livro que ele apresenta ao seu amigo para explicar sua postura. A obra em questão é a peça teatral *Um Inimigo do Povo*²¹², escrita em 1882 por Henrik Ibsen. Existem influências diretas desse texto na composição de *Um Rio Imita o Reno*, o que se percebe através dos seguintes pontos:

- 1) A peça trata do conflito entre Dr. Stockmann e seu irmão, prefeito de uma cidade balneária norueguesa, Peter Stockmann. O embate se dá por conta da contaminação das águas do balneário. No romance, o conflito se dá entre a família Wolff (chefiada pela matriarca Frau Marta) e Geraldo Torres, por conta de um amor proibido. Por mais que o enredo do confronto seja distinto, o resultado é próximo: ambos (Stockmann e Torres) precisam abandonar a cidade em questão, pois se tornam *persona non grata*;
- 2) A água contaminada também é elemento contido nos dois trabalhos. No texto de Henrik Ibsen, a água contaminada é o pivô da disputa entre os irmãos. No livro de Vianna Moog, ela é o motivo pelo qual Geraldo chega à cidade de Blumental, onde toda a trama se desenvolve.

²¹¹ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 248.

²¹² Sobre isso, ver: ISBEN, H. *Um inimigo do povo*. São Paulo: L&PM, 2014.

A última carta da obra é escrita por Rustan e endereçada a Iben. Nela, o persa alocado no Brasil se preocupa em retomar a discussão sobre a postura, por ele considerada heroica, do amigo na Pérsia, e apresenta outro exemplo, com base na literatura brasileira: *O Homem da Cabeça de Papelão*²¹³, de João do Rio.²¹⁴

O texto apresentado pelo remetente trata da história de um rapaz sincero que não conseguia mentir e, por conta da sinceridade extrema, tinha problemas em estabelecer qualquer tipo de relação pessoal ou profissional. A única pessoa com quem conseguia conviver era a própria mãe.

Em um determinado dia encontrou um estabelecimento que “consertava cabeças”. Deixou a sua para conserto e saiu de lá provisoriamente com uma cabeça de papelão. A partir daí, com essa nova cabeça, o rapaz teve extremo êxito na vida, tendo apenas perdido o contato com a mãe, que não mais o reconhecia.

Enfim, todo esse caminho desenvolvido por Rustan tinha por objetivo dar um último e derradeiro conselho ao seu estimado Iben. Disse-lhe na última frase da obra: “Queres um conselho leal, amigo? – Adota uma cabeça de papelão.”²¹⁵

Nas figuras de Rustan e Iben é possível entrever um conflito interno, pessoal e particular de Vianna Moog em relação ao contexto sociopolítico do país na década de 1930. A maior parte das correspondências inseridas na obra diz respeito a esse debate que foi vencido pelo persa em visita ao Brasil.

Independentemente de julgamentos positivos ou negativos no que se refere ao valor moral tangenciado no texto de João do Rio, e fazendo sua transposição à conjuntura na qual se circunscreve a obra *Novas Cartas Persas*, é justo afirmar que a postura adotada não é, contudo, de total aceitação em relação ao governo de Getúlio Vargas. Ele não concordava, mas adaptava-se a esse panorama. Ele não aceita todos os preceitos varguistas enquanto corretos, mas os seguia para manter-se salvo de toda e qualquer represália que aqueles que se levantaram contra o presidente sofreram.

Em suma, os livros escritos por Vianna Moog na década de 1930 demonstram três coisas: primeiro, suas concepções intelectuais acerca do Brasil, de maneira mais efetiva em relação à formação da sociedade e da identidade do povo brasileiro; segundo, a bipartição entre suas concepções pessoais e sua prática política de fato; terceiro, a inserção de suas ideias e

²¹³ Texto na íntegra disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/2009/lettera_brasilis3_mar09.htm>. Acesso em: 7 jul. 2015.

²¹⁴ Pseudônimo utilizado pelo jornalista carioca João Paulo Emílio Coelho Barreto.

²¹⁵ MOOG, C. V., *Novas cartas persas*, p. 254.

conceitos em suas composições literárias. Dessa forma, a análise integrada do homem público e do intelectual com suas obras ensaísticas representa alicerce fundamental para a compreensão de sua última publicação da década de 1930, *Um Rio Imita o Reno*.

CAPÍTULO III

As Identidades em *Um Rio Imita o Reno*

Todo o debate teórico acerca da aproximação entre a história e a literatura, a questão da narrativa e até mesmo o patamar de ciência da história consolidam e encaminham diversos estudos no campo da história cultural. Para a proposta de análise circunscrita a este capítulo, essas temáticas se tornam fundamentais. A isso assim Chartier se refere:

A partir deste terreno de trabalho em que se enredam o texto, o livro e a leitura, podem-se formular várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais. A primeira alimenta a esperança de levantar os falsos debates em torno da divisão, dada como universal, entre as objetividades das estruturas (que seria o território da história mais segura, que, ao manipular documentos maciços, seriais, quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como verdadeiramente eram) e a subjetividade das representações (a que se ligaria uma outra história dedicada aos discursos e situada à distância do real). Uma tal clivagem atravessou profundamente a história, mas também as outras ciências sociais como a sociologia ou a etnologia, opondo abordagens estruturalistas e procedimentos fenomenológicos, as primeiras trabalhando em grande escala sobre as posições e as relações dos diferentes grupos, muitas vezes identificadas a classes, os segundos privilegiando o estudo dos valores e dos comportamentos de comunidade mais restritas, muitas vezes tidos como homogêneos.²¹⁶

²¹⁶ CHARTIER, R. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*. p. 182-183.

O objetivo é, seguindo as concepções de Roger Chartier, perceber as objetividades e as subjetividades engendradas na construção de um texto e, por conseguinte, nas suas leituras e interpretações. Um olhar mais próximo, para além de uma abordagem estruturalista, permite, de fato, tangenciar os elementos que ficariam invisíveis se tomados de modo generalizante.

No caso presente, *Um Rio Imita o Reno* é uma obra complexa que pode ser analisada no viés da História Cultural, tendo por fios condutores a narrativa e a subjetividade histórica, as identidades²¹⁷ e suas representações²¹⁸. Esses conceitos são elementos fundamentais para que se possam extrair as interpretações desenvolvidas pelo Autor acerca do Brasil e do povo brasileiro.

Segundo Marilene Weinhardt, *Um Rio Imita o Reno* apresenta a questão dos “desenraizados do século XIX”²¹⁹. Os imigrantes europeus (no enredo do romance, principalmente alemães), seriam aqueles que, na transição do século XIX para o XX, precisavam adaptar-se à proposta nacional que a proclamação da República, e, principalmente, a era Vargas propunham.

Os problemas enfrentados pelos europeus que então imigraram como colonos também não são os decorrentes da ordem colonial, mas os de uma nação que se forma, que busca sua identidade e unidade, no difícil caminho da política viciada que os lusos deixaram como herança maldita.²²⁰

Publicado em 1939 por uma das editoras mais importantes do Brasil, o romance foi bem recebido pela crítica especializada, visto que venceu o Prêmio Graça Aranha de literatura daquele ano. A história se refere a um amor contrariado, praticamente impossível em razão do preconceito racial de cunho germânico, elemento caracterizado desde o título do livro. Ainda sobre as razões do sucesso do livro, Marilene Weinhardt aponta que:

²¹⁷ Aqui se tratará do conceito de “identidade” a partir das perspectivas de Stuart Hall (2006), Edward Said (2007) e Homi Bhabha (2005). De maneira geral (visto que o conceito será aprofundado no decorrer do capítulo), esses autores compreendem identidade como o conjunto de sentimentos de pertença a uma determinada realidade, e com possíveis compartilhamentos, e ainda, no caso de Bhabha, enquanto uma construção narrativa. Sobre isso, ver: MORESCO, M. C.; RIBEIRO, R. O Conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. *ANIMUS: Revista Internacional de comunicação midiática*. Santa Maria: UFSM, v. 14, nº 27, 2015.

²¹⁸ O conceito de representação aqui constituído parte dos estudos de Roger Chartier. O assunto será debatido mais intensamente no decorrer do capítulo, mas, *a priori*, é identificado enquanto o conjunto de práticas simbólicas que, ao serem instituídas, geram outras representações. Seleciona-se essa perspectiva visto que o objeto de estudo deste trabalho reside na Literatura. Sobre isso, ver: CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 11, nº 5, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

²¹⁹ WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre o romance do Sul*, p. 55.

²²⁰ WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre o romance do Sul*, p. 55.

Com *Um Rio Imita o Reno* (1939), Viana [sic] Moog inaugura o tema da adaptação de alemães e teuto-brasileiros no Sul. A julgar pelas sucessivas edições e pelas expressivas tiragens logo depois do lançamento, foi obra de leitura obrigatória de algumas gerações, senão de brasileiros, pelo menos de sulistas. Em se tratando de obra mediana, pode-se conjecturar que a atração residisse sobretudo no tema, sinal de sua emergência e significado para os leitores de certa época e de determinado estrato social.²²¹

Desse modo, tanto pelo contexto histórico, quanto pela escolha da temática, Vianna Moog fez de *Um Rio Imita o Reno* uma obra referencial, capaz de apresentar, através da ficção histórica, a problemática da identidade nacional. No transcorrer dos quatro capítulos, sendo cada um deles nomeado como uma estação do ano (Verão, Outono, Inverno e Primavera, respectivamente) de 1938, quando, em tese, a história se desenvolve, o enredo foi tratado de modo a relacionar os eventos locais e nacionais ao contexto mundial, onde acontecia o crescimento e o fortalecimento dos regimes totalitários e o limiar da Segunda Grande Guerra Mundial.

3.1. O Rio e a questão nacional.

O título da obra – *Um rio imita o Reno* – já apresenta a dificuldade, a complexidade de se pensar tal construção coesa de Brasil. Os discursos, os pontos de identificação, a cultura e a história que ocupam as margens do rio de Blumental aproximam-se daquelas representações estabelecidas no entorno do rio Reno. Os milhares de quilômetros que os separavam tornavam-se irrelevantes. Em conversa entre Dr. Stahl e Dr. Otto Wolff, essa similaridade ficou destacada: “- O colega vai gostar de Blumental – assegurou Stahl, despedindo-se. – Aqui tudo imita a Alemanha. Até a natureza, para ser agradável, pôs à nossa disposição um rio que imita o Reno...”²²². Nas palavras do médico, a similaridade era tão grande que o colega, recém-chegado da Alemanha, não passaria por estranhamento algum, visto que a sociedade e até mesmo a natureza de Blumental, evidenciando de modo especial o rio, imitavam o país europeu.

O rio apresentou-se para Vianna Moog enquanto fronteira, limite, divisor, mas, ao mesmo tempo, sua liquidez, fluidez e maleabilidade serviram como conector. Sendo anteparo físico, o rio, imaterialmente, nos meandros da memória e da subjetividade, aproximava e diluía

²²¹ WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre o romance do Sul*, p. 55.

²²² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 217.

as fronteiras, pois inúmeras aproximações eram realizadas entre os rios Blumental, Amazonas e Reno. Para Geraldo, por exemplo, o rio Blumental estabelecia conexões com os rios da região amazônica e com o rio Reno:

Às cinco da tarde a sirena da Fábrica tornava a apitar. Chegava então para Geraldo a hora que êle [sic] mais amava: a do banho no rio. [...]. Ia para um sítio retirado, longe da praia, onde se apinhavam os garotos seminus, e jogava-se à água do alto do barranco. Era uma alegria física incomparável. Dava grande nadadas e mergulhos, tornava depois ao barranco para novos saltos, o seu prazer predileto. Ali se sentia bem. [...]. Naquele ambiente voltava aos tempos de menino, junto ao igarapé, perto da casa do seringal, pelas férias grandes. O rio aqui era mais manso. Na margem direita coberta pela mata rasteira, via uma miniatura da muralha de verde das margens amazônicas. Bastava-lhe essa sugestão para considerar que aquêle [sic] lugar era um lugar amigo. Já começava a amar aquêle [sic] rio.²²³

O rio Amazonas aparece como um dos principais elementos da identidade de Geraldo Tôrres [sic]. É sua base de comparação, seu parâmetro de verificação. Ele vê o rio carregando em suas águas as lembranças da infância, materializando-se em felicidade. Confere à personagem um sentimento nostálgico. A correntiza do rio de Blumental o conduzia de maneira agradável, feliz. A personagem principal estabelece uma continuidade entre os rios, responsável pela aproximação imaterial do rio Amazonas com o rio de Blumental.

Essa relação de identificação (no caso do romance, com o rio) é assim tratada por Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.²²⁴

Hall nos permite analisar o processo de identificação que a personagem Geraldo Tôrres [sic] apresenta para com o rio. O rio de Blumental não é o Amazonas, pois, ao chegar à Blumental, tinha “[...] a impressão de uma cidade do Reno extraviada em terra americana”.²²⁵ Ou seja, não reconhecia aquelas paisagens como brasileiras.

²²³ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 18.

²²⁴ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 11-12.

²²⁵ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 15.

Mesmo sendo menor, mais manso e muito distante daquele em que se banhava na infância, daquele do seu local de origem, o rio trazia familiaridade, permitia a conexão com seu lar, com sua definição e identificação de região. O mundo social e cultural no qual Geraldo fora costurando na infância, essa cultura ribeirinha do Amazonas (materializada no texto a partir do banho de rio), lhe permite ancorar uma certa identidade nas águas do rio de Blumental.

Os rios foram abordados a partir de dois prismas distintos:

- 1) O título do romance – *Um Rio Imita o Reno* – aponta para o perigo que o germanismo representava ao estar constituído em algumas regiões do Brasil. Considerando ainda o contexto histórico da eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial, esse quadro tornava-se ainda mais grave em razão do avanço do nazismo em solo brasileiro. O rio Blumental não era o Reno e os imigrantes tiveram suas vidas transformadas pela experiência diaspórica e suas identidades eram negociadas entre a Alemanha e o Brasil.
- 2) A relação que Geraldo estabeleceu com o rio de Blumental foi de aproximação, de apego. Isso pois partiu da identidade construída no contato próximo e significativo com o Rio Amazonas. O banho de rio que tomava nas águas do rio de Blumental permitia-lhe lembrar de sua infância, algo que lhe era caro. Essa conjuntura, dentro do enredo, permite compreender a ideia de integração, miscigenação e hibridização que Geraldo Tôrres [sic] representa na obra.

Destaca-se, também, que o enredo do romance conjecturou as duas regiões, Norte e Sul do Brasil, tratando de suas semelhanças e diferenças, ou seja, tomando elementos capazes de pontuar as identidades regionais bem como tangenciando outros elementos aptos para erigir identidade nacional. É importante ainda dizer que o fez circunscrevendo-se a um fio condutor: o rio.

Com base na referência aos espaços geográficos situados no Norte e Sul do país também se estabelece o embate, do choque, do estranhamento e, ao mesmo tempo, via qualidades positivas nessas diferenças culturais, raciais, geográficas, étnicas e de nacionalidade. Geraldo Tôrres [sic] denotou estranhamento ao ver, pela janela de seu quarto no Hotel Centenário, uma paisagem totalmente distinta daquela a que estava acostumado. A personagem não se via representado pela paisagem na qual estava inserido, o que impedia a ele qualquer

relação de identificação ou pertença. Segue um exemplo da maneira como o Autor arregimentou essa relação:

Abriu as venezianas e ficou olhando para fora. Na frente alargava-se a praça, com o edifício vermelho da Prefeitura, ao centro. Do lado direito ficava o quiosque, quase oculto nas sombras do denso arvoredo; ao redor do chafariz, onde a samaritana deitava um filête [sic] d'água no tanque circular, arregimentavam-se geometricamente os canteiros de rosas vermelhas e brancas, de cravos, de azáleas [sic], de girassóis e violetas. Os jasmims impregnavam o ar de um perfume penetrante. Geraldo agora devassava o horizonte. Mais para Leste corria tranqüilamente [sic] o rio, sereno, sem pressa, entre salgueiros melancólicos debruçados sobre a corrente. Olhou a serra que servia de pano de fundo à perspectiva, a torre [sic] pontiaguda da igreja protestante, a ponte que ligava os dois braços de terra, o pesado e soturno monumento do cais, e uma estranha sensação inundou-lhe o coração. Tinha a impressão de que não fizera uma viagem de sete horas de trem; de que sua vida se dera uma brusca parada, cujo remate era aquêle [sic] súbito despertar. Parecia-lhe que tinha cruzado os oceanos e estava longe da pátria.²²⁶

A imigração tornou mais complexas as diferenças étnicas, culturais e nacionais no Brasil. Essa pluralização era vista como uma ameaça, pois a presença de estrangeiros e os intercâmbios entre Brasil e Alemanha ameaçam a soberania nacional e a existência de uma identidade estável, unificada e horizontal. Segundo Hall, diante das diferenças,

[...] a estrutura de significação e referência [...], destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural é em geral revelado como um código integrado, aberto, em expansão. Tal intervenção vai desafiar de forma bem adequada nossa noção de identidade histórica da cultura como força homogeneizante, unificadora, autenticada pelo Passado originário mantido vivo na tradição nacional do Povo.²²⁷

Geraldo Tôrres e os imigrantes alemães [sic] representariam, a “[...] ponte que reúne enquanto passagem que atravessa”²²⁸. Como afirma Hall, “[...] as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história”²²⁹. Em suma, é necessário atentar para identificar de qual margem do rio se fala. O rio de Blumental é tomado de modos distintos pelas personagens do

²²⁶ MOOG, V. *Um Rio Imita o Reno*, p. 27.

²²⁷ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 67.

²²⁸ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 24.

²²⁹ HALL, S. Identidade, cultura e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996, p. 70.

livro, e isso gera interpretações distintas. Desse modo, visto pela margem das famílias Wolff e Kreutzer, o rio segrega, divide e separa. Observado pela margem de Geraldo Tôres [sic], o rio converge, une e aproxima.

A palavra “imita” anuncia o *entrelugar* vivido pelos imigrantes. Eles haviam deixado a Alemanha e passaram a viver no Brasil, experiência diaspórica que marcou profundamente suas vidas. Desse modo, imitar o Reno era a forma de manter viva e pulsante a relação com a terra natal, mesmo estando distante dela e não sendo possível retornar para a Alemanha. Assim, inseridos no Brasil, estavam divididos entre duas identidades: a alemã e a brasileira e as mesmas não eram conflituosas. No romance, o enredo conduz para um quadro de integração, que seria, com o passar do tempo, inevitável, ou seja, eles se tornariam brasileiros. Muitos imigrantes de Blumental tinham casado com brasileiros ou com brasileiras, dando origem a crianças mestiças, e em Blumental não havia apenas estrangeiros, mas famílias constituídas por brasileiros que conviviam com os alemães. Mesmo assim, porém, a integração, a nacionalidade da maioria dos imigrantes era um processo em curso, e não um fato consumando.

Em Hall encontra-se a teoria que embasa essa perspectiva multifacetada de composição identitária, da seguinte maneira:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, ou não resolvidas. [...], as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.²³⁰

Ao se estabelecerem em Blumental, os imigrantes não se desconectaram por completo de suas raízes, pois mantiveram fortes vínculos com seus locais de origem, suas culturas, tradições, histórias e linguagens. Eles abandonaram qualquer possibilidade de estabelecimento de pureza cultural, de uno étnico ou de homogeneidade religiosa, pois foram obrigados a negociar com as novas culturas, tradições, histórias e linguagens com as quais tiveram contato, sem, no entanto, serem completamente assimilados. Eles se tornaram irrevogavelmente traduzidos. Segundo Bhabha, é “[...] na emergência dos interstícios – a sobreposição e o

²³⁰ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12.

deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”²³¹.

Ao tentar negociar com os hábitos, costumes, cultura, tradições e linguagens do Brasil, vivenciavam a sensação de deslocamento, de não estar em casa. Eles tiveram de “[...] aprender a habitar no mínimo duas ou mais identidades, a falar duas ou mais linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas”.²³² Ter um lar, nessa perspectiva, representa sempre um porto seguro, algo confortável, estável, aconchegante, familiar. Como decorrência, foram “[...] [obrigados] a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas”.²³³ O reconhecimento enquanto brasileiro ou alemão ocorria de modo complexo, pois, a partir das negociações estabelecidas, as velhas identidades estáveis não se mostram capazes de efetivamente abarcar e representar esses grupos híbridos.

Para Bhabha, a problemática das identidades precisa ser repensada muito além da lógica binária e das mútuas exclusões. Desse modo, propõe o conceito de *in between*, interstício, como o local de negociação cultural no qual os indivíduos negociam suas identidades diante das circunstâncias nas quais se inserem e vivenciam. O Autor ainda infere que nesse processo não há:

[...] simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a diferença do outro revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação.²³⁴

Com isso, aqueles que se situam nos *entrelugares* negociam, constroem-se e reconstroem-se durante todo o tempo. Ainda aos olhos de Bhabha, a “[...] passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”.²³⁵

Geraldo, personagem central do romance, era amazonense, filho de pai cearense, retirante nordestino, que se aventurou na Amazônia na época áurea da borracha, e mãe indígena (Nheengaíba) amazonense, que mantinha práticas culturais da etnia Nheengaíba, como a

²³¹ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 74-75.

²³² HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 89.

²³³ CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*, p. 111.

²³⁴ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 74-75.

²³⁵ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 22.

confeção de cestos de vime. Então Geraldo passou a infância na Amazônia, acompanhando as lutas e dificuldades enfrentadas pelos pais em âmbito econômico. Posteriormente, voltou-se aos estudos no Rio de Janeiro, para tornar-se engenheiro.

A ele se refere Vianna Moog assim:

Lembra-se do pai, [...] ... E as imagens daquela vida de heroísmo anônimo perpassavam-lhe pela memória. Primeiro via-o na sua fuga do Ceará, acossado pela sêca [sic].

[...]

Geraldo agora vê o pai em pleno seringal. Ao seu lado uma mulher bronzeada, de olhos brandos, cabelos corridos, um belo exemplar de índia descendente dos nheengaíbas. A borracha a acumular-se no barracão do centro.

[...]

[...] Geraldo, fôra dos poucos que o sacrifício dos pais permitiu continuar os estudos e conquistar o diploma.²³⁶

A confluência dos fatores étnicos e culturais elencados por Vianna Moog na proposição de uma identidade nacional foi realizada em *Um Rio Imita o Reno*, na composição da personagem Geraldo Tôrres [sic]. Do pai, dele viria a moral do trabalho, e da mãe, dela viriam os ensinamentos indígenas, e ainda, através dos estudos, da Europa, a ciência. Geraldo vivenciava o *entrelugar* duplamente: pelas suas origens indígena e nordestina, sem poder definir o que era e por estar numa região de imigração alemã, que representava a alteridade, ou seja, o *outro*, o estrangeiro. Assim, Geraldo Tôrres [sic] caracteriza-se enquanto ser nesse processo de transição, pois as necessidades objetivas do mundo social no qual foi inserido (o Sul do Brasil, de colonização germânica) o obrigaram a reconsiderar aquilo que entendia por parte de si, logicamente tendo por base aquilo que lhe era familiar, pois estava em uma região de colonização (e fundamentação sociocultural) alemã, fortemente apegada ao passado e às tradições germânicas.

Geraldo e os imigrantes pertenciam a mais de um mundo, sem fazer parte, por completo, de nenhum deles. Não tinham um lugar certo ou “casa” e a chegada a algum lugar estável, fixo e confortável sempre foi adiada.²³⁷ Essa condição não é confortável e gera angústias, desconfortos e sofrimentos e expõe o indivíduo às intolerâncias, aos preconceitos, às discriminações, às exclusões sociais pela condição de desterrado, de exilado, de imigrante ou de migrante. A busca para criar um lugar de pertencimento tornar-se-ia constante e suas

²³⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 71, 72-74.

²³⁷ HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 415.

identidades tornaram-se ambíguas, flutuantes, deslocadas, contraditórias, não resolvidas, cada uma delas influenciando as demais.²³⁸

O espaço intersticial vivenciado pelos imigrantes e por Geraldo caracterizaria o *entrelugar*. Conceituando a partir do referido teórico:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia [sic] de sociedade.

É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)?²³⁹

Blumental, para a personagem Geraldo, não apresentava as características brasileiras, mas alemãs, reformando a percepção de que existiam vários Brasis. O estranhamento inicial cedeu lugar a intercâmbios culturais, quando a personagem começou a absorver a “maneira da terra”, que então passava a fazer parte das suas ações. A hibridização cultural, como refere João Batista Cardoso:

O hibridismo cultural é um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. O continente latino-americano é um lugar por excelência para a ocorrência do hibridismo cultural, porque é um espaço de imigração e migração desde eras remotas. Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças; ouve outro tipo de música e dança em outro ritmo. O ritmo que trouxe une ao que encontra e inicia o processo de hibridismo cultural.²⁴⁰

As hibridações, fruto dessa condição de contato entre os mais diferentes sujeitos, que carregam consigo identidades, culturas e representações próprias de seus lugares de origem,

²³⁸ SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p. 200; HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 415.

²³⁹ BHABHA, H. *O local da cultura*, p. 20.

²⁴⁰ CARDOSO, J. B. Hibridismo cultural na América Latina. *Itinerários*. Araraquara, nº 27, p. 79, jul./dez. 2008.

mas nas negociações culturais intercambiam, aprendem, ensinam e se transformam. Ou seja, são experiências de mãos duplas e todos saem transformados nessas experiências, tanto os imigrantes quanto os brasileiros.

Vianna Moog entendia a miscigenação e as hibridações enquanto fatores preponderantes para a construção da identidade nacional, mas tudo isso deveria ser realizado com influência e condução do Estado em favor da integração cultural e étnica e como meio para promover o progresso socioeconômico.

É possível afirmar que Blumental representava uma releitura de cidades de colonização germânica, como São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e Blumenau, em Santa Catarina. Espaço (vales banhados por importantes rios), população (maioria germânica) e problemas sociopolíticos (avanço do germanismo, colocando em xeque a soberania nacional) apresentam similaridade.

No que tange à conjuntura dos acontecimentos do romance, pode-se observar a apresentação de um panorama onde se evidencia a difícil integração entre descendentes de alemães e pessoas de outras etnias, cores e culturas na fictícia cidade de Blumental, situada pelo Autor no Rio Grande do Sul, mais especificamente na região do Vale dos Sinos. A escolha desse nome, “Blumental”, apresenta semelhança com a cidade de Blumenau, localizada no Vale do Itajaí.



Figura 6: Fonte: <http://www.mapas-rs.com/mapa-rodoviario.htm>



Figura 7: Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/mapa/santa-catarina/>

No aspecto das relações de trabalho, Vianna Moog percebia o Sul germânico enquanto problema. O Autor tratou de apontar da segregação e do corporativismo na escolha dos empregados, como se nota na passagem abaixo:

[...] o secretário [...] passou a dizer que os Kreutzer eram muito germanófilos, só davam emprêgo [sic] a alemão, só protegiam os teutos. Tinha um sobrinho que trabalhava com êles [sic] e não conseguia subir. E, no entanto, mal chegava um “alemãozinho borra-botas”, logo lhe davam emprêgo [sic] e aumento pelo Natal.
- Ah, filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão come no duro. Se eu não fôsse [sic] promotor, como advogado passava fome. Não peguei nenhuma causa por fora.²⁴¹

O favorecimento e o auxílio mútuo entre os germânicos apareciam como um problema: não era a capacidade, ou a qualidade profissional, mas a etnia e a habilidade com o idioma alemão que garantia os postos de trabalho e as ascensões na carreira. É preciso salientar que, se, de um lado, havia a predileção pelos teutos, de outro, havia a desqualificação dos mesmos, como deixou transparecer o secretário, ao fazer uso da expressão “alemãozinho borra-botas”.

A expressão utilizada pelo secretário permite lançar o olhar para a outra margem do rio, numa situação em que é possível perceber a reciprocidade do preconceito. Se o alemão agira de maneira excluir o brasileiro, também esse demonstrava sua aversão em relação aos imigrantes germânicos.

O círculo fechado nas relações sociais e de trabalho foi uma característica das regiões colonizadas no Sul do Brasil à época da imigração. Grande parte dos núcleos populacionais formados restringiam ou dificultavam a entrada de pessoas de etnias distintas, fato que levou aos enfrentamentos abordados por Vianna Moog. Para a sua visão de Brasil, os enclaves étnicos constituíam um empecilho para a miscigenação da população e para a uma construção de uma cultura unificada e de uma identidade nacional.

O engenheiro amazonense Geraldo Tôrres [sic], personagem principal do romance, foi enviado para Blumental para construir uma hidráulica, capaz de resolver os problemas relacionados a contaminação da água do rio que abastecia a cidade. A falta de saneamento e de água tratada causava problemas na ordem da saúde pública. Na obra, a febre tifoide é apontada como a doença mais danosa na cidade em razão da falta do saneamento. O trabalho era considerado fácil pela personagem principal:

²⁴¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 10.

Que dificuldade poderia ter encontrado em resolver o problema do fornecimento d'água para Blumental, êle [sic] que passara todo o curso a resolver as questões infinitamente mais complexas da depuração das águas dos rios da Amazônia, carregadas de matérias orgânicas e condenadas por todos os exames bacteriológicos?!²⁴²

O tratamento das águas, no intuito de torná-las aptas ao consumo humano, fazia parte dos princípios estabelecidos pelo movimento higienista²⁴³ no Brasil. Por força desse movimento, na década de 1930 se apresentava “[...] um objetivo central: o estabelecimento de normas e hábitos para conservar e aprimorar a saúde coletiva e individual”.²⁴⁴

Desse modo, o rio precisava passar por um processo de limpeza, de purificação de suas águas. Tratando disso no âmbito da identidade nacional e do projeto de Brasil do governo Vargas, a construção da hidráulica representaria, assim, a intervenção necessária para que o rio se “abrasileirasse”.

Blumental não apresentava (e nem representava) características nacionais. Era preciso purificá-la, livrá-la desses “resíduos” responsáveis pelas “doenças” que acometiam a população. Nesse interim, o rio Amazonas era tomado por exemplo, sendo entendido como modelo para a homogeneização das águas fluviais brasileiras.

O rio de Blumental tinha pontencial para representar o Brasil. No romance, a todo o tempo, Geraldo fazia comparações entre o rio que cortava Blumental e o rio de sua infância, o Amazonas. A personagem estabeleceu sua identidade às margens desse rio e tentava fazer fluir, para o rio do interior do Rio Grande do Sul, o mesmo sentimento que nutria pelo outro.

Por que Vianna Moog, através da personagem principal, utilizou o rio Amazonas como base para a construção de uma identidade nacional, de uma identidade brasileira? Esse debate foi estabelecido pelo Autor em outra obra, estudada no segundo capítulo, *O Ciclo do Ouro Negro*.

No referido ensaio, o escritor apresentou a região amazônica enquanto um local cheio de oportunidades em razão da exuberância natural, mas repleto também de perigos e de desafios impostos pelo meio e pela falta de tecnologia para vencer um ambiente hostil. Ao mesmo tempo, erigiu sua proposta de povo brasileiro ao afirmar a necessidade de haver uma miscigenação étnica e cultural capaz de sorver os conhecimentos de natureza dos povos

²⁴² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 4.

²⁴³ Sobre isso, ver: HOCHMAN, G. *A era do saneamento*. As bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

²⁴⁴ GÓIS JÚNIOR, E. Movimento higienista e o processo civilizador: apontamentos metodológicos. *X Simpósio internacional: processo civilizador*. Campinas, SP: Unicamp, 2007. n.p.

indígenas e a moral de trabalho e perspicácia acadêmica do europeu. A soma desses adjetivos formaria uma população capaz de dobrar os desafios do imenso território amazônico.

Dessa forma, o rio Amazonas é aquele que, baseado nas culturas vividas e reproduzidas pela personagem em questão, deveria servir imitado, e não o Reno. A alteração de referência fluvial acarretaria também na vitória contra o inimigo germânico instaurado dentro dos limites territoriais brasileiros.

3.2. As identidades na obra *Um Rio Imita o Reno*.

Em *Um Rio Imita o Reno*, a construção das identidades passa, de modo importante, pelas palavras do narrador. Marilene Weinhardt afirma ao analisar o papel do narrador na obra *A Ferro e Fogo*, de Josué Guimarães, ele “não se mostra, não emite opiniões, mas organiza o relato de feições que o leitor apreenda o universo nas ações, falas, raciocínios e sensações”²⁴⁵. Significa dizer que, para que o leitor compreenda a mensagem do romance, as “ações, falas, raciocínios e sensações” das personagens, apresentadas pelo narrador, tornam-se fundamentais. Seu papel, desse modo, é o de construir cada uma das personagens do romance para que o leitor possa posicioná-las em seu processo de interpretação do enredo.

Logo de sua chegada em Blumental, Geraldo teve contato com o secretário municipal e com o promotor de justiça da cidade. Eles lhe apresentaram a cidade, e passaram informações acerca das práticas de preconceito e segregação estabelecidas pela população de origem germânica. No geral, apontavam a necessidade de fazer parte da rede de contatos e influência das tradicionais famílias germânicas para obter êxito social e econômico.

É importante destacar que as três personagens (promotor, secretário e prefeito) não possuem nomes, e, portanto, apenas são definidas pelos seus cargos na cidade. Analisando isso com base no próprio título do romance, e verificando os desdobramentos do enredo, pode-se entender esse silenciamento do nome do secretário, do promotor e do prefeito, enquanto a ausência de uma identidade, a ausência de um “ser”. Ao se posicionam de acordo com os interesses das famílias Wolff²⁴⁶ e Kreutzer, adotam e multiplicam o discurso da germanidade, da pureza de raça e da visão pejorativa em relação à hibridação. Mesmo não fazendo parte do

²⁴⁵ WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo*: estudo sobre o romance do Sul, p. 56.

²⁴⁶ Apenas dois membros da família Wolff não se enquadram nessas características do conservadorismo e germanismo: Lore Wolff e Paulinho Wolff.

núcleo alemão conservador da cidade e, por vezes, criticando o modo como eles agem, o promotor, o secretário e o juiz imitam os Wolff e os Kreutzer, seguindo seus mandos e vontades.

Posteriormente, Geraldo estabeleceu contato com Armando Seixas, fiscal do consumo, que passou a ser seu amigo mais presente. As conversas das duas personagens, sempre amarradas pela figura do Narrador (que aparece no texto dando explicações acerca dos eventos e conceitos, além de representar a voz da consciência e explicitar o pensamento das personagens), montam o quadro geral da cidade e suas complexas relações sociais. Tratam dos problemas acarretados pelo germanismo em amplos aspectos, tangenciando o campo político, social, econômico, religioso, cultural e da vida cotidiana.

São perceptíveis as críticas estabelecidas pelos brasileiros em relação aos alemães. Essas personagens desprezam os alemães (mesmo que, em alguns casos, acabassem agindo por influência deles) e, com isso, colocam os seus valores como melhores, fato que também se estabelece no caminho oposto. Fica latente a postura etnocêntrica em ambas as perspectivas.

Para Lévi-Strauss, o etnocentrismo seria:

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. "Costumes de selvagem", "isso não é nosso", "não deveríamos permitir isso", etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas.²⁴⁷

Aos poucos, Geraldo foi constituindo suas próprias impressões em relação à Blumental e trocas culturais começam a ser estabelecidas. O problema do “fornecimento d’água” era simples, aos olhos do engenheiro, pois sua realidade anterior, pautada pelos rios da Amazônia, era muito mais complexa e hostil. O rio de Blumental não lhe seria um desafio, já a inserção social e o convívio com uma cultura bastante distinta da sua até então lhe traria complicações.

Exemplo disso foi o estranhamento frente às diferenças étnicas e culturais que a personagem sentiu nos primeiros contatos com os habitantes de Blumental. Desta forma, o fragmento que segue é demonstração dessa angústia:

Geraldo sentiu um ligeiro mal-estar... [...]. [descrição da vista da janela do seu quarto no hotel], uma estranha sensação inundou-lhe o coração. Tinha a impressão de que não fizera uma viagem de sete horas de trem;

²⁴⁷ LÉVI-STRAUSS, C. *Raça e história*, p. 4.

de que em sua vida se dera uma brusca parada, cujo remate era aquê [sic] súbito despertar. Parecia-lhe que tinha cruzado os oceanos e estava longe da pátria.

[...]

Onde estaria? [...]. Na praça, ranchos loiros de moças passavam aos pares; no quiosque, ao redor das mesas, sob os plátanos, rapazes cobertos de bonés universitários, bebiam descansadamente o seu chope. Pareciam sentir-se ali tão à vontade, como se estivessem num bar de Heidelberg ou de Munique. [...]. Blumental dava-lhe a impressão de uma cidade do Reno extraviada em terra americana. Desde o gótico da igreja, até a dura austeridade das fachadas, tudo nela, à exceção do jardim, era grave, rígido, tedesco.

[...]

Os sinos plangeram [...]. Onomatopéia da melancolia. Como se estivesse ouvindo novamente o prelúdio do piano, um tumulto, uma angústia interior agarrava-lhe as entranhas. Geraldo teve vontade de chorar. Sentia saudades do Brasil. [...]²⁴⁸.

Se, ao olhar para os “ranchos loiros”, para os “rapazes cobertos de bonés universitários”, Geraldo não conseguia familiarizar-se, não se enxergava no Brasil. Ao observar “os recantos de sobrados e mucambos, de solares batidos de sol e vielas estreitas povoadas de sombras”²⁴⁹, sentiu a mesma estranheza: estava no exterior distante de sua pátria. A frase destacada, extraída da obra, representa os elementos que Geraldo Torres tentava aproximar a tudo que estava observando em Blumental. Os sentimentos de estranhamento, a sensação de desterro e a não identificação e a sensação era de estar na Alemanha e não no Brasil.

[Geraldo] Diante da selva dominava-o terror cósmico. Era o sangue branco que regia. Diante da civilização, retinham-no os tabus, os temores supersticiosos da maloca. Agora, onde quer que estivesse, seria sempre um desenraizado.²⁵⁰

Ocorreu, no entanto, que Geraldo foi obrigado a rever esse processo, pois as diferenças culturais o obrigam a perceber a existência de outra forma de ver o mundo e de ser no mundo que não a sua, aquela na qual fora criado no Amazonas. Assim, ele foi confrontado por essas diferenças culturais que existiam no Brasil, as quais lhe mostraram que existem múltiplos sistemas de significação, conforme infere Hall:

[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade

²⁴⁸ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 27-28.

²⁴⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 27.

²⁵⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 176.

desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.²⁵¹

A personagem principal trazia consigo um conjunto de representações cristalizadas acerca do que lhe parecia ser o Brasil e sua identidade. O confronto com uma realidade bastante distinta da sua levou, logo de início, ao questionamento dessa realidade e a sua negação. Geraldo Tôrres [sic] tentava assimilar a paisagem que estava diante de seus olhos.

No processo de reconfiguração, Geraldo buscava maneiras de conceituar Blumental, tentava encontrar similaridades com aquilo que conhecia, mas não teve êxito. Diante dos olhos, apresentava-se um ambiente diferente, com o qual não conseguiu, a princípio, estabelecer conexão. O Narrador descreveu a tentativa de Geraldo:

Em vão procurava dentro de si mesmo reminiscências onde ajustar aquela paisagem. Percorreu mentalmente as cidades que conhecia. Tôdas [sic] elas guardavam entre si um ar de família. Mal conseguia situar no espaço certos recantos guardados na memória, recantos de sobrados e mocambos, de solares batidos de sol e vielas estreitas povoadas de sombras, tanto essas imagens eram comuns às cidades que conhecia. Mas o que tinha diante dos olhos era diferente.²⁵²

Através do convívio com os imigrantes, o engenheiro reelaborou as suas primeiras impressões e esforçou-se para conhecer e adotar os hábitos dos moradores de Blumental. Isso se apresenta no trecho:

[...], aos poucos, Geraldo ia desfazendo a primeira impressão que tivera da cidade. Começava a aceitar Blumental com boa vontade. [...]. Levantava cedo, tomava o seu café com leite, comia às pressas uma fatia de pão prêto [sic] com *Schmier* [sic] ou manteiga, juntamente com fatias de queijo e salame da colônia, à maneira da terra, [...].²⁵³

Conforme o romance, Geraldo abria-se para as experiências das negociações culturais e “começava a aceitar Blumental com boa vontade”. Significa dizer que aquilo que, de início, lhe causou estranheza, aquilo passou a fazer parte do seu cotidiano, ou seja, passou a integrar, paulatinamente, a sua própria identidade. O engenheiro amazonense já carregava consigo alguns traços culturais absorvidos das comunidades germânicas do Sul do Brasil. Ou seja, a cidade Blumental foi transformada com a sua presença e ele também foi transformado nesse processo de negociações, seja de intercâmbio ou de alteridade.

²⁵¹ HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*, p. 13.

²⁵² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 15.

²⁵³ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 17.

Como mestiço de pele morena, diferenciava-se da maioria da população local de Blumental, a qual era de origem germânica. Daí por diante, o enredo do livro trabalha as relações sociais estabelecidas pelo engenheiro, o que acarretou inúmeros embates, principalmente circunscritos às questões étnicas. As famílias Kreutzer e os Wolff foram inseridas no enredo de forma a representar o germanismo. As duas famílias conservadoras já citadas foram as antagonistas de Geraldo nos enclaves étnicos e seus desdobramentos para outros campos (questões políticas, econômicas e relações pessoais).

Com o segundo grupo, estabeleceu-se o foco primordial do romance: o amor proibido de Lore Wolff e Geraldo Tôrres [sic]. Marta Wolff (Frau Marta) e Karl Wolff, respectivamente mãe e irmão de Lore, opunham-se de forma veemente à relação por critério étnico. Ambos eram adeptos dos preceitos nazistas e, com isso, a ideia da superioridade racial ariana lhes fazia ver como ofensa um possível namoro entre Lore e Geraldo.

Às escondidas, a relação acontecia. Geraldo e Lore mantinham em segredo sua relação, até que, em dado momento, foram descobertos. A família Wolff, usando de sua influência e poder político/econômico, pressionou o prefeito, que, sem opção, cancelou as obras da hidráulica e, por conseguinte, levou à saída do engenheiro da cidade, rumando para o Rio de Janeiro.

O complexo de inferioridade, estabelecido por motivo da cor de sua pele, de sua origem mestiça, acarretou a desistência de lutar pelo amor de Lore. Entendia que a condição de Blumental era muito maior que ele e que, assim, de nada adiantaria nadar contra a correnteza, pois nunca conseguiria vencê-la.

E, por mais que Geraldo Tôrres tenha sido a personagem representante dessa tentativa de construção de novo lugar de pertencimento durante todo o romance, não obteve sucesso. As diferenças étnicas falaram mais alto e a personagem foi obrigada a sair de Blumental, deixando para trás seus sentimentos por Lore, como explicitado na obra da seguinte forma:

Foi à sua volta da Hidráulica, à tarde, que lhe entregaram o telegrama da Companhia. Era imperativo: “*Suspenda obras, dispense pessoal, embarque urgente*”. O despacho produziu no engenheiro um efeito fulminante. [...]. E nos instantes que se seguiram êle [sic] pensou e agiu ao ritmo da cólera. Sim. Estava claro. Tudo aquilo era obra do prefeito e de Herr Wolff. Patifes!

[...]

[...]. Lore tamava-lhe agora todo o campo da mente. Invadiu-o de súbito um amolecimento interior. [...]. Mediu o trabalho que realizara na Hidráulica. [...]. Todos os seus sonhos desmoronados! Lore

definitivamente perdida; a obra em que se empenhara com tôdas as forças, liquidada.²⁵⁴

E assim a negociação cultural de Geraldo Tôrres [sic] e a parcela conservadora e tradicional da sociedade de Blumental apresentou um fim dramático. As necessidades do presente (construção da hidráulica, fundamental para a política higienista), foram vencidas pelas virtudes do passado (enclave étnico pautado na ideia de superioridade racial).

Nese ponto, a sensação de desterro, de deslocamento, de inadaptabilidade ficam latentes. Geraldo sentiu o sabor amargo da rejeição, da negação de seu direito de se inserir, de fazer parte, de pertencer. Refletindo sobre sua saída forçada, sentiu que “[...] não odiava Blumental. Agora só tinha sentidos para aquela realidade dolorosa: tinha de partir. Vencido [...] sentiu desejos de gritar o seu desepêro [sic]”²⁵⁵.

Ao afirmar que não odiava a cidade, demonstrou o desejo de permanecer e de casar-se com Lore. O grande empecilho para isso residia na resistência à assimilação de Geraldo à realidade blumentauense, balizada pelo conservadorismo dos líderes da família Wolff e da família Kreutzer. Os interesses pessoais de Frau Marta, Karl Wolff e Oscar Kreutzer, personagens que materializam o germanismo no romance, se puseram adiante das necessidades dos munícipes e dos sentimentos de pessoais de Lore e de Geraldo.

A negação da cor e da identidade, a interrupção forçada da negociação cultural, isso fez com que Geraldo colocasse em dúvida até mesmo sua origem, sua identidade primeira. Pensou ele que “Lore decerto já não o amava. [...]; tinha se submetido às imposições da família. [...]. Lore não era para índio”²⁵⁶.

Ao mesmo tempo em que se considerava inapto para casar com Lore por ser “índio”, pensou em retornar para a Amazônia. Tanto isso que a personagem, divagando sobre suas possibilidades após a saída Blumental, pensou:

Voltar... Para quê? Para fugir, como da última vez. Teria coragem para tentar aquela vida do seringal? Assumir o pôsto [sic] do pai, curtir os pavores da selva, os terrores da noite, ir com os caboclos para o degrêdo da mata?²⁵⁷

Voltar à terra natal era algo que não solucionaria o problema de Geraldo. As diversas negociações culturais por ele feitas impediam-no de olhar para a Amazônia de modo a

²⁵⁴ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 151-152.

²⁵⁵ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 188.

²⁵⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 188.

²⁵⁷ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 202.

convencê-lo de que lá seria sua casa. Assim, expulso de Blumental e incapaz de retornar ao antigo lar, Geraldo via-se desterrado em sua própria pátria.

Em *Um Rio Imita o Reno* nota-se a síntese de pensamentos e de interpretações de Vianna Moog. Fundamentado naquilo que o Autor debateu em *O Ciclo do Ouro Negro e Novas Cartas Persas*, sua premiada obra apresenta-se como um novo elemento, um novo posicionamento ou, como quer Foucault²⁵⁸, um novo discurso sobre a identidade nacional e a composição do povo brasileiro. Isso se torna tangível a partir da maneira como o texto e as personagens foram construídas. Os principais aspectos de proposta de identidade são:

- 1) O Regionalismo como empecílo para a composição de uma identidade nacional coesa. Sendo assim, seria fundamental vencer esse obstáculo, dando ênfase às causas de interesse geral da nação em detrimento dos anseios locais.
- 2) A necessidade de integração das diversas etnias formadoras do povo brasileiro, absorvendo suas principais qualidades e renegando suas “fraquezas”. A seleção desses valores deveria acontecer com base no anseio de desenvolvimento econômico e progresso, capaz de integrar e explorar todas as áreas do Brasil.
- 3) A instituição de um Estado capaz de gerir a coletividade, mas sem agir de maneira totalmente unilateral e despótica. Dessa maneira, existiria uma espécie de relação de reciprocidade entre governo e governados, distinguindo funções de acordo com as capacidades de cada indivíduo.
- 4) A organização de padrões e hábitos culturais capazes de congrega a nação. As diferenças não deixariam de existir, mas deveriam ser superadas com a miscigenação e com a formação de um companheirismo e de uma coletividade.

Para se compreenderem esses elementos no interior da composição literária há a necessidade de identificar a realidade onde ela é produzida, de discutir os temas relevantes à vida e ao cotidiano, verificados na obra e na vida do Autor. O escritor precisa partir da sua condição para construir seu trabalho, pois parte de uma condição material, de um estímulo

²⁵⁸ Sobre isso ver: FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

sensível aos sentidos, ou seja, aquilo que está ao seu redor acaba por permear e dirigir sua escrita.

Os enclaves étnicos, por conta disso, passaram a ser elemento fundamental na concepção política que constituiu. Não haveria como formar um único Brasil em uma nação segregada pelas rivalidades regionais e por diferenças culturais, étnicas e de cor:

Ao recolher do trabalho, Geraldo se dava ao jôgo [sic] de adivinhar a quem pertenciam as casas do caminho. Estabelecera um critério que reputava seguro. Onde houvesse um chalé com jardimzinho na frente, cortinas nas janelas, uma aparência agradável de asseio, lá devia morar uma dona de casa loira; nas casas descuidadas, de pintura desmaiada, com portões a cair, a dona havia de ser morena. Quase sempre acertava. Um dia, porém, um dos chalés que mais lhe tinham chamado a atenção ofereceu-lhe uma surpresa: um bando de negrinhos metidos em camisas de brancura imaculada, apinhados na janela.²⁵⁹

O preconceito étnico/social evidencia-se pela classificação atribuída por Geraldo no jogo de adivinhar. O espanto, a surpresa na casa que se mostrou como um desvio do padrão estabelecido por ele concretiza esse aspecto. O mais interessante no decorrer da questão é perceber que o próprio Geraldo seria alvo desse preconceito racial, por não se enquadrar no padrão germânico maciço na composição populacional de Blumental. De maneira inversamente proporcional, esse foi o quadro vivido pelo escritor durante seu exílio na região amazônica: um descendente de alemães inserido em uma sociedade extremamente miscigenada, de rostos e feições plurais.

Alinha-se também outro fator preponderante: aos olhos de Geraldo, certas qualidades substanciais na população de origem germânica ficavam evidentes. O cuidado com as habitações, jardins e demais ambientes era algo que lhe agradava. Para além disso, é possível perceber que essa mesma preocupação não existe, aos olhos da personagem principal, na população brasileira, tanto demonstrado pela sua surpresa ao enganar-se no jogo de adivinha.

Ainda no tocante às caracterizações étnicas, outros juízos foram aflorados no romance a partir dos pensamentos de Geraldo. Quando refletia sobre sua falta de coragem para enfrentar Oscar Kreutzer e Karl Wolff, que não queriam aceitá-lo na Sociedade Ginástica de Blumental, pensou o engenheiro que:

Não, o que tinha nas veias não era sangue nhengaíba, não era sangue cearense [alusão às etnias de mãe e pai, respectivamente]. Os nheengaíbas eram pacíficos, mas não eram covardes. Nas suas veias

²⁵⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 31.

devia correr o sangue daqueles repugnantes caboclos do Baixo-Amazonas, mistura de branco com índia, mamelucos pálidos e efeminados em quem a influência indígena só servira para suprimir os fortes atributos do branco, sem em troca, nada de bom comunicar ao produto. Dêses [sic] que vivem rolando de tasca em tasca pelas barrancas das cidades, povoados e vilarejos. Degredantes. Vida de abominação. Em lugar de falar, tartamudeiam... Apertos de mão visquentos... Incapazes de dar provimento às questões morais que os obriguem a desagrazos. Analgésicos, não têm nervos e nem sangue para reagir aos mais agressivos insultos... Seu código moral contém poucas regras. Para êles [sic] rapariga só deixa de ser moça quando se lhe torna visível intumescência do ventre... Têm o couro moral resistente como couro do jabuti e da tartaruga. Levam-lhes as mulheres e as filhas e nem por isso dão cópia de más pessoas. Bêbados e indolentes, o grande ideal dêles [sic] seria que os rios corressem simultâneamente [sic] para os dois lados, divididas as águas por um canal de aguardente. Isso lhes pouparia o esforço de remar.²⁶⁰

Geraldo constantemente se questionava: O que eu sou? Qual é a minha identidade? Nesses conflitos íntimos negava sua mestiçagem, pois nela haveria a perda dos atributos e das qualidades dos brancos. Os mestiços, aos seus olhos, seriam degenerados, doentes e indolentes. Desse modo, ficam evidentes caracterizações de modelos étnicos balizados por Geraldo. Pelo menos três percepções foram estabelecidas, no seguinte sentido:

- 1) Os europeus (brancos), de maneira específica os alemães, eram compreendidos como uma etnia capaz, com valores morais e éticos bem estabelecidos e qualidades latentes. O enclave étnico no qual Geraldo se viu envolvido não era em relação à etnia germânica em si, mas sim com duas famílias (os Kreutzer e os Wolff), que mantinham rígidas relações com a tradição alemã que havia sido contaminada pelos ideais de pureza racial, notadamente difundidos pelo nazismo.
- 2) A miscigenação, aos olhos de Geraldo, poderia resultar em substratos humanos distintos, de acordo com os elementos que ficassem destacados na formação étnica e cultural. Negativamente, a mistura do branco com o indígena, na qual seriam “suprimidas as qualidades do branco”, daria origem a um povo por ele entendido como totalmente incapaz, indolente e, por conta disso, fraco. É interessante, porém, que essa mesma mistura, mas com dada especificação de origem (Nheengaíba e cearense), era compreendida por Geraldo como formadora de um tipo humano

²⁶⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 176-177.

muito melhor, forte, aguerrido, valente. Capaz de vencer adversidades em favor de um propósito, um objetivo.

Entre os alemães havia diferenças éticas e culturais. Duas famílias (os Kreutzer e os Wolff), e dentro delas, três personagens especificamente (Oscar Kreutzer, Frau Marta e Karl Wolff), explicitam o germanismo xenofóbico que apregoava a pureza racial. Na outra margem de Blumental estavam personagens como Doutor Stahl, que, mesmo sendo alemão, entendia a necessidade da integração das etnias, pois isso matizava a composição do Brasil. No romance, denota-se essa subdivisão no episódio da votação para a aceitação de Geraldo na Sociedade Ginástica de Blumental:

Ruben Tauben abriu a porta, empurrado pela ventania, e veio sorrindo para a mesa de Geraldo. Abraçou-o demoradamente. Geraldo custou a compreender.

- Precisamos festejar a vitória – foi logo dizendo. [...].. Ganhamos por unanimidade. Apenas duas bolas pretas. Uma do Karl, outra do Oscar Kreutzer, aquele [sic] que abotoaste no bolão.

Geraldo, inibido, não sabia o que dizer.

- Quem salvou a situação foi o Dr. Stahl. Estêve [sic] formidável. Disse que se não cedessem ia pedir ao Govêrno [sic] para fechar a Ginástica, que ia mandar riscar seu nome da lista de sócio... Fêz o diabo. [...]. O Blankenheim, do *Koloniezeitung* [sic], quis se meter, mas o doutor rebentou com êle [sic]: que depois não se queixasse de incêndios e empastelamentos e fôsse [sic] desde já se preparando para escrever de novo na porta da livraria: “Esta casa é brasileira”. Pintou o caneco... o pessoal ficou murcho...²⁶¹

Aceitar um brasileiro, ainda mais com o histórico de enfrentamento que Geraldo possuía com os Kreutzer e os Wolff, na Sociedade Ginástica era uma afronta. Isso só foi possível porque – como fica aparente no fragmento supracitado – o Dr. Stahl apontou para um elemento irrevogável: “Esta casa é brasileira”.

Por mais que a expressão fosse direcionada à Blankenheim, ela serve ao propósito da análise com o intuito de demonstrar que, em Blumental, a casa era brasileira e, portanto, não é germânica. Dessa forma, não seria o elemento étnico aquele pelo qual se poderia justificar a não aceitação de Geraldo na Sociedade Ginástica.

²⁶¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 177-178.

O germanismo presente nesses espaços era compreendido por Vianna Moog enquanto algo que colocava em risco a soberania e a unidade nacional. Caracterizando esse conceito de germanismo, René Gertz diz:

Germanismo é a tradução da palavra *Deutschtum*. É usada as vezes para designar simplesmente o conjunto da população de alemães e descendentes. Mas de uma maneira geral entende-se por *Deutschtum* uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã.²⁶²

Nessa perspectiva, durante todo o percurso da obra, o Autor denota negativamente a postura preconceituosa das personagens de origem alemã. Assim, as desavenças entre Geraldo Tôrres [sic] e os membros das famílias Wolff e Kreutzer representam o confronto entre “novas e velhas” posturas culturais e identitárias.

A difusão dessa ideologia e a manutenção das práticas de germanidade desenvolviam-se de forma organizada, a partir de agremiações capazes de erigir e manter laços identitários e culturais. Segundo Clarissa Mombach, “As instituições de caráter esportivo, cultural e religioso”²⁶³ foram responsáveis por isso.

Em *Um Rio Imita o Reno*, esse aspecto foi abordado invariavelmente de modo negativo, num sentido conflitante àquele constituído na personagem principal. Além da religiosidade e das associações esportivas, Vianna Moog apresentou esse aspecto na política ao tratar da formação de grupos influenciados e identificados com o nazismo e, nas relações de trabalho, elementos desse germanismo. Essa relação transparece no romance:

- E o negócio de filiar a Ginástica ao Reich também caiu, sabes?

[...].

O Fogareiro explicou então o ponto de vista das duas facções. O pessoal alemão queria a filiação por causa das vantagens; era só para que a Ginástica tivesse direito a revistas, aparelhos de ginástica, barracas para os acampamentos da juventude. Viria tudo da Alemanha uma porção de coisas gratuitamente.

- E o velho Stahl?

- Disse que o preço exigido era muito caro. A Ginástica sempre fôra [sic] independente e por tão alto preço não deveriam comprar um arrependimento. Pagaria do bôlso [sic] as tais vantagens. Se não houvesse gato escondido, devia aceitar. Mas êle [sic] não se enganava. Já tinha percebido o que se passava. Tudo obedecia aos planos da *Verband Deutscher Vereine im Ausland* [associação de clubes alemães no exterior], de Berlim, com o fim de introduzir nas colônias alemãs o

²⁶² GERTZ, R. E. *O perigo alemão*, p. 38.

²⁶³ MOMBACH, C. *A representação da cultura brasileira teuto-gaúcha na literatura sul-rio-grandense contemporânea*, p. 49.

espírito nacional-socialista, por meio de escolas, sociedades e igrejas, sob a direta orientação do Reich... Intercâmbio cultural, remessa de instrutores de ginástica, era só para o uso externo... [...].

Com influência e contato direto de instituições nazistas, braços do Reich estendidos em direção às colônias alemãs espalhadas pelo mundo, o germanismo tendia a manter-se vivo e pulsante. Desse modo, a atitude do Dr. Stahl desbaratou o objetivo de manter a conexão de Blumental com a Alemanha hitlerista.

É preciso considerar ainda a proporção do risco para a integridade da nacionalidade e para a soberania do Brasil contida nesse fragmento do romance. As regras fundamentais, os valores morais e éticos estabelecidos em Blumental, caso a infiltração da associação de clubes alemães no exterior ocorresse, seriam balizados pelo Reich, e não pelo governo brasileiro.

No aspecto religioso, o episódio dos Muckers²⁶⁴ é abordado para dar contorno ao germanismo e, por conseguinte, ao preconceito étnico/social. Geraldo Torres tornou-se o porta-voz de tudo isso, como se destaca a seguir:

- Há então uma grande rivalidade entre católicos e protestantes? – Pergunta Geraldo, [...].

- Rivalidade propriamente não. Entendem-se perfeitamente bem. Só há competição nessas coisas exteriores. Cada um quer ter a sua casa e a sua igreja mais bonita. [...]

- A única luta religiosa em toda a região colonial alemã foi a dos Muckers, para os lados de São Leopoldo. Mas não se pode dizer que fosse bem uma luta religiosa. Foi antes um episódio do fanatismo, como o de Canudos.

[...]

De começo [sic], enquanto os Muckers se mantiveram no terreno de suas práticas aparentemente inofensivas, foram considerados pela maioria apenas grotescos. Todavia, à proporção que verificavam não ser a pregação processo fulminante de aliciamento, entraram a odiar e perseguir, com tôda [sic] a força de ódio sagrado, não só os opositores como os indiferentes.²⁶⁵

Os Muckers representam, na perspectiva exposta, um grupo que apresentava características próprias, isoladas, ou seja, constituindo um “Estado dentro do Estado”. Dessa maneira, os alemães estavam propensos ao fanatismo, à loucura e à insensatez. Desse modo, o texto abordou o evento em questão da não integração dos imigrantes a nacionalidade enquanto negativo e ameaçador.

²⁶⁴ Sobre o assunto ver: - PETRY, L. *Episódio do Ferrabraz - os Muckers*. São Leopoldo: Ed. Rotermund. 1957.
- DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Ed. Rotermund, 1977.

²⁶⁵ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 21-23.

A abordagem dos Muckers evidencia e reforça os preconceitos contra os alemães. O fanatismo religioso foi tratado de modo a dar subsídios, força ao discurso de denúncia em relação ao fascismo emergente no Sul do Brasil.

A rivalidade religiosa também se apresenta no diálogo entre Geraldo Tôrres e Armando Seixas:

- Ora, dos colonos. Êles [sic] são muito unidos. E querem fazer sua igreja mais bonita que a protestante. Há grande emulação entre as colônias. Cada distrito, cada linha, quer contribuir com mais. Os padres já levantaram perto de mil contos para as obras. Dinheiro mal empregado [sic].

Geraldo aprendera no Amazonas a ser tolerante com o sistema adotado pela Igreja. Davam os que podiam, recebiam os que precisavam. Mas o fiscal nesse particular era intransigente. Então o engenheiro precisou explicar que no Amazonas [...] eram sem conta as obras de benemerência social mantidas pelo Vaticano.²⁶⁶

O diálogo de Armando e Geraldo traça, no aspecto religioso, um dos afluentes que desaguam na composição da identidade nacional: o catolicismo. A rivalidade com o protestantismo no que se refere à construção da igreja aparece como elemento distintivo entre os imigrantes alemães que professavam o catolicismo ou o protestantismo. As diferenças aparecem também nas grandes doações em dinheiro aos padres e aos pastores, enquanto na região Amazônica os investimentos vinham do Vaticano.

A diferenciação entre os colonos alemães, uns católicos, outros protestantes, precisa ser também evidenciada. Os Muckers, que não eram católicos, foram abordados no texto sendo relacionados ao estabelecimento do fascismo alemão no Sul, com o fanatismo religioso como eixo conector. Através da conversa entre Armando e Geraldo, Vianna Moog deixou transparecer a predileção em relação ao catolicismo, visto que essa religião, conforme as palavras da personagem principal, agia de modo a integrar aqueles que viviam condições socioeconômicas diferentes.

Em âmbito político, o germanismo foi abordado conforme o contexto histórico, sendo que o momento da publicação da obra pressupõe isso: 1939 e o início da Segunda Grande Guerra Mundial. Percebe-se a relação com o nazismo no trecho abaixo:

O chefe destaca-se novamente do grupo, e tendo agora a seu lado o porta-estandarte, empunha a bandeira com a suástica, infla o peito e berra:

- Heil, Hitler!

²⁶⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 21.

Vibrante, estentórico, acode o pelotão da mocidade, com braço estendido:

- Heil! Heil! Heil!

Geraldo continua a ver as multidões do cinema. Multidões compactas, automáticas, de braço levantado. Multidões ululantes. [...].

Por cima da cabeça de Geraldo, grasnam os pardais. Fazem um ruído ensurdecedor. Aquilo não é canto: é um matraquear infernal.²⁶⁷

A comparação entre os “gritos” dos simpatizantes do nazismo e o “grasno” dos pardais apresenta alegoricamente²⁶⁸ as concepções pessoais de Vianna em relação ao regime/ideologia difundida pela Alemanha hitlerista, com quantidade significativa de adeptos no Sul do Brasil. Além de perceber e analisar o contexto histórico, a Literatura também permite observar as concepções dos intelectuais pela forma como apresentam tais temáticas em suas composições.

O avanço do nazismo no Sul do Brasil, entre o final da década de 1930 e início dos anos 1940, passou de uma preocupação de caráter social para um problema seriamente enfrentado pelo Estado. Clarissa Mombach afirma que “A ação governamental contra o ‘perigo alemão’ se constituía em dois níveis: o educativo, exigindo o ensino do português nas escolas; e o repressivo, proibindo o uso cotidiano da língua alemã”²⁶⁹.

Dando ênfase à questão, Giralda Seyferth afirma:

Entre 1937 e 1945 uma parcela significativa da população brasileira sofreu interferências na vida cotidiana produzidas por uma "campanha de nacionalização" que visava ao caldeamento de todos os alienígenas em nome da unidade nacional. A categoria "alienígena" - preponderante no jargão oficial - englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como "não-assimilados", portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade. A campanha foi concebida como "guerra" para erradicação de idéias [sic] alienígenas, com o objetivo de impor o "espírito nacional" aos patricios que formavam "quistos étnicos" erroneamente tolerados pelo liberalismo da República Velha. Seus idealizadores criticavam, sobretudo, a política de colonização com imigrantes mantida durante a Primeira República, argumentando que a elite não corrigiu os "erros" cometidos no Império, permitindo que estrangeiros formassem núcleos isolados, quase imunes ao processo assimilador característico da formação social brasileira.²⁷⁰

²⁶⁷ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 39.

²⁶⁸ Aqui se trata do termo “alegoria” com base na teoria de Walter Benjamin. Para ele, alegoria seria aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral. Sobre o assunto, ver: BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. São Paulo: Autêntica: 2011.

²⁶⁹ MOMBACH, C. *A representação da cultura brasileira teuto-gaúcha na literatura sul-rio-grandense contemporânea*, p. 53.

²⁷⁰ SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, p. 95-131, abr. 1997.

O governo brasileiro passou a tutelar a sociedade de uma forma mais forte e direcionada, para evitar as cisões internas, no intuito de solidificar um nacionalismo pautado nas relações de trabalho. Um Estado grandioso, desse modo, só poderia ser forjado pelo suor e trabalho duro dos brasileiros, indistintamente. A defesa desse ideal é tangenciada no romance:

Era preciso acabar de vez com os incensos a outras raças que não a brasileira. Do contrário, jamais se chegaria a dar início ao combate aos que viviam dentro do Brasil, a celebrar, em vez da sua, a pátria de seus antepassados. E os tempos estavam mais do que maduros para a organização de uma cruzada em prol da unidade nacional. [...] saibamos dizer aos representantes de todas as correntes humanas a quem o Brasil tem dado agasalho, que é preciso, de uma vez por todas, varrer essa errônea concepção de pátria, para se firmar para sempre no Brasil a unidade nacional, pela identidade de tradições, pela unidade de língua, de cultura e de educação, coisas todas do mundo moral, asseguradoras de paz dentro da nação.²⁷¹

Através das palavras do Velho Cordeiro, personagem notadamente nacionalista e que, por vezes, posicionou-se enquanto crítico do germanismo, Vianna Moog defendeu a necessidade de extirpar os enclaves étnicos em favor da unidade nacional. A campanha nacionalista brasileira, perpetrada pelo governo de Vargas, ganhava aliado na literatura, através das páginas de *Um Rio Imita o Reno*. Sobre a caracterização do Velho Cordeiro, Rodrigo Luís dos Santos afirma:

O personagem Cordeiro é descrito como um homem que, embora não fosse dado a grandes manifestações públicas, não escondia sua desconfiança e até mesmo raiva para com os alemães e descendentes em Blumental. Aventuramos a hipótese que o personagem Cordeiro tenha inspiração no interventor federal do Rio Grande do Sul no período, o coronel Osvaldo Cordeiro de Farias. Embora as características físicas e de personalidade não sejam tão próximas, mas a postura nacionalista entre os dois é muito próxima.²⁷²

A construção de um Brasil forte, capaz de prosperar e garantir a prosperidade de seu povo, só seria possível, conforme a citação, quando a “errônea concepção de pátria” fosse substituída pela “unidade nacional, de língua, cultura e educação”. E, como coloca Rodrigo Luís dos Santos, com base nas práticas do Estado: “- Num só peito não cabem duas pátrias.”²⁷³

²⁷¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 160.

²⁷² SANTOS, R. L. Clodomir Vianna Moog e a não integração do grupo étnico alemão no Brasil estadonovista: uma análise a partir da construção do romance *Um Rio Imita o Reno*. *História Unicap*. v. 1, nº 2, p. 200, jul./dez. 2014.

²⁷³ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 161.

A expressão afirmava a necessidade de os imigrantes abandonarem suas identidades estrangeiras para abraçarem a brasilidade em favor desse projeto de nação brasileira. Isso assim deveria ser, pois “O Brasil é bastante grande e glorioso para reclamar só para si o amor de todos os seus filhos... legítimos e adotivos”.²⁷⁴

Mesmo assim, porém, no que se refere às relações interpessoais, o enclave étnico que era apreçado como problema que deveria ser combatido seguia vivo e ativo. Armando faz a seguinte colocação, em conversa com Geraldo:

- É para você ver. Aqui não se tem futuro. Ando de olho [sic] numa casadinha, que me dá bola. Mas na hora do fecha, arrepia a carreira. Do outro mundo, *seu* Geraldo. É só para o grupinho... Eles [sic] lá se entendem entre si, mas não querem conversa com brasileiro. É o diabo, porque são boas mesmo [...]²⁷⁵.

“Não querem conversa com brasileiro” – a expressão de Armando Seixas deixa transparecer o preconceito dos germânicos. A personagem rebate determinadas posturas do germanismo com uma construção generalizante. Assim, no que tange às relações cotidianas, o conservadorismo e o preconceito das famílias Wolff e Kreutzer não abarcava a todos os alemães de Blumental.

Ainda no que se refere ao mundo do trabalho, o narrador apresentou as observações e os pensamentos de Geraldo Tôres [sic], traçando um panorama diferente daquele apresentado pelos brasileiros que lhe informam sobre a cidade e suas relações sociais. E é quando o Narrador explicita as impressões e reflexões de Geraldo sobre as relações na obra da hidráulica que isso transparece:

[Geraldo]. Amava a aquela vida no meio dos operários. Loiros, morenos, caboclos, mulatos, cafuzos, negros, alemães, polacos, teuto-brasileiros, luso-brasileiros, viviam todos numa perfeita comunhão. Muitos dêles [sic] manejavam indiferentemente o português e o alemão, mas a maioria falava uma língua à parte, um dialeto dos dois idiomas. Tratavam-se entre si com afetiva rudeza. “Seu alemão duma figa”, “negro do diabo” eram expressões que, à fôrça [sic] de repetidas, haviam perdido entre aquela gente todo o poder agressivo. E não tinham êles [sic] preguiça de trabalhar. [...].

Moravam nas circunvizinhanças, ao redor da Fábrica, no bairro operário. Havia ali casais curiosos: teutos e alemães casados com cabrochas; alemãs repolhudas casadas com morenos e mestiços. A garotada que brincava junto às obras afinava pelo mesmo diapásão:

²⁷⁴ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 161.

²⁷⁵ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 19.

meninos loiros, morenos, tipos claros de cabelo vermelho, faces cheias de sardas, sararás de olhos muito azuis.²⁷⁶

O secretário, o promotor e seu amigo Armando tratavam negativamente os alemães, caracterizando-os enquanto proponentes de restrições e segregações. Geraldo, por sua vez, notava, nas obras da hidráulica, uma profusão de raças, mistura de culturas. Ele não negava que a hibridação gerava embates, isso em vista das expressões pejorativas “negro do diabo” e “alemão duma figa”. A questão importante é que, mesmo com essas divergências, a obra seguia em favor de um ideal comum. Assim, a personagem deixou transparecer a esperança do Autor na superação dos enclaves étnicos, considerando aquilo que está dito no próprio romance: “[...] eram expressões que, à fôrça [sic] de repetidas, haviam perdido entre aquela gente todo o poder agressivo”.

Ao afirmar o gosto pela vida junto aos operários, Vianna Moog evidenciou, através de Geraldo Tôrres [sic], o elemento fundamental em suas concepções para não só a superação do regionalismo segregante, mas para o que compreendia enquanto o progresso do país. O trabalho e a união de toda a população seriam a força motriz para a construção do Brasil do futuro.

Ademais, tomando essa questão em nível alegórico, a obra da Hidráulica representaria uma nação em processo de forja, de formação. Todos os braços, independentemente da tonalidade da cor da pele, seriam indispensáveis. O afinco aplicado na construção superaria, então, as diferenças étnico-raciais em favor de algo maior, e de importância coletiva.

Outro aspecto a ser ressaltado é o relacionamento entre os trabalhadores: as distinções raciais não desapareceram, e ainda povoavam o imaginário coletivo com as rudes expressões elencadas na citação “alemão duma figa” e “negro do diabo”. Nota-se, porém, que, também de acordo com o trecho, elas teriam perdido a negatividade, em favor de um bem maior, coletivo, coeso, nacional. O futuro ideal, para Moog, seria a vida em comunhão em decorrência da miscigenação racial e da hibridação cultural (este último representado no dialeto formado na mescla do alemão com o português).

Ainda no tocante das negociações culturais, Vianna Moog apontou a música e o domínio da língua portuguesa como elementos já visíveis de integração dos imigrantes alemães à brasilidade, sobretudo dos rapazes que serviram no Exército.

Agora a orquestra assassinava uma marcha que lhe era familiar. Alguns colonos entraram a cantar:

*“O teu cabelo não nega, mulata
Porque és mulata na côr [sic] ...”*

²⁷⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 17-18.

A coloninha [sic] sorria satisfeita para Geraldo. Êle [sic] ria para ela. Como visse a surprêsa [sic] estampada na cara do engenheiro, tento explicar:

- Sorteados.

Geraldo compreendeu. Eram soldados que acabavam de dar baixa. Vinham da capital e se sentiam orgulhosos de cantar uma música diferente, aprendida na caserna, contentes de poder mostrar aos outros que sabiam a língua da terra.²⁷⁷

Os cidadãos de Blumental que haviam servido ao exército brasileiro voltaram ao receber a baixa e, ao participarem da banda que animava a festa, entoaram uma marchinha de carnaval tipicamente brasileira, fugindo do repertório de músicas alemãs que normalmente embalavam as comemorações na cidade. A expressão “se sentiam orgulhosos” demonstra o amor pelo Brasil, sua nova pátria.

Ainda no sentido da unidade brasileira, as crianças, apresentando traços étnicos miscigenados, brincando juntas nas redondezas da hidráulica, caracterizam, em *Um Rio Imita o Reno*, a visão da identidade nacional para Vianna Moog:

- 1) O rio representaria o curso da história, o caminho necessário a se percorrer. Cheio de curvas, de pedras e outros empecilhos, mas sempre corrente, sempre singrando a terra em direção ao seu rumo, ao seu destino. A condição de *entrelugar* vivenciada por imigrantes e por Geraldo, cuja sinas seriam a homogeneidade cultural e étnica e a construção de uma identidade nacional sólida e coesa.
- 2) A hidráulica seria o país. A obra de importância fundamental, erigida em favor de todos. Uma hidráulica forte, capaz de tratar a água do rio e torná-la própria ao consumo, caracterizaria um país forte, capaz de superar quaisquer desafios impostos no decorrer do tempo.
- 3) A alegoria da hidráulica ao tratar do país também indicaria a preocupação com a política higienista. O higienismo brasileiro visava o estabelecimento de normas, práticas de conduta no intuito de materializar uma ideia de saúde coletiva.²⁷⁸ Dessa maneira, o uso do aspecto da hidráulica reafirmaria a importância da unidade nacional.

²⁷⁷ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 118.

²⁷⁸ Sobre isso, ver: COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

- 4) Os operários indicariam o povo brasileiro. Múltiplo, heterogêneo, formado pelas mais diferentes etnias, histórias, culturas e cores. Mesmo assim, unido sob a égide do dever de engajar-se no trabalho para superar as mazelas e dissidências de outrora.

- 5) A construção de uma hidráulica sólida, na qual seus filhos e filhas poderiam brincar sem preocupações, representaria, então, o sucesso da empreitada na composição de um país melhor, onde as cisões do passado e a segregação regional já não surtiriam efeito, e a identidade nacional, voltada à definição de interesses coletivos, conduziria a história nacional daí por diante.

A reflexão que o engenheiro amazonense faz acerca da pluralidade étnico racial do bairro operário, sinaliza a percepção de valores nos alemães. Sendo assim, as palavras do secretário, do promotor e do prefeito, não fecharam os olhos de Geraldo à importância dos alemães na composição da sociedade de Blumental.

O romance entre Lore Wolff e Geraldo Tôres [sic] confirma a ideia de valorização do imigrante alemão para a composição do povo brasileiro. A questão é que a família Wolff, principalmente nas figuras de Herr Wolff, Frau Marta e Karl, não pensava assim. Pelo contrário, pautavam-se eles ainda na teoria da pureza e superioridade racial. Segundo o pai da família, “Desses brasileiros não devia esperar nada de bom”²⁷⁹. O transcorrer desse embate tornaria impossível o relacionamento de Lore e Geraldo.

E êsse [sic] engenheiro com que dançaste tôda [sic] a noite e com quem tens andado de passeios pela ponte nestes últimos tempos?

- Se a mãe já sabe não preciso explicar...

- Pois bem. Fica entendido. Não admito êsse [sic] namôro [sic]. É preciso que saibas desde já, se não queres inferno dentro de casa... Vamos cortar isso pela raiz. – Frau Marta fazia um supremo esforço [sic] para conter o turbilhão de coisas que queria dizer.

- Mas, por quê, mãe? – perguntou Lore, conciliadora, olhos postos no pai, como que a gritar por socorro.

Herr Wolff simulou distração. Para que lutar com Marta, se saía sempre perdendo? Depois, Marta tinha razão. Dêsses [sic] brasileiros não se devia esperar nada de bom. [...]

²⁷⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 108.

- Não suporto a idéia [sic] de ver-te casada com um homem de raça inferior. Era só o que faltava – afirmou Frau Marta.²⁸⁰

A supremacia racial, para Frau Marta, deveria ser mantida em sua linhagem. Desse modo, um possível casamento entre Lore e Geraldo, para ela, degeneraria sua raça: “A Alemanha era de novo a Alemanha”²⁸¹, forte e pujante sob a tutela de Hitler. A raça ariana, pura e superior, precisava ser conservada a todo custo. Sua vontade em relação à filha era que casasse “[...] com filho de alemão, se possível, com um alemão”²⁸². Teria assim seu orgulho preservado e sua linhagem germânica garantida.

Não. Nas veias de Frau Marta não corria sangue nobre, mas ela tinha orgulho de sua raça. Orgulho de descender de alemães, de haver casado com um filho de alemão. Ela mesma se considerava alemã. A raça nada tinha a ver com o lugar de nascimento. Não, não havia de tolerar a ameaça de um intruso na família, um negro. Para Frau Marta, quem não tivesse sangue ariano puro estava irremediavelmente condenado: era negro.²⁸³

A predileção por parceiros de origem alemã, em detrimento aos demais, faz navegar léguas náuticas para aportar no Reno. Essa prerrogativa tem relação direta com o contexto de imersão da ideologia nazista, fundamentalmente aqui, pautada na noção do arianismo e a manutenção da “raça pura”. O contato com os brasileiros, “raça inferior”, degeneraria os arianos. Daí a necessidade de evitar a miscigenação. As gerações mais velhas haviam sido contaminadas pelo preconceito, de modo que ele ficou cristalizado em sua formação. O próprio Dr. Srahl, defensor da integração com os brasileiros, admitiu isso em conversa com Karl Wolff:

- O senhor casaria com uma preta? – pergunta Karl.
- Não, não gosto de negros. Mesmo que o quisesse, por um ato de vontade, não podia. Fui educado já com preconceitos raciais. Nesse tempo, a Alemanha andava maluca com as teorias de Chamberlain e Gobineau. Agora seria difícil desintoxicar-me por completo. Infelizmente, não há purgativos espirituais para lavar a gente por dentro.²⁸⁴

O discurso preconceituoso proferido por Frau Marta acerca dos brasileiros e analisado pelo Dr. Stahl tinha como base a categoria raça, pela valorização dos aspectos biológicos

²⁸⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 88.

²⁸¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 109.

²⁸² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 89.

²⁸³ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 109.

²⁸⁴ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 127.

utilizados para diferenciar um grupo do outro. Eram marcas simbólicas que demarcavam também diferenças culturais. Geraldo, compreendido pela matriarca Wolff como representante desse espécime de brasileiro, e por isso inferior, caracterizava-se como incivilizado, bárbaro, rústico, resignado, inculto, apático, indolente, contrário às normas, à ordem e às leis.

A família Wolff, à exceção de Lore e Paulinho, era contrária ao namoro e a um possível casamento. Ela deveria casar-se com um alemão ou com um descendente de alemão a fim de manter a pureza racial, as tradições, os hábitos, os costumes da Alemanha e a posição política conquistada em Blumental.

A matriarca da família mantinha-se conectada, da forma mais sólida possível, a uma determinada “imagem de Alemanha” e, a partir disso, com a identidade alemã. Por essa razão, era contrária à relação entre Lore e Geraldo, pois via isso como afronta àquilo que tinha orgulho de ser – alemã. Essa postura revela também o desprezo e os preconceitos com relação aos brasileiros, sobretudo os de cor, vistos como inferiores em nível étnico e cultural.

O nacionalismo alemão, difundido pelo partido nazista, foi criticado no romance por meio da família Wolff, que fazia a defesa dos princípios germânicos em detrimento do Brasil e do nacionalismo brasileiro. Geraldo, tentando compreender essa lógica, faz o seguinte raciocínio a partir de Nietzsche²⁸⁵:

Era necessário ser germano, fazer parte da raça para deduzir a respeito de todos os valores e não valores *in historicis* [sic]... Alemão é um argumento... a *Alemanha* [sic] acima de tudo, um princípio; os germânicos são a ordem moral na história, os depositários da liberdade... os restauradores da moral, do imperativo categórico.²⁸⁶

Ainda sobre os alemães, à luz da filosofia de Sócrates, o engenheiro concluiu que era comum aos alemães a busca por lideranças fortes, seja o *Führer*, o pastor ou outro mandatário capaz de guiá-los para o caminho correto. Assim também, em relação ao Brasil, via a necessidade do estabelecimento de um governo sólido para a resolução dos problemas brasileiros:

Procurava agora sintetizar suas conclusões, em fórmulas socráticas. *Primeira* [sic] realidade: povo de boa-fé, sempre à procura de um *Führer* [sic]; capaz de ser conduzido para o bem ou para o mal. Aquele grupo de colonos que dava ouvidos às mentiras do cearense vinha prová-lo. De outra forma não se compreendia o fenômeno dos Muckers. Não se satisfiz com essa prova; pensou noutra: o seleiro, um homem

²⁸⁵ Tanto Nietzsche quanto Sócrates foram citados a partir das percepções da personagem Geraldo Tôres [sic]. Não há, portanto, referência direta das obras lidas ou interpretadas pelo Autor para tal análise.

²⁸⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 152-153.

inteligente, a dar crédito às fanfarrônicas de Armando. *Segunda* [sic] realidade: povo inteligente, de inteligência lógica, metafísica. Como o seleiro, um alfabeto, vira bem as causas da desorganização financeira do Brasil. *Terceira* [sic] realidade: povo sem senso político: o mesmo seleiro, tão lúcido, claro na compreensão de um problema, perdia o senso, ao indicar a solução. Queria que o governo vendesse todos os automóveis e com esse produto formasse lastro ouro. Como se isso fosse a coisa mais fácil do mundo. Um homem que levava o raciocínio às últimas consequências e ficava admirado quando via que os outros não concordavam com ele. A falta de senso político estava ainda no pastor protestante: como a lei lhe conferia um direito, queria fazer valer esse direito à sua maneira, sem tato político e diplomático.²⁸⁷

Geraldo percebia, nos alemães, valores importantes e que faziam o engenheiro olhar com apreço para eles. Ademais, tais fatores contribuiriam até mesmo para que seus sentimentos por Lore afluíssem. De mesmo modo, ele apontou para problemas que caracterizavam a rigidez e a falta de tato social dos germânicos. Em suma, sua análise da filosofia de Nietzsche e Sócrates compreende que a integração com os alemães seria importante, principalmente aos seus olhos, em razão de sua forte conduta moral, boa-fé e inteligência, mas que, ao mesmo tempo, seria preciso dobrar sua rigidez e temperamento explosivo para o bem das relações sociais e políticas.

Para romper com o paradigma do preconceito no romance, ações de Geraldo seriam responsáveis por desconstruir tal postura etnocêntrica apresentada pelos Wolff. No transcorrer do texto, Vianna Moog desabonou essa ideia da superioridade germânica quando tratou da partida de tênis entre Geraldo Tôrres [sic] e Karl Wolff:

No comêço [sic], o domínio completo de Karl. [...]. Geraldo, percebia-se logo, parecia jogar menos, seria derrotado. Karl venceu com facilidade o primeiro *set* [sic]. Gabou-se. Geraldo não devia aborrecer-se, porque em Blumental ninguém ganhava de Karl Wolff. Vêio [sic] o segundo jôgo [sic]. [...]. Geraldo percebeu o [...] estilo do adversário [...]. Seu forte era a direita. [...]. Geraldo não lhe dava mais bolas de fundo na direita. [...]. Ganho o segundo *set* [sic], Geraldo quis dar por empate... estavam fatigados [...]. Mas Karl não concordou. Insistiu na continuação da partida. [...]. Geraldo teve que ceder. [...]. [Geraldo] Desenvolveu um jôgo [sic] desconcertante. [...]. Um jôgo [sic] de imaginação como ela [Lore] nunca vira. Todos aplaudiram. Ninguém podia deixar de aplaudir.²⁸⁸

Várias perspectivas podem ser apontadas com base nesse fragmento:

²⁸⁷ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 154.

²⁸⁸ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 81-82.

- 1) O jogo de Karl e Geraldo caracterizava, para Vianna Moog, o embate entre o representante do germanismo e o exemplar híbrido, miscigenado. Dessa forma, a vitória do engenheiro representaria a defesa de seu anseio de uma sociedade brasileira multifacetada. Reside aí o questionamento da superioridade germânica ao passo em que também se destacam as qualidades brasileiras.

- 2) A maneira como a vitória de Geraldo se constituiu apresentava o elemento adaptativo, característico de um povo híbrido. A supremacia apregoada ao representante de uma raça pura foi desmentida quando Karl Wolff foi derrotado. Geraldo mudou a tática de jogo, pois, historicamente, assim fizeram seus ancestrais, teve que adaptar-se em razão dos intempéries naturais e contato com outras etnias, culturas e realidades sociais. A criatividade e a imaginação foram os elementos que Geraldo utilizou para vencer as adversidades apresentadas na partida de tênis. Assim também, o brasileiro miscigenado e culturalmente híbrido, seria capaz, aos olhos do Autor, de superar os desafios que lhe seriam impostos na construção de um país desenvolvido (considerando a análise de Vianna Moog acerca das possibilidades econômicas da Amazônia no ensaio *O Ciclo do Ouro Negro*).

- 3) “O seu forte era a direita”. Quando essa característica foi imbuída em Karl Wolff, tornou-se possível perceber também a alusão ao seu posicionamento político: defensor do Partido Nazista, simpatizante do governo de Hitler. É relevante salientar ainda que, isso que, a princípio, foi apontado como o ponto forte de seu jogo, passou a ser o elemento responsável pela sua derrota, tendo em vista sua inflexibilidade. O mesmo sentido alusivo teria justamente a rigidez germânica observada no Sul do Brasil, o que seria um problema fundamental, segundo Vianna Moog.

A reflexão acerca do preconceito firmado na conexão identitária com a Alemanha hitlerista ganha os seguintes contornos:

Karl Wolff defendia os Muckers, defendia Hitler, defendia com bravura os seus dolicocefalos loiros de olhos azuis, contra tudo, contra todos,

contra os fatos, contra a própria evidência. Que desprezo [sic] não devia nutrir por êle [sic], Geraldo, ao ver o seu recuo, a sua covardia.²⁸⁹

A percepção da raça, do modo como fora destacada, em perspectiva de pureza e superioridade, aos olhos das famílias Wolff e Kreutzer, desqualificava a miscigenação e a assimilação da cultura brasileira. A defesa dos seus semelhantes era entendida como de vital importância. A superação dessa visão eugênica, porém, vem retratada no romance através dos casamentos entre imigrantes e brasileiros, como destacado acerca dos trabalhadores da hidráulica.

O choque entre brasilidade e germanismo aparece, também, quando Geraldo e Armando tentam interromper o tradicional jogo de bolão dos membros da Sociedade Ginástica em prol da apresentação do violinista Raul Machado.

Houve um silêncio de surpresa [sic] com a entrada de Geraldo.

- Venho pedir aos senhores um obséquio. O barulho do bolão está perturbando o concerto. Podiam interromper o jôgo [sic] por um instante?

-Era só o que faltava! [...].

- Logo hoje que é o nosso dia [...]. Agora quase todos falam em alemão. Discutem. Parece que alguns querem satisfazer o pedido de Geraldo.

Êste [sic] tenta uma conciliação.

- Trata-se do maior violinista brasileiro... – diz com voz quase suplicante.

- Maior? Pois sim... [...]. – A culpa não é nossa [...]. Estruge um côro [sic] epilético de gargalhadas.

- A gente que paga ainda tem que sair – comenta para os seus o homem corpulento, aproximando-se de Geraldo.

- E que direito o tem o senhor de reclamar? O senhor nem é sócio! – interpela um rapaz de óculos.

[...]

Geraldo tinha chegado ao auge da cólera. Sentia o sangue subir-lhe à cabeça.

- Sócio ou não os senhores vão parar – diz êle [sic], segurando o rapaz de óculos pela gola do casaco. Os companheiros de Oscar Kreutzer palmeiam cadeiras e garrafas. Uma garrafa passa rente à cabeça de Geraldo esborrachando-se contra a parede.

- Olha o fiscal! – gritam várias vozes. Da porta de entrada Armando se aproxima em grandes passadas, com revólver apontado para o grupo.²⁹⁰

A apresentação em Blumental do maior violinista brasileiro não representava motivo suficiente para os alemães pararem com seu lazer. A identificação com a prática do jogo de

²⁸⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 75.

²⁹⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 49.

bolão era maior do que com a figura do instrumentista e sua música. Para os brasileiros, isso representava uma negação da brasilidade e uma reafirmação do germanismo, que representava uma ameaça à soberania nacional. A rusga chegou às vias de fato, pois os interesses distintos de cada grupo acabavam colocados acima de um bem comum.

Essa passagem aponta para a fragmentada composição da sociedade brasileira aos olhos de Vianna Moog. Os elementos culturais brasileiros não sensibilizavam àqueles representados no germanismo. A afirmação de que Geraldo não era sócio, e que isso não lhe dava direito de opinar, nos permite compreender o que o Autor ressaltava, no que se refere à repulsa e à exclusão que as identidades regionais forjavam.

A reação violenta de Armando e Geraldo representaria o ponto extremo, o último recurso de ação em defesa dos interesses e da sua identificação do nacional. Se a diplomacia, a educação e a polidez não fossem capazes, então a força precisaria ser empregada para que o respeito ao coletivo pudesse imperar. As negociações culturais, diante disso, davam-se conforme as circunstâncias.

A perspectiva identitária ganha novos contornos no final do episódio, quando Armando tenta expulsar o último remanescente do bolão:

- Que é que está esperando, seu patife? Pise daí para fora. Armando, ameaçador, aponta o revólver para êle [sic]. O homem não se altera:
- Não seja bêsta [sic]. Não está vendo logo que eu não sou alemão?
E como os dois amigos se entreolhassem surpreendidos, o homenzinho acrescenta:
- O que eu sou é cearense. Estou aqui me defendendo.
E leva aos lábios o copázio de cerveja, com uma calma épica.²⁹¹

Na sequência do episódio do bolão, Armando e Geraldo são surpreendidos pela figura do cearense. Mesmo com a ameaça armada, ele se manteve calmo, sereno, e contornou a situação sem indisposições maiores.

Nesse diálogo, o escritor demonstrou que a violência empregada poderia recair sobre inocentes, mas que eles não se incomodariam por entender que isso faria parte da salvaguarda de interesses nacionais – parafraseando a passagem, “em não sendo alemão, não tenho com que me preocupar”.

Outro ponto relevante na citação é a identificação da figura: “O que sou é cearense”. Nota-se que a personagem não afirma ser brasileiro, ratificando o posicionamento de Vianna Moog, quando percebia um país fragmentado em identidades regionais e a presença de enclaves

²⁹¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 50.

étnicos não integrados à Nação. Isso significa dizer que a identidade regional e a identificação com os países de origem (no caso dos imigrantes) era mais forte que a nacional. Ademais, a referência que o escritor usou para qualificar a personagem deixou transparecer construção estereotipada, quando o definiu como “homenzinho”.

Destarte, as palavras do promotor demonstram o desprezo pelo povo do norte, afirmando sua inferioridade racial e, por conseqüente, reafirmando a superioridade do Sul. A mistura das raças colonizadoras do Sul, açorianos, charruas, bandeirantes, alemães e italianos, teria gerado um substrato humano de melhor qualidade do que aquele constituído no Norte do país. Na subdivisão que ele fez em relação aos lusos – portugueses e açorianos –, os primeiros eram vistos de modo pejorativo, enquanto os outros representariam melhor o grupo por serem descendentes dos celtas.

Para o promotor de Blumental:

- A prosperidade do Sul vem da raça. Somos um povo mais forte e decidido.

Geraldo permaneceu calado.

- Então lá se pode comparar a nossa gente – continua o outro – uma mistura de açorianos, de charruas, de bandeirantes, alemães e italianos, com a mestiçagem do Norte? Note-se: falei açoriano. Não confundir açoriano com português... É outra coisa. O açoriano é celta... Não, não me venha defender êsse [sic] pessoal de perna fina e cabeça chata.²⁹²

Essa fala apresenta elementos de uma representação coletiva arraigada naquela região, onde os estados do Sul do Brasil sustentariam os do norte, isso em razão da pobreza e do atraso decorrente da incapacidade da população nortista. No texto, as personagens do promotor, do prefeito e do secretário defendiam a fragmentação do país:

- O que temos que fazer é separar o Rio Grande – afirma o promotor, olhos postos no prefeito como a pedir aprovação. E como visse que o chefe aprovava com a cabeça, acrescentou:

- O Norte é o pêso [sic] morto do Brasil: só dá sêca [sic], impaludismo e febre amarela. [...].

[...]

- Não, o Rio Grande só ficaria muito pequeno – interrompe o secretário. – Podíamos incorporar Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Precisamos de São Paulo por causa do café e da indústria.²⁹³

²⁹² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 68.

²⁹³ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 64 e 65.

O separatismo, com base na referida visão contextual, aparece como uma solução óbvia e eficaz para o processo de exploração que o sul sofre, por ter que “sustentar o fardo” da economia nacional. Esse Sul precisaria livrar-se do restante do Brasil por ver nele um fardo pesado.

O confronto entre a ideia separatista, a crítica à superioridade racial e o progresso do Rio Grande do Sul foram retratados em vários momentos da trama. As considerações de Geraldo em conversa com o caixeiro-viajante Maurício Vanderley são significativas:

Geraldo cortou a palavra do outro, e prosseguiu:

- É por essas e outras que não acredito em superioridade de raça. Enquanto não me provarem que uma raça possa independer das condições do meio, reservo-me o direito de não levar essa história a sério.
- Mas uma coisa temos de reconhecer: o progresso do Rio Grande do Sul está sendo feito pelos alemães.
- Pudera! Deram para eles de mão beijada as melhores terras do Brasil!... Esteja certo, entretanto, que se o governo, em vez de entregar-lhes este seio de Abraão, com um clima de quatro estações definidas, como o europeu, os tivesse localizado no Ceará ou no Amazonas, as coisas não seriam assim tão fáceis.²⁹⁴

A realidade observada no norte do país permitiu que Vianna Moog, fazendo uso da literatura, pudesse desenvolver suas concepções sobre os diferentes “Brasis”, que precisavam ser integrados com a construção de uma identidade nacional. Nessa ótica, parece traçar por detrás do texto literário um perfil, um quadro, um panorama sociocultural de um país marcado por características próprias, singulares, regionais.

Em *Um Rio Imita o Reno* ficaram evidenciadas concepções fechadas e restritas acerca das regiões, como demonstrado através da defesa do separatismo, através do germanismo e os riscos à integridade do país. Ou seja, a unidade nacional estava ameaçada e eram necessárias medidas enérgicas do Estado para manter o seu território íntegro.

As personagens do romance que defendem o separatismo, elas o fazem justamente por representarem a naturalização de um discurso historicamente produzido, de que o Sul seria desenvolvido, forte e economicamente produtivo, em detrimento de um Norte/Nordeste pobre, castigado pela seca, e povoado por incapazes e preguiçosos. Dessa maneira, separar o Sul significaria livrar-se de um pesado fardo.

As tradicionais famílias alemãs Wolff e Kreutzer impuseram sua visão de mundo, seus valores e prerrogativas devido a sua influência política. Para além do bairrismo presente na

²⁹⁴ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 164.

obra, evidenciado nas falas que denotam a supremacia sulista, é necessário compreender como essa construção de região, estabelecida não só pelo viés geográfico, mas também étnico, social e econômico, coloca-se de forma a impedir a formação de uma identidade nacional. Geraldo representa essa relação: o que estava à frente de seus olhos remetia-o a uma realidade tão distinta da que lhe era costumeira que parecia ter singrado o Oceano Atlântico, desembarcando longe das terras brasileiras ou, melhor, na Alemanha.

O regionalismo literário presente no decorrer do texto também carrega, em suas entranhas, aspectos socio-históricos muito significativos. Os regionalismos fragmentam o país e, dessa forma, não se constrói apenas uma ideia ou conceito único de Brasil, mas, sim, diversas, diferentes e rivalizantes noções deste. Dessa forma, Vianna Moog aponta para a existência de um conjunto de “Brasis”, e invariavelmente incompatíveis e conflitantes aos olhos dos diferentes brasileiros advindos desses diferentes rincões.

No decorrer da história da Literatura brasileira percebem-se exemplos em que se evidencia esse embate entre o nacional e o regional, algo perceptível e palpável em *Um Rio Imita o Reno*. O Romantismo serviu em muito para o propósito de um projeto nacionalista²⁹⁵, principalmente por conta do contexto histórico onde se desenvolveu. Mesmo em outra época, e fora da classificação do Romantismo, o romance de Vianna Moog tem, por exemplo, o aspecto contextual e a tomada dos acontecimentos do Brasil e do mundo na década de 1930, elementos que foram fundamentais para plasmar o enredo. Candido, sobre tal estilo literário, afirma que:

Em nosso país, a pesquisa da “realidade” pela ficção, [...] integrou um projeto nacionalista. Isto fez do romance uma [...] forma de pesquisa e de descoberta do país. O ideal romântico-nacionalista de criar a expressão nova de um país novo encontrou no romance a linguagem mais eficiente.²⁹⁶

O estilo realista (do Realismo literário) também consolidou no Regionalismo as expressões regionais. Nesse estilo, o meio, as relações sociais e o ambiente geográfico são elementos fundamentais para a composição dos enredos e das personagens. Essa característica também é encontrada em *Um Rio Imita o Reno*. As reflexões de Geraldo a partir do rio Amazonas, e com base no contato com o rio de Blumental, caracterizam essa relação do espaço com a construção das expressões regionais. Nesse ínterim, Candido elucidava dizendo:

²⁹⁵ Obras que servem como exemplo de tal propósito: *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida e *O Guarani*, de José de Alencar.

²⁹⁶ CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*, p. 112.

Consistiu basicamente em rejeitar o idealismo das narrativas românticas. Seus seguidores preconizavam, entre outras coisas, maior realidade na descrição dos costumes em geral, nas relações entre os sexos em particular, bem como um senso menos convencional no estilo e na análise dos caracteres. [...]

[...] o tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos personagens por meio dos fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. Os seres aparecem, então, como produtos, como conseqüências de forças preexistentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das condições.²⁹⁷

Um Rio Imita o Reno é romance e ensaio, produzido à época do Neorrealismo, com características do Romance de 30²⁹⁸. É um texto em que se observa um trabalho de relação entre espaços, sociedades e concepções distintas, em vezes conflitantes, em vezes consonantes. O Autor se preocupa em “[...] apresentar o espírito humano [...] em correlação com o seu ambiente imediato, em retratar o homem [...] em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades da raça e da tradição.”²⁹⁹

As relações entre o espírito humano e ambiente e as particularidades de raça aparecem substancialmente na obra. É preciso considerar que isso é feito em dois eixos: Geraldo Tôres [sic] (trazendo consigo as características do Norte do país) e a cidade de Blumental (instituindo as características da parte do Sul do país colonizada pelos alemães).

E tendo se dado por vencido, em vista da suspensão das obras da hidráulica, seu retorno ao Rio de Janeiro e o afastamento forçado de sua amada Lore, Geraldo despediu-se em *Um Rio Imita o Reno* da seguinte maneira:

Geraldo saiu a caminha sòzinho [sic] dentro da noite, à luz dos combustores. O ar fresco que vinha do mar lhe fazia bem, [...].
Acendeu um cigarro. E foi como se a luz do fósforo tivesse a virtude de invocar por um instante todo o mundo que ficara para trás. Lore... Os Wolff... [...] Blumental... Tudo...
Nuvens brancas corriam para o Sul. Geraldo se deixou ir ao embalo das recordações. Lore estava no seu sangue, incorporara-se definitivamente à sua vida sentimental. Sabia que lhe seria difícil, que lhe seria impossível esquecê-la [sic]. Pressentiu o gôsto amargo das horas de saudade e solidão que iria passar em Mato Grosso. Que grande fardo, o sentimentalismo – refletia êle [sic]. Seria muito melhor ter uma alma de

²⁹⁷ CANDIDO, A. & CASTELO, J. *Presença da literatura brasileira: das origens ao realismo*, p. 282-286.

²⁹⁸ Conceito tratado no segundo capítulo do trabalho.

²⁹⁹ COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*, p. 235.

ção, como Frau Marta, como muitos daqueles alemães que êle [sic] conheceu em Blumental.³⁰⁰

Que motivos fizeram Geraldo recuar, e não voltar para confrontar os Wolff para ficar com Lore, seu grande amor? A resposta é dada pela própria personagem, quando fez o seguinte raciocínio: “No fim das contas – concluiu Geraldo – tudo está certo. O errado sou eu. Como sempre”.³⁰¹

A dor demonstrada por Geraldo, aos não encaixar-se, fica demonstrada quando refletia acerca de seu destino:

Estranho o seu destino, pensou tristemente. Do Amazonas, onde todos o queriam, ele fugira. De Blumental, onde queria ficar, tinha sido expulso. Mas aquela terra misteriosa, de iaras e botos, de assombrações e mistérios, ficara dentro dele, às vezes como um sonho doce, outras, como um pesadelo terrível. Que recordações lhe deixaria Blumental?³⁰²

O sentimento de desterro que havia sentido no início do romance, mas que se desfez aos poucos graças às negociações e interações culturais que promoveu, voltou de forma estrondosa pela negativa de sua inserção. A expulsão de Blumental fez com que Geraldo novamente se sentisse despatriado: “Sim, iria embora daquela terra que não o aceitara, apesar de todas as suas intenções cordiais, daquela cidade onde ele se sentira como um estrangeiro.”³⁰³

Outros aspectos relevantes circunscrevem as memórias da personagem em relação à avó Frau Marta e ao neto Paulinho. Eles representam as diferenças entre as gerações da colônia germânica: a tradicional, cisuda, fechada, e a nova, aberta às experiências de hibridações e à integração na nova nacionalidade.

A primeira exemplificou aos olhos do engenheiro o grupo germânico com o qual teve problemas. A expulsão de Geraldo não resultou na vitória de Frau Marta e de seus ideais. Na sequência do romance, o drama da família granha novos episódios. Inicialmente, Lore adoeceu. Acometida pela febre tifoide. A partida de seu amado teve muito a ver com isso, visto que a doença fora provocada pelo consumo de água contaminada.

O fantasma do engenheiro amazonense teimava em atormentar a vida de Frau Marta, considerando que o quadro de saúde da filha se agravou dada a tristeza que também a consumia,

³⁰⁰ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 212.

³⁰¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 153.

³⁰² MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 197.

³⁰³ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 180.

pela ruptura do romance com Geraldo. Em muitos momentos de delírio, sonhava com o amado e chamava pelo seu nome.

Paulinho, mesmo sendo neto de Frau Marta e membro da família Wolff, não despertava em Geraldo sentimento ruim, pelo contrário, sobre o menino lançava um olhar de esperança. Quando o engenheiro se questiona acerca do que aconteceria com Paulinho, se “fariam dele um brasileiro ou um alemão”, demonstrou haver a possibilidade de um novo ser, talhado a partir dos embates existentes.

Tornou a pensar em Paulinho. Qual seria o futuro do menino? Fariam dêle [sic] um brasileiro ou um alemão?... Que destino estaria reservado à nova geração? Em que mundo haviam de crescer? Que lutas enfrentariam?

Era inútil estar a se fazer perguntas como aqueles...

[...]. E ficou olhando o mar, desejando absurdamente que tudo aquilo nunca tivesse acontecido.³⁰⁴

Geraldo compreendia que sua realidade não seria alterada, e que não havia condições para lutar contra as barreiras étnicas responsáveis por separá-lo de Lore. Já na figura de Paulinho enxergava a possibilidade de mudança ou, no mínimo, de luta para a transformação desse quadro. As gerações futuras poderiam, assim, construir uma nova perspectiva identitária, híbrida, capaz de vencer os enclaves étnicos então existentes.

A esperança acerca das novas gerações também foi demonstrada com a seguinte passagem:

[Karl Wolff afirmou] – Não, essa repulsa é inata no branco.

- Absolutamente [respondeu Dr. Stahl]. Agora mesmo encontrei aí na calçada o Paulinho brincando com os mulatinhos do Cardoso... Estava alegre e não me parecia repugnado. Pelo contrário: nunca o vi tão contente. Imaginem que nem quis vir comigo.

- Vá buscar o Paulchen, já, já – ordenou Karl à mulher, que até aí não tinha dado uma palavra.

- Desta maneira, quando ele tiver quinze ou vinte anos, dirá, como vocês, que nunca pôde suportar negro – observou Stahl.³⁰⁵

Vencer o preconceito em favor de uma sociedade brasileira coesa e unida dependeria da mensagem passada às novas gerações. Somando as duas referências do livro, percebe-se que os discursos direcionados às crianças representavam o futuro, a completa superação do racismo,

³⁰⁴ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 212.

³⁰⁵ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 127.

da superioridade alemã e a completa integração ao Brasil. Para Moog, lutar contra a difusão do germanismo significava lutar pelo futuro do Brasil.

A última parte da trama centra-se no núcleo familiar dos Wolff, que, além da espera pela melhora de Lore, a família esperava (e Frau Marta, de modo especial) a chegada do primo Otto, médico que passava temporada na Alemanha. Aguardavam sua chegada para saber as novidades e maravilhas do governo hitlerista. O sonho de Frau Marta era que a filha e o primo casassem, mantendo a pureza da raça.

Karl Wolff também tinha grande apreço pelo primo, criando expectativas acerca da importância dele na Alemanha de Hitler. Seria um orgulho sem tamanho receber um agente do *Führer* em sua casa:

Passava-lhe pela mente uma idéia [sic] que êle [sic] preferiu não formular em palavras. E se o primo Otto trouxesse uma missão do governo alemão? Sim, era bem possível. Havia colônias alemãs em todo o Sul do Brasil. Era preciso organizá-las, levar para a Grande Pátria documentos que dessem ao *Führer* [sic] uma idéia [sic] das possibilidades da colônia. Primo Otto... Missão secreta... Havia de lhe contar coisas, da-lhe-ia informações preciosas.

- De que é que está rindo, Karl? – indagou Frau Marta.

- De nada. Uma coisa que estou pensando...³⁰⁶

Quando Otto chegou, o sonho de Frau Marta e Karl Wolff se despedaçou, pois ele trazia más notícias. Apresentou as práticas de violência e coerção do Partido Nazista, tais como a existência de campos de concentração e o extermínio de milhares de pessoas, desfazendo toda a imagem bela de Hitler que os Wolff de Blumental possuíam. Para concluir a devastação, o primo ainda revelou veios judeus na composição do sangue da família. No romance, assim se dá o diálogo entre os Wolff:

Otto sacudiu a cabeça.

- Não sei onde vai parar a Alemanha com êsses [sic] malucos...

[...]

Herr Wolff estava intrigado, olhava do filho para a mulher, da mulher para o filho, atarantado, como a pedir-lhes explicação. Esperavam um soldado de Hitler, um emissário do *Führer* e lá estava um inimigo do regime...

- O primo não pode deixar de reconhecer as grandes coisas que o nazismo tem feito pela Alemanha – disse êle [sic], com voz um pouco alterada. – Salvou o Reich e a Europa da catástrofe comunista... e pôs ordem ao caos.

Otto escutava-o com ar céptico [sic], sorrindo.

³⁰⁶ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 174.

- Bem se vê que vocês só lêem [sic] os jornais nazistas...

- Temos amigos que nos escrevem da Alemanha – contrariou Frau Marta. – Todos eles são unânimes...

Otto interrompeu-a:

- Mas é claro, prima Marta. E a censura? O país tem 70 milhões de habitantes e 80 milhões de espiões. O marido não diz mal do partido nem à mulher, nem ao filho, com medo [sic] de ser denunciado. Vive-se num regime de apertos... Tantos gramas de manteiga e de carne por semana... Tudo em rações medidas... É horrível...

Karl animava-se:

- Mas a Alemanha é respeitada no mundo, o infame tratado de Versalhes foi rasgado e o nosso exército hoje é o mais poderoso do mundo.

- Ora! Isso é uma realidade de parada. A realidade cotidiana é negra: os campos de concentração... aperturas de tôda [sic] a sorte, perseguições, barbaridades, banimentos, assassínios...

[...]

- Os maiores pensadores da Alemanha estão exilados. Os nazistas ainda toleram Goethe, mas um dia ainda vão acabar descobrindo que êle era judeu...

Frau Marta fuzilou sôbre [sic] êle [sic] um olhar feroz:

- Goethe era ariano.

Otto encolheu os ombros.

- Depois que descobriram que nós temos sangue judeu, não duvido de mais nada.

Foi como se de repente a terra tivesse cessado de girar e uma súbita e aflitiva parada se tivesse produzido no Universo inteiro. Frau Marta não pôde [sic] deixar de soltar uma exclamação.

- Quê? – perguntou Karl, erguendo-se automaticamente [sic].

Otto esclarece, resignado:

- Descobriram que o nosso bisavô, de Frankfurt, tinha sangue judeu. Coisa que nenhum de nós sabia... Vi os documentos... Não há dúvida.

[...]

-Não é por outra coisa que estou aqui. Não que me obrigassem a vir embora, não... Mas a vida se tornou insuportável para mim. No Hospital, os colegas passaram a me tratar com desprezo [sic]... Um dia, ao chegar em casa vi escrito na fachada estas palavras: “Morra, judeu renegado!” Pode-se lá viver numa terra como aquela?

[...].

Frau Marta sentiu aquêle [sic] golpe no peito. Algo se tinha desmoronado dentro dela.³⁰⁷

Para o núcleo conservador da família (Frau Marta e Karl Wolff), as palavras de Otto impactaram profundamente. A imagem de Alemanha que eles mantinham era o ponto central da sua construção identitária e a matriarca da família perdeu a sua referência de tal modo que

³⁰⁷ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 181-184.

ficou incapaz de seguir lutando em favor da manutenção da pureza étnica e cultural que tanto prezava. Frau Marta ficou profundamente abalada:

Já não mantinha a rigidez dos velhos tempos. Andava taciturna, perdera o ar autoritário, a postura orgulhosa, já não gostava de dar ordens com voz de comando. Frequentava [sic] ainda mais a igreja e, quanto à Alemanha, ao arianismo e à pureza racial, ninguém lhe ouvira mais nenhuma palavra. Não se pronunciava mais o nome de Geraldo naquela casa. E por mais de uma vez Lore surpreendeu a mãe a fitá-la com olhares ternos, deluídos, onde parecia haver uma remota luz de remorso.³⁰⁸

Frau Marta havia, sim, conseguido separar Lore e Geraldo, conseguindo-o mediante o encerramento injustificado de uma obra vital para a saúde pública de Blumental, o que foi entendido por ela como vitória. A partir do momento em que primo Otto trouxe as notícias da Alemanha, destruindo todo o conjunto de crenças da matriarca da família, o remorso se sobrepôs à conquista.

Além disso, Frau Marta perdeu todas as suas referências, as suas ancoragens identitárias. Se ainda vivesse na Alemanha seria encaminhada a um campo de concentração, onde fatalmente seria morta nas câmeras de gás. Assim, viu-se incapaz de seguir controlando a vida dos membros da família, parando de impedir que o neto bricasse na rua com as crianças dos vizinhos. Isso mostra, de modo indiscutível, a proporção da devastação que a notícia que Otto trouxe da Alemanha:

- *Ach! Mein Gott.* O Paulinho fugiu de nôvo [sic], está lá na rua todo molhado, brincando com os moleques. Com os moleques... Que é que eu vou fazer?

Frau Marta parecia imersa num sono letárgico.

Lore olhou para a rua. No meio das cabeças negras e morenas havia agora uma loira. Reconheceu o sobrinho. Paulinho pulava e ria no meio dos moleques, dos mulatinhos do Cardoso e dos pequenos da vizinhança.

- Que é que eu vou fazer? – repetiu Ema.

Frau Marta ergueu os olhos. A princípio ficou com o ar abstrato de quem não compreendesse. Mas depois falou com voz apertada, surda, num retesamento de energias.

- Deixe o menino brincar... Deixe o menino fazer o que quiser. [...]. – Deixe que êle [sic] se crie de acôrdo com os seus instintos... Com a sua natureza.

[...]

Lore escancarou as janelas. Uma golfada de ar úmido e perfumado invadiu a sala. Lore abriu os braços num desejo de libertação e de vida.

³⁰⁸ MOOG, V. *Um Rio imita o Reno*, p. 188-189.

Por cima das casas, no céu nevoento, desenhava-se o arco-íris, o arco da aliança, como símbolo de alguma coisa que ela não compreendia com nitidez, mas que sentia de um modo tão agudo que chegava a ter vontade de gritar.

Quase no mesmo instante, as roupas ensopadas, os pés embarrados, sujando móveis e tapêtes [sic], Paulinho irrompeu pela sala, gritando:
- Vovó, olha o sol! Olha o sol!

Feixes de luz entravam em joros pelas janelas, espancando as sombras que se tinham adensado naquela sala, havia pouco ainda, povoada de fantasmas.³⁰⁹

Além dos elementos já esclarecidos, esse fragmento do texto vem carregado de impressões importantes acerca do enclave das gerações, e, a partir dele, das representações culturais e identitárias através das três gerações da família Wolff, que assim podem ser definidas:

- 1) Frau Marta representava o passado e suas concepções arcaicas e superadas. Materializava o germanismo em sua máxima potência: o orgulho da raça, o preconceito em relação às demais etnias, o culto à Alemanha e ao nazismo. Nas palavras finais do romance, via-se sua condição de derrotada. Era-lhe doloroso ver o neto brincando contente entre as “crianças de cor”, mas nada mais poderia fazer.
- 2) Lore representava o presente e sua condição de conflito. Ainda cerceada pelas velhas regras e ideologias, mas ávida por mudanças, por novos ventos, que soprassem perfumados de liberdade (no romance, a liberdade de relacionar-se com Geraldo, na relação com a realidade, libertação frente às segregações que enfraqueciam e limitavam a construção da nação). É ela a responsável por abrir as janelas para que a luz rompesse as sombras, ou seja, seria a geração do final dos anos 1930, à face do conhecimento³¹⁰, que traria razão ao debate acerca da identidade nacional e, por conseguinte, trabalharia na forja do povo brasileiro.

³⁰⁹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, p. 215 e 216.

³¹⁰ Como já apontado no segundo capítulo deste trabalho, a relação com o Iluminismo (luz do conhecimento que rompe com as trevas da ignorância) era algo já abordado por Vianna Moog na obra *Novas Cartas Persas*, como notória relação com *Cartas Persas*, de Montesquieu.

- 3) Paulinho representava a nova geração. O futuro da nação. Um povo que já haveria vencido a luta contra a segregação e que já vivesse sob a égide dessa nova identidade, miscigenada e híbrida. Sua entrada rompante na sala, molhando e sujando os móveis, representa a necessidade de mudança de um cenário, de transformação de um espaço social estabelecido em velhas e caquéticas estruturas e conceitos.

Notadamente, Paulinho e Lore vivenciavam o *entrelugar*. As amizades de Paulinho com crianças de outras etnias e o sentimento que Lore nutria por Geraldo, mostravam que a rigidez germânica, no sentido da pureza racial, não mais fazia parte de seus valores culturais, mas a distinção de serem brancos e alemães continuava. Mesmo assim, é preciso perceber que eles viviam sob a tutela e a autoridade da matriarca da família. Somente o tempo daria condição para que Paulinho e Lore pudessem dar vazão aos seus anseios.

Existiam diferenças fundamentais entre Lore e Paulinho no que se refere ao distanciamento dessa identidade alemã cristalizada na figura de Frau Marta. Ambos transgridem as regras, ambos estabelecem negociações culturais que não eram bem vistas pela matriarca dos Wolff, mas apenas um deles conseguiu de fato vencer a barreira estabelecida.

Lore recuou à ideia de entrar em contato com o amado. Pensava ela que seria melhor Geraldo “casar com uma mulher do seu povo”. A moça caracterizou a geração intermediária, do presente. Ela havia sido criada no bojo do germanismo, mas já se mostrava aberta à negociações com elementos culturais diferentes. Assim como Geraldo, Lore também estava no entrelugar, mas incapaz de desvencilhar-se dos elementos culturais de sua origem. A identidade alemã ainda lhe pesa muito sobre os ombros, e por isso ela decide por não tentar uma vida ao lado de Geraldo.

Paulinho, por sua vez, caracterizou-se como a geração seguinte, o futuro sonhado por Vianna Moog. Aquele que de fato vai abrir margem maior de negociação para o estabelecimento de uma hibridização capaz de vencer limites étnicos e culturais. Sua insistência em manter a amizade e as brincadeiras com “os mulatinhos do Cardoso” pontua fundamentalmente a superação da rigidez germânica no aspecto da superioridade racial. As três gerações dos Wolff coexistem e o poder de decisão ainda figurava nas mãos de Frau Marta, visto que dela vem a ordem “deixe o menino brincar”. É certo que a avó não concedeu a permissão por compreender que sua família deveria integrar-se à sociedade em que vivia e do questionamento de que pertencia a uma raça superior.

3.3. As concepções de Brasil e Brasileiro para Vianna Moog em *Um Rio Imita o Reno*.

Por ter experimentado realidades distintas no Norte e no Sul do Brasil, Vianna Moog vivenciou as diferenças regionais existentes no país e, a partir disso, as tornou seu objeto de estudo, apresentando isso através da literatura na década de 1930. Sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932 e a derrota do movimento renderam-lhe dois anos de exílio no Norte do país.

Desde quando Vargas assumiu a presidência, graças à Revolução de 1930, seu objetivo político esteve direcionado à centralização e ao autoritarismo. Para tanto, o desenvolvimento de uma identidade nacional seria passo fundamental, pois concederia ao presidente melhores e mais homogêneas formas de articulação de seu poder junto à sociedade brasileira.

O presidente havia descartado a ordem constitucional durante o período de governo provisório (1930-1934), o que lhe dava plenas condições de mando. Além disso, ao obter o apoio das Forças Armadas, esse projeto de unidade nacional sob sua tutela ganhava contornos mais definidos. Torna-se claro que essa conjuntura era pensada por Vargas de maneira unilateral e contribuiria no sentido de difundir seu plano de Brasil.

Estabelecendo as relações entre o romance e a realidade vivida pelo Autor, é possível afirmar certa negatividade da visão de Vianna Moog. A conjuntura da década de 1930 mostrava o tamanho do desafio para o estabelecimento de uma identidade nacional coesa. Os enclaves étnicos, os regionalismos e os preconceitos de cor eram sérios entraves que precisavam ser vencidos.

É justamente nesse ponto que se constitui o interstício entre História e Literatura na figura de Vianna Moog. Foi do contexto histórico e político dos anos 1930 e da experiência pessoal no Norte do Brasil que o Autor concebeu sua obra e, através dela, suas concepções acerca de povo brasileiro e da identidade nacional.

Analisando o contexto histórico da produção do romance, observa-se que o regime varguista, entre 1937 e 1945, desenvolveu extensivamente uma política de nacionalização que, como indicativo principal, visava barrar o avanço do perigo alemão. *Um Rio Imita o Reno* foi o material utilizado nesse processo, assim como afirma Vianna Moog:

[...] a confiança de meu amigo Marechal Cordeiro de Farias, atribuindo a *Um Rio Imita o Reno* o poder de convencê-lo a promover

com Coelho de Sousa a nacionalização do ensino no Sul do Brasil, produziram em mim maior satisfação.³¹¹

A nacionalização do ensino no Sul do Brasil combatia as práticas pangermânicas nas áreas de imigração alemã instituídas desde o período imperial. Aquilo que, no século XIX, foi entendido como salvaguarda do espaço territorial brasileiro, aquilo passou a ser considerado perigo à integridade do país, visto que os quistos étnicos representavam possíveis focos de separatismo. Vianna Moog percebeu que no Brasil inexistiu uma identidade sólida e coesa e que a sociedade brasileira deveria ser integrada numa grande coletividade.

Demonstrando suas preocupações com as questões nacionais, o escritor denunciou, em *Um Rio Imita o Reno*, o crescimento e o empoderamento do germanismo e a difusão do nazismo no Brasil, algo que considerava perigoso para a soberania do país. Seria preciso dissociar a ideia de germanismo da figura do imigrante alemão. Ser oriundo da Alemanha não representava problema, mas a postura prejudicial ao Brasil seria, então, a germanidade em solo brasileiro.

Por meio de seus escritos, deixou transparecer sua predileção pela miscigenação e pelas hibridações culturais para homogeneizar o país. Dessa maneira, seria preciso, em suas concepções de Brasil e identidade nacional, romper com o germanismo no Sul do país. Desse modo, a defesa da cultura e do passado alemão nas regiões de colonização germânica caracterizavam-se enquanto antagonistas à proposta de Vianna Moog para a composição da identidade brasileira.

A pluralidade étnica e cultural e a multiplicidade de imigrantes não convergiam, porém, para uma convivência pacífica. As rivalidades e rugas entre os indivíduos de diferentes etnias e credos políticos, sociais e culturais mostravam-se mais fortes do que os elementos em comum. Tais ponderações também foram fruto de sua experiência, na qual viveu duas realidades socioculturais em um só país. A geografia política dizia-lhe estar no Brasil, mas a geografia humana e cultural apresentava-lhe um país multifacetado e instável.

Vianna Moog ressalta toda a peculiaridade relativa à colonização no Sul do país, criando um quadro que, na perspectiva de Menezes, aponta para:

Um Rio Imita o Reno [sic] [...], primeiro romance e obra-prima do autor no plano ficcionista, [...]. Consolida-lhe [sic] o renome literário e assegura-lhe a presença no painel da ficção brasileira.
[...]

³¹¹ MOOG, V. *Um rio imita o Reno*, prefácio XI. S. P.

[...]. Explicam-se as agudas observações, que enriquecem o volume, voltada à colonização alemã no sul do país.³¹²

As considerações acima trazem consigo uma dúvida: o romance teria caráter de denúncia ao explicitar os enclaves étnicos no Sul do Brasil, ou enfocava a superioridade do Sul, e da colonização germânica? Se tomarmos isoladamente as palavras de Menezes, a impressão que se tem é que Vianna Moog teria valorizado o processo de colonização do Sul do Brasil a partir do enaltecimento de suas forças econômicas, porém outros olhares podem ser lançados, diferentes daqueles dos editores apresentados nos protocolos de leitura:

- 1) Olhando pelo prisma dos demais trabalhos de Vianna Moog, o ensaio *O Ciclo do Ouro Negro* dá indícios de que, sim, o Autor via com bons olhos a moral de trabalho dos colonos. Como já referido outrora (no segundo e no terceiro capítulos), sua concepção de povo brasileiro passava pela absorção desse valor pelos brasileiros.
- 2) Por mais que Vianna Moog demonstrasse apreço pela moral do trabalho característica dos imigrantes alemães, compreendia também que a postura inflexível, excludente e preconceituosa de parte deles atravancava o desenvolvimento da Nação, visto que, em seu entendimento, havia também elementos relevantes que deveriam ser absorvidos dos indígenas (como também já fora evidenciado no segundo e terceiro capítulos).
- 3) A possibilidade de explorar economicamente todos os recursos naturais do Brasil passava pela tomada eficaz dos conhecimentos de natureza que eram característicos das populações indígenas. Os imigrantes alemães que tentaram fazer a vida em terras amazônicas frustraram-se e abandonaram a região, pois não conseguiram “vencê-la”.
- 4) Vianna Moog segue a linha de raciocínio acerca de uma formação ideal de povo brasileiro, quando, através das personagens do romance, estabelece juízos de valor em relação às etnias, de modo mais direto em relação ao branco (alemão) e ao indígena. O Autor constituiu na personagem Geraldo Tôrres [sic] o exemplo mais

³¹² MENEZES, G. B. *Intérpretes do Brasil*, p. 288.

sólido daquilo que acreditava ser o genuíno brasileiro, efetivamente apto a vencer os desafios naturais do país em favor do progresso.

- 5) Em âmbito político, e no bojo do contexto histórico mundial, *Um Rio Imita o Reno* fora utilizado pelas secretarias de educação de Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no intuito de combater o germanismo e para a consolidação de uma identidade nacional una e coesa.

Desse modo, é possível aferir que, ao passo que Vianna Moog caracteriza positivamente o crescimento econômico do Sul, também apresenta sua preocupação na tomada ativa e próspera das demais regiões, com ênfase ao Norte. Para tanto, somente a moral de trabalho do colono europeu não seria suficiente, pois lhe faltaria o conhecimento sobre o inóspito ambiente da floresta amazônica, fator que historicamente fora constituído pelos nativos.

Como já antes dito, o livro foi escrito com base nas experiências vividas após o exílio forçado no Norte do país. As angústias e a melancolia que invadiram a personagem não seriam as mesmas que inundaram o Autor? Seria então a personagem principal do romance, em certo sentido, uma projeção³¹³ desenvolvida por Vianna Moog? A ideia de que tenha passado por situações semelhantes, mas em sentido contrário, buscando familiarizar-se a um novo espaço relacionando-o àquilo que conhecia de sua vida no Sul do país, permite ratificar a noção de alterego.

O Autor chegou a essas considerações por ter se deparado com uma realidade social e cultural completamente diferente daquela da qual era oriundo. Nascido, criado e educado no Sul do país, ele assistia diante dos seus olhos o desfile das cores que formavam a população da região Norte. Era outra forma de ver o mundo, outra forma de ser no mundo, o que possivelmente lhe acarretou a sensação de estranhamento em relação ao local onde se encontrava. A necessidade da criação de laços identitários com o novo espaço rendeu-lhe pelo menos duas obras (*O Ciclo do Ouro Negro* e *Um Rio Imita o Reno*), bem como sua proposta de identidade nacional.

³¹³ Termo da Psicanálise desenvolvido por Sigmund Freud e aprofundado por sua filha Anna Freud. Trata-se de um mecanismo de defesa em que sentimentos e/ou vontades ameaçadas ou inalcançáveis de uma pessoa são reprimidos e, a partir daí, atribuídos a outra pessoa ou personalidade. Sobre isso, ver: FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed, 2006. No campo da Análise do Discurso, Eni Orlandi trabalha a projeção a partir da linguagem quando afirma de sua não neutralidade. Todo discurso é a definição e/ou compreensão de uma ideologia e esta é fruto das condições do sujeito e seus sentidos. Sobre isso, ver: ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

Vianna Moog está presente em muito daquilo que compõe a personagem Geraldo Tôres [sic], principalmente quando o narrador se insere no texto, explicitando os pensamentos da personagem, bem como os seus sentimentos. As subjetividades deixam transparecer a simbiose entre Autor e personagem, visto que compartilham angústias, sentimentos e desejos, mas em universos inversos e conjunturas distintas.

Geraldo representa a ideia do que seria o legítimo brasileiro: mestiço, híbrido e etnicamente superior. Esses predicados colocavam-no em uma condição melhor. No romance, Vianna Moog valorizou os traços e as características da personagem:

Êle [sic] era moreno como o chão do pátio, como a casca dos pinheiros, tinha a poesia do vento, a fôrça [sic] do sol. Era filho duma terra nova, duma raça adolescente, duma civilização diferente da européia [sic], duma civilização sem preconceitos absurdos, sem a obsessão do heroísmo e da guerra. Geraldo estava, sim, na paisagem.³¹⁴

Ao ser filho de uma nova terra, uma nova raça e uma civilização, que não trazia os problemas de da Europa, Geraldo materializava o brasileiro nato, aos olhos do Autor. Para dar ênfase ao processo, Vianna Moog também ratifica que o engenheiro havia absorvido os valores positivos das etnias do Velho Continente, pelo fato de ele ser enviado à Blumental para solucionar a questão de saneamentoda cidade:

A concorrência pública dera o primeiro lugar à sua Companhia, graças a êle [sic]. Geraldo Tôres [sic] repetia para si mesmo um dos trechos do laudo: “*Trata-se de um projeto completo. Tudo ali foi previsto. O técnico que o traçou fêz [sic] simultâneame nte [sic] trabalho de engenheiro, de bacteriologista e de higienista.*” Com êsse [sic] triunfo ficara definitivamente firmada a sua situação. [...]. No entanto, nada lhe custara menos do que aquêle [sic] plano.³¹⁵

O êxito de Geraldo na concorrência pública foi fruto dos atributos que apresentava por ser um brasileiro híbrido, miscigenado, tendo ele absorvido aquilo que Vianna Moog compreendia enquanto o melhor de cada grupo étnico. Assim a composição da personagem materializou o conceito de identidade brasileira para o Autor.

Evocando Geraldo para tratar de sua interpretação de Brasil, representou a personagem na figura de um brasileiro mestiço, imbuído dos valores necessários para dobrar a natureza em favor do progresso. Para Vianna Moog, era preciso ver o brasileiro em ação, agindo e interagindo com o meio, no sentido de compreendê-lo enquanto construtor do futuro do Brasil.

³¹⁴ MOOG, V. *Um Rio imita o Reno*, p. 188.

³¹⁵ MOOG, V. *Um Rio imita o Reno*, p. 4.

- Dentro deste cenário vi também o homem. Vi o caboclo bronzeado, bandeirante ainda não teatralizado, em luta contra a selva. Vi o nordestino, piloto de minúsculas jangadas, em luta contra o mar. Vi o colono, cooperando com a sua carne e o seu sangue nesse Brasil bem brasileiro, que, nas rotortas de meios geográficos tão diversos, prepara, com a contribuição de tôdas [sic] as raças, o tipo étnico, rijo de corpo e de alma, que os meus olhos deslumbrados já entrevêem [sic] no panorama do futuro.[...] ³¹⁶

“Um Brasil bem brasileiro”. Esse era o desejo de Vianna Moog. Isso era o que o Autor almeja para o país, e que se torna fulcral para entendimento de *Um Rio Imita o Reno* enquanto uma obra que interpreta Brasil. O que o ele compreendia por “bem brasileiro” apontava para a dissolução dos estrangeirismos, resultando, assim, na formação de uma nação integrada, unida e miscigenada, confluência de todos os raças existentes no território nacional.

Em suma, a conjuntura de enclave étnico composta no enredo da obra vai muito além da questão do preconceito, do germanismo e da difusão do nazismo no Brasil. Para além disso tratou das concepções de identidade nacional, pois, aos olhos de Vianna Moog, era difícil a tarefa de explicitar e criar uma identidade coesa, capaz de garantir e superar os elementos segregantes presentes no Brasil do final da década de 1930. Enfim, as discussões e teorias que foram plasmadas pelo Autor em *Um Rio Imita o Reno* conduziram por águas correntes seu vislumbre futuro de um Brasil miscigenado e híbrido, unido pelo patriotismo e pelo nacionalismo, capaz de galgar a prosperidade econômica e o progresso para a sociedade brasileira da primeira metade do século XX.

³¹⁶ MOOG, V. *Um Rio imita o Reno*, p. 210.

Considerações Finais:

A elaboração deste trabalho de pesquisa demonstra o quão é caro ao pesquisador debruçar-se sobre o objeto histórico através dos mais diversos prismas. De modo especial, entre História e Literatura no intuito de elucidar questões acerca da subjetividade humana.

Ao estabelecer essa análise, consolida-se a ideia de Vianna Moog enquanto um intérprete de Brasil. Sua obra *Um Rio Imita o Reno* é uma ficção histórica, subgênero de ficção que se constitui pela elaboração de um enredo pautado em eventos ou momentos históricos. Vianna Moog enfoca a questão da identidade nacional, denotando suas características fundamentais e seus desafios latentes ao final da década de 1930. A integração das colônias germânicas no Sul, e a superação dos quistos étnicos ali constituídos representavam o centro das preocupações explicitadas pelo Autor nas páginas do romance

Quando tratamos da vida e da obra de Vianna Moog (lembrando o foco na década de 1930 e nos ensaios *Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas*, além, claro, do romance que é objeto maior desta análise), percebemos como o Autor fez refletir em sua produção aquilo que vivenciou. Em contrapartida, sua consolidação nos quadros da intelectualidade brasileira influenciou na ascensão de sua carreira pública.

Tendo por base comparativa as obras de Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, que são, sem dúvida, os três mais importantes intérpretes de Brasil, foi possível verificar, em Vianna Moog, traços dessa mesma caracterização. Ele promoveu a produção de conceitos sobre o Brasil e seu povo e propôs projetos para o futuro, pautado em conhecimento embasado em estudos prévios, e isso ratifica essa caracterização.

Vianna Moog pontuou aquilo que pensava acerca da identidade nacional através da Literatura. A ficção histórica *Um Rio Imita o Reno* materializou o seu papel de intérprete de Brasil, preocupado com a questão da formação identitária nacional. Além disso, o embasamento de Vianna Moog constituiu-se nos ensaios por ele escritos (*Ciclo do Ouro Negro* e *Novas Cartas Persas*), responsáveis por analisar as dificuldades da efetiva tomada econômica da região amazônica e os problemas das relações políticas e sociais do Brasil durante o governo Vargas.

Tendo tudo isso por base, ao desenvolver o enredo do romance que lhe rendera o Prêmio Graça Aranha, tratou de afirmar que a miscigenação e a hibridação seriam os caminhos a se seguir para o estabelecimento de uma identidade nacional. Para tanto, o desenvolvimento disso dependeria da superação dos conflitos étnicos e do regionalismo segregante.

Então se constitui que, através da leitura e da análise de *Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas* e *Um Rio Imita o Reno*, foi possível desvendar alguns valores de Vianna Moog, a saber, o modelo étnico e os valores progressistas defendidos pelo Autor. A junção da moral de trabalho e de conhecimentos científicos trazidos pelos imigrantes com os saberes naturais de fauna e flora dos nativos brasileiros garantiria a formação de um povo capaz de vencer os obstáculos que barrariam o progresso do Brasil.

Em segundo lugar, Vianna Moog vivenciou experiências muito próximas daquelas que plasmou no texto para Geraldo Tôrres [sic] e os imigrantes alemães de Blumental. O entrelugar no qual se alocavam caracterizou o conjunto de negociações culturais e, daí por diante, de hibridações que davam a tônica da formação da sociedade brasileira à época.

Geraldo e os imigrantes alemães não logram êxito no processo de estabelecimento de uma casa, de um lar, ou seja, de uma identidade estável. Os imigrantes mantinham fortes relações com a terra natal, mesmo estando distante dela e não sendo possível retornar para lá. Assim, inseridos no Brasil, estavam divididos entre duas identidades nacionais: a alemã e a brasileira e as mesmas não eram conflituosas, pois poderiam identificar-se como alemães e como brasileiros. Poderiam ainda, como no caso das famílias Wolff e Kreutzer, identificar-se como apenas alemãs, embora a experiência diaspórica tenha transformado suas vidas, colocando-os a viver numa fronteira cultural. A formatação do discurso do Autor transformou em Literatura a temática identitária que o alarmava. Posteriormente, o Estado Novo mostrou-se também preocupado com essa conjuntura, o que fundamenta o caráter de denúncia acerca de um grave problema enfrentado pelo governo.

O projeto nacionalista/corporativista de Getúlio Vargas visava unir o povo brasileiro numa única identidade nacional, forte e coesa. Para tanto, a miscigenação e a integração cultural

seriam o caminho para a formação de uma grande nação. O Estado Novo, momento histórico no qual esse projeto ganha corpo em razão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), intervém no campo cultural justamente para sentimentos de agregação e pertencimento.

Cabe salientar, a partir disso, que Vianna Moog conseguiu inserir-se nas estruturas governamentais através de sua condição de intelectual. De inimigo do Estado em 1932, o Autor passou a ser membro do quadro da intelectualidade governamental, quando, por exemplo, foi incorporado ao plantel de escritores da Livraria Globo.

O contexto da publicação de *Um Rio Imita o Reno* e a importância e alcance nacional da editora catapultaram o livro para o sucesso – um romance que tratava da questão alemã e da formação de quistos étnicos no Sul do Brasil no momento da eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial. Parafraseando Vianna Moog, o livro aparecera na hora mais oportuna possível. O sucesso da obra, e de seu Autor, situa-se nesse interstício, de confronto ao nazismo e seus perigos.

A adoção do livro pelas secretarias de educação de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul para a nacionalização do ensino no Sul do país apenas corrobora o sucesso do livro e a inserção do Autor no funcionalismo público. A crítica em relação à formação dos quistos étnicos nas referidas regiões, a inserção do nazismo e os riscos à integridade nacional com o separatismo, como temas inseridos no enredo da obra, garantiram o apoio do governo, que enxergava na obra função social que contribuía para a unidade nacional e a formação da consciência dos cidadãos brasileiros em direção ao convívio pacífico e integrado entre os diversos grupos étnicos constituídos no Brasil.

Dito isso, é preciso ainda afirmar que o estudo proposto nesta pesquisa não encerra a temática. Novos olhares, em outros prismas e perspectivas, podem ser direcionados a Vianna Moog e a sua obra. Fica aqui instituído um olhar possível, que pretensamente deseja solucionar algumas dúvidas, mas, em contrapartida, criar outras tantas, capazes de impulsionar estudos futuros.

Referências

ADORNO, T. O ensaio como forma In: ADORNO, T. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGUIAR, L. V. de. *O preconceito racial na obra “Um rio imita o Reno”*: um paralelo com a atualidade. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 5. ed, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. São Paulo: Autêntica, 2011.

BLOOM, H. *O cânone ocidental*. São Paulo: Objetiva, 2010.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOMENY, Helena. Encontro Suspeito: História e Ficção. *Revista Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol.33, nº 1, 1990.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EdUSP, 2006.
- BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- _____. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000;
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 4. ed, 2013.
- CÂNDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CÂNDIDO, A. & CASTELO, J. *Presença da Literatura Brasileira: das origens ao realismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.
- CARDOSO, J. B. Hibridismo Cultural na América Latina. *Itinerários – Revista de Literatura*, nº 27. p. 79-90, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1127/914>> Acesso em: 30 jul. 2016.
- CARVALHO, E. de M. *Na terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete de Brasil*. 2011. 284 f. Tese (Doutorado em História) – UNISINOS, São Leopoldo.
- CARVALHO, J M. *Os bestializados*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- CASTRO, Therezinha de. *História documental do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, vol. 11, nº 5, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>> Acesso em, 10 mar. 2016.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CUNHA, P. R.; CABRAL, F. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- D'ARAÚJO. M. C. *A era Vargas*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- DÉCIO, J. O sentido ensaístico do romance de Virgílio Ferreira. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3242/2969>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- DIEHL, A. A. *A cultura historiográfica nos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira*. Porto Alegre: Evagraf, 1993.

- DOMINGUES, M. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Ed. Rotermond, 1977.
- FALCON, F. *História vultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FAUSTO, B. *A Revolução de 1930: História e Historiografia*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- _____. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/276782/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf> Acesso em: 20 mar. 2016.
- FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GERTZ, R. E. *Neonazismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: AGE editora, 2013.
- _____. *O perigo alemão*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GÓIS JÚNIOR, E. Movimento higienista e o processo civilizador: apontamentos metodológicos. *X Simpósio internacional: Processo civilizador*. Campinas: Unicamp, 2007. n.p.
- GOMES, A. de C. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, L. *História do Brasil nação: 1808-2010*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013. p. 41-90
- GUIMARÃES, D. T. *Dicionário técnico jurídico*. 6ª ed. São Paulo: Rideel, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOCHMAN, G. *A era do saneamento*. As bases da política de Saúde Pública no Brasil. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.
- HUNT, L., (Org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IRSCHILINGER, F. A. *Perigo verde: O Integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932 – 1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- ISBEN, H. *Um inimigo do povo*. São Paulo: L&PM, 2014.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, F. V. *O 1º Congresso Brasileiro de Escritores: Movimento intelectual contra o Estado Novo*. 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARIN, J. R. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Mai. 2010, n 7. p. 21-45. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/2Jerri.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2016.

MEDEIROS, M. M. de. *A construção da figura religiosa no romance de cavalaria*. Dourados: UFGD/UEMS, 2009.

MEIRELLES, D. *1930: Os órfãos da revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MELLO, J. R. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.

MELO, A. A. M. Associação Brasileira de Escritores – dinâmica de uma disputa. *Revista Varia História*. Belo Horizonte: UFMG. Vol. 27, nº 46, p.711-733, jul-dez 2011.

MENEZES, G. B. *Intérpretes do Brasil*. Niterói: Clube de literatura Cromos, 1997.

MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MOMBACH, C. *A representação da cultura brasileira teuto-gaúcha na literatura sul-rio-grandense contemporânea*. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

MONTESQUIEU, B. *Cartas Persas: com um estudo de Abel Grenier*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

MOOG, V. Discurso de posse da Cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras. Proferido em 20/09/1945. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=7590&sid=108> Acesso em: 10 set. 2014.

MOOG, V. *Novas cartas persas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1966.

_____. *O ciclo do ouro negro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1966

_____. *Um rio imita o Reno*. 4. ed. Porto Alegre: Livraria Globo, 1943. Imagem da capa. Disponível em <https://www.traca.com.br/livro/345672/>. Acesso em: 10 set. 2016.

_____. *Um rio imita o Reno*. 7. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.

_____. *Um rio imita o Reno*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Um rio imita o Reno*. 8. ed. Porto Alegre: Editora Globo/MEC, 1973. Imagem da capa. Disponível em <https://www.estantevirtual.com.br/sebolinhapaulista/Vianna-Moog-Um-Rio-Imita-o-Reno-8-Edicao-94880730>. Acesso em 10 set. 2016.

_____. *Um rio imita o Reno*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.

MOOG, V. *Uma interpretação da literatura brasileira: um arquipélago cultural*. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 2ª ed. 1983.

MORESCO, M. C.; RIBEIRO, R. O Conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. *ANIMUS: Revista Internacional de comunicação midiática*. Santa Maria: UFSM, v.14, n.27, 2015.

NEUMANN, R. M. A nacionalização do ensino na colônia Neu-Württemberg, noroeste do Rio Grande do Sul, durante o Estado Novo (1937-1945). *História Unicap*, vol. 2, nº.4, p. 204-217, jul./dez. 2015.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PESAVENTO, S. J. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, C. B. da; MACHADO, M. C. T. *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006. cap.1.

PETRY, L. *Episódio do Ferrabraz - os Muckers*. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1957.

PRADO Jr. C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIO, J. *O homem da cabeça de papelão*. Disponível em http://www.germinaliteratura.com.br/2009/lettera_brasilis3_mar09.htm. Acesso em: 07 jul. 2015.

SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SAID, E. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SANTOS, R. L. Clodomir Vianna Moog e a não integração do grupo étnico alemão no Brasil Estadonovista: uma análise a partir da construção do romance *Um rio imita o Reno*. *História Unicap*. vol. 1, nº 2, jul./dez. 2014, p. 192-205.

SEYFERT, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Revista Mana*, 1997, vol. 3, nº 1, p. 95-131. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100004> Acesso em: 29 jul. 2016.

SOARES Jr., A. R. *O drama dos ervais em Salva Trágica, de Hernâni Donato*. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados.

STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Tipos de sangria de seringueira e seus benefícios. Disponível em <<http://www.gestaonocampo.com.br/biblioteca/tipos-de-sangria-de-seringueira-e-seus-beneficios-2/>> Acesso em: 12 set. 2016.

VARGAS, G. D. *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.

VOGT, O. P. O alemanismo e o “perigo alemão” na Literatura Brasileira da primeira metade do século XX. *Revista Signo*, 2007, vol. 32, nº 53. p. 225-258. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/240/190>.> Acesso em: 20 jun. 2014.

WEINHARDT, Marilene (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2011.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre o romance do Sul*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

WHITE, H. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EdUsp, 1994.